

Oferta
-0. NOV. 1998

AÑO IV - N. 163
29
JULHO
1941
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

QUANDO A FRANÇA CAPITULAVA...

A estranha viagem do "Massília" a Casablanca!

(Veja nas páginas 16 e 17, uma emocionante descrição da política francesa de há 4 anos)



**VIDA
MUNDIAL**

Desde há dias, está reconhecido, pelo govêrno português, embaixador dos Estados Unidos em Portugal, o Sr. Henry Norweb que vemos na foto, após a entrega de credenciais em Belém.

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

Pátios floridos

AQUI, nas trazeiras da minha casa, é o Pátio da Paz. São doze casinhas estreitas e humildes, de postigo e trepadeiras floridas onde se aninha quasi uma centena de pessoas. Ruidoso e alegre, o Pátio da Paz é, também, zaragateiro. Toda por ali dá aquela palha, que questões maiores de morte ou de roubo nunca ali se adreparam. Mora lá, com um rancho de irmãos, a Bêlnha, costureira de roupas de baízo, airosa e delgada, que quis fugir, segundo se disse, com um mariola grávido, para isso das fitas, em Hollywood. A mãe, a Dona Rosa, chegou-lhe uma tarefa que a rapariga esteve entre a vida e a morte, com pensos de vinagre no rosto e oito dias sem se mexer no leito. Foi, nessa altura, um faldatório pela vizinhança — e a Bêlnha, envergonhada, retomou o juízo que lhe andava leviano e pôs-se de bem com o Carlos ferreiro, um belo moço, forte e desempenado, que à porfia lhe rondava a porta. Um dia destes, logo de manhã, o Pátio da Paz cresceu de alcazarras — como se, dentro daquela meia dúzia de palmos, houvesse uma cidade em tumulto.

O João sapateiro, com as calças enebadas, o tirapé, andava numa roda-viva, acenando com os braços; as três filhas da Xica Gorda, tôdas de chita azul e pé calçado, cantarolavam de satisfação — e o próprio Prudêncio, que todos os dias se stachava, muito direito e perfilado, gritou que lhe trouxessem a gravata. Quem passava na rua deixava, de soslaio, uma olhadela. E, como ninguém percebesse ao certo o que aquilo era, alguns iam ficando. Das trazeiras, as janelas abriram-se. A Dona Gertrudes, contrabandista e muito piedosa — dava sempre um tostozinho aos cegos da música — curiosa indagou. Respondeu-lhe do pátio um côro de vozes — e ninguém entendeu nada. Já à entrada da rua havia um magote de gente. Dois marçanos, com os cabeças, embasbacaram — e um galego, logo de manhã, perguntava: «se era ali que dazam as senhas do racionamento». As duas por três, veio o polícia, pachorrento, mãos cruzadas atrás das costas. Olhou, mirou, viu o ajuntamento — e, com um certo receio estampado no rosto, não houve-se ali motim ou alteração da ordem pública, entrou no pátio. Tôda aquela gente foi nas suas peugadas. Fizeram roda em volta do senhor guarda. Falou tudo numa algaraviada. E este, a rir, abalou. Agora havia mais entusiasmo. As raparigas e os rapazes davam as mãos e faziam um baile de descantes, e isto — santo Deus! — às dez horas da manhã. O que mais me interessava no meio daquilo tudo era ver a limpeza em que o pátio estava — e o apuro da «toilette». Vestidinhos de chita, calças de ganga bem vincadas, canetes, latas e dilhas velhas cheias de flores — e uma felicidade em cada rosto. O Tónio, que é da Ribeira, com grilhão de ouro, fato de alpaca, bom chapéu de caibado e um lenço vermelho espetado na albeira, gingando, dava tostões à miudagem que, aos guinchos, se agarrava às pernas. A um canto, o Jeremias e o Augusto, em camisola, martelavam uns barrote, que já me parecia um estrado. Então, num alvoroço, tudo correu à entrada do pátio, quando se ouviu o buzinar, na rua, dum automóvel. Foi um caso sério para o motorista meter o «Citroën» na estreiteza do pátio. Quem de lá saiu, já com o rapazio dependurado do guarda-lama foi o Carlos Ferreiro, de fato preto, camisa branca, sapatos de verniz, que o faziam coxear.

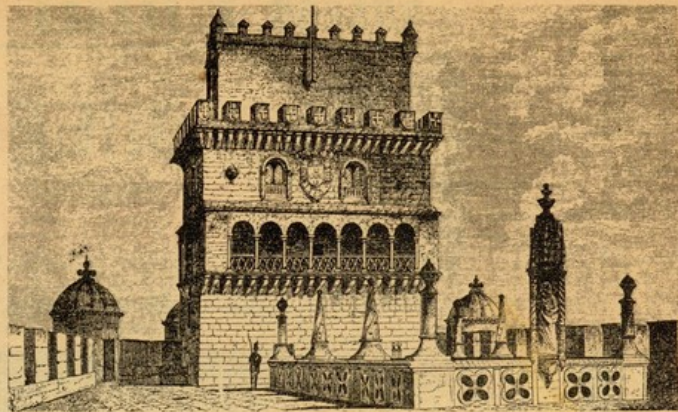
E soube — compreendi a alcazarras — que o Carlos ia casar com a Bêlnha, a linda costureira do Pátio da Paz. Que felicidade, que alegria, têm as almas simples quando se amam!

Foi no Pátio da Paz que nasceram, ali engatinharam, ali dormiram seitas, quando a inocência do sono deixava repousar duas crianças, abraçadas, sobre uma manta, à entrada da porta. Depois fizeram os anos uma separação inexplicável. Houve um entrave — um afastamento, que a borda e o salto alto são testemunhas. Ele fez-se homem; ela mulher — e os corações, embora perto, juntos, bateriam por outros anseios...

Ela quis esquecer-se do «pátio», do seu pátio — do vestido de chita, do namôro à porta, dos cravos do postigo. Via as raparigas do «atelier», tôdas de casacos de pele, meia de seda, sapato alto, o seu brilhante na orelhinha. E um dia um mariola falou-lhe, levá-la para o cinema, para a América, ganharia fama, rios de dinheiro. Aquilo foi uma tentação para a sua cabeçita louca. Mas a mãe, a Rosa Varina, entrou a tempo, antes que lhe dessem o passaporte. Tirou-a do emprêgo e encheu-lhe o corpo de nódoas negras.

E a Bêlnha reconsiderou. Afinal, a sua vida estava no Pátio da Paz. Já aí se casara sua mãe. Gostava de Carlos. Teriam filhos... e, quem sabe, se amanhã ela também não prepararia uma «starcia» por causa do cinema, da tentação, do luço, dos brilhantes, de tudo que nem sequer vale dois cravos e o sol do Pátio da Paz!

MANUEL MARTINHO



Os que estiveram presos na Torre de Belém

A entrada da barra, a dominar a majestosa perspectiva do Tejo, a Torre de Belém sobressai, como um dos melhores ornamentos da arquitectura militar do século XV. Diz-se que foi El-Rei D. Manuel I, o Venturoso, quem teve a feliz idéa de mandar erigir, junto do mar, aquela fortaleza com o fim de nos proteger da pirataria, que então infestava os mares, vindos da Argélia e de Tunes, e que já, por algumas vezes tinham cometido desastrosas nas costas do Tejo. O Mosteiro de Santa Maria de Belém já existia — e nele estavam preciosidades que as náus, de regresso das Índias e das terras do Oriente, traziam nos fundos dos porões. Dizem outros autores, porém, que a fortaleza precedeu o mosteiro — e que o plano da sua construção pertenceu unicamente a D. João II — que, infelizmente, o não viu realizar de vida.

Foi Garcia de Rezende, moço de Câmara de el-rei D. João II e seu cronista, quem fez o desenho — pois além de escritor, Rezende desenhava primorosamente.

Os trabalhos da construção da Torre começaram por 1495 — isto é, no ano em que D. Manuel II subiu ao trono.

As esferas armilares, as cruzes da ordem de Cristo, divisas do rei Venturoso, veem esculpidas em todos os lugares da torre.

Quando se terminaram os trabalhos da construção — el-rei mandou que ela tivesse, também, o nome de S. Vicente, em homenagem ao mártir, cujo nome e glória andam ligados aos princípios da nacionalidade.

O seu primeiro capitão foi Gaspar de Pavia. A Torre, bem armada, nunca teve, a bem dizer, uma grande função como forte. Tanto assim que, mais tarde, para defesa da entrada da barra, construiu-se o Forte do Bom-Sucesso — quando das invasões de Napoleão.

Depois, com a adaptação da Torre ao serviço militar, fez-se uma série de mutilações que, bárbaramente, desfiguraram o belo monumento. Segundo diz um escritor, mutilaram, reduzindo a meia altura, as ameias e as guaritas que cercam a bateria superior; edificaram na plataforma desta bateria uma casa de dois pavimentos para quartel da guarnição, obstruindo assim quasi todo aquêlo espaçoso eirado; desfizeram as pirâmides e mais ornatos das grades de pedra que circundam a grande abertura; taparam com alvenaria os sete arcos da varanda do primeiro andar.

O marechal Duque da Terceira que foi governador da Torre, mandou um dia restaurá-la — e os trabalhos, embora morosos, fizeram-se com acerto. Se a torre foi mandada construir com o fim de afugentar a pirataria que infestava os mares — o certo é que ela disso nunca fez uso... e, o muito uso que teve, foi como prisão de Estado, de bem trista memória. As suas masmórras, dimidas e algumas chelas de água serviram para albergar alguns dos maiores fidalgos, que, por política, conspiravam. Governando Portugal Filipe II de Espanha, ali morreu, na clausura e no meio dos maiores sofrimentos, o grande fidalgo D. Pedro da Cunha, pai de D. Rodrigo da Cunha, que foi Bispo do Porto, arcebispo de Braga e partido do patriota Prior do Crato e revoltoso contra Castela. Feito prisioneiro pelos traidores que se deviam em troca de ouro, foi arrastado da sua família para as

masmórras da Torre de Belém, onde, sem ver o sol, acabou os seus dias. Logo no principio do reinado de D. João IV, em 1641, outros fidalgos foram ali encarcerados. Estes, porém, pretendiam, ao contrário de D. Pedro da Cunha, entregar outra vez o reino às mãos dos espanhóis — a D. Filipe IV.

Eram eles: o Duque de Caminha, D. Miguel de Noronha; o marquês de Vila Real, D. Luiz de Menezes e seu pai; o arcebispo de Braga, D. Sebastião; o bispo de Martiã, D. Francisco; Frel Luiz de Meio, eleito bispo de Malaca; o conde de Vale de Reis, D. Nuno de Mendonça, o general governador do Alentejo Matias de Albuquerque, e muitos outros.

O duque de Caminha e o marquês de Vila Real foram degolados no Rossio, juntamente com o conde de Armamar e D. Agostinho Manuel de Vasconcelos. Os outros morreram nas prisões — tendo quatro deles, ainda assim, obtido a liberdade, com justificações. Hoje, a velha torre, naquele banco de areia, com o eterno gasómetro que tantas «charlas» deu aos nossos desenhadores, é um monumento público que pode ser visitado.

Tem uma sala muito curiosa: duas pessoas, uma em cada extremidade falam em voz alta e entendem-se — mas uma outra, colocada ao centro, não consegue ouvir uma palavra. A «E. N.» aproveitou há anos o cenário arquitectónico da torre para um concerto. Cheia de luz, numa paisagem de sonho, com o mar suave estendendo-se, infinitamente azul, uma multidão entusiasmada ouviu, pelo areal, transmitido por auto-falantes a Grande Orquestra Sinfónica.

A Torre de S. Vicente de Belém, à entrada do Tejo, é como que a primeira sentinela viva da nossa pátria, que o poder dos séculos vai ali a cada vez mais, enchendo de beleza!

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Leio sempre com interesse a Secção «Está de acordo com isto?», e, cá das plagas minhotas, também me atrevo a «pedir a palavra».

Para começar, ocupar-me-ei, hoje, da Auto Viação de Terras de Bouro L.^{da}, concessionária da linha Braga-Vilar, cujos horários dificilmente são cumpridos, com graves prejuízos para os passageiros, especialmente para os que se destinam a outras localidades, com ligação por Braga.

Como exemplo, citarei apenas que a carreira da manhã, cuja partida deveria ser às 7,40, sai ordinariamente meia hora atrasada, dando como resultado chegar também atrasada a Braga. Mas tudo isto não é nada, pois se algum passageiro se «atreve» a reclamar por melhor cumprimento do horário, o motorista sai do seu lugar e desafia o «insolente» para fora da camioneta, com ameaças e insultos. Por seu lado, o condutor também exerce a sua «autoridade», pois se um passageiro tem o bilhete relativo ao lugar n.º 4 e para fugir ao calor (as janelas não têm cortinas) pretende mudar-se para um lugar vazio, o condutor obriga-o a ficar à torreira do sol, sob ameaças de o pôr na estrada. E tudo isto no ano XLIV do século XX!

Luiz Americano — Terras de Bouro.

Há na Companhia dos Telefones um serviço de informações, pelo qual se paga cinqüenta centavos: é o 33. Pois acontece que esse serviço, informador do número de «goals» que o Benfica ou o Sporting estão a meter — não sabe dizer-nos, por exemplo, a que horas partem os combóios.

Eu conto: há dias, liguei para o 23142 — informações do Rossio — eram 21,50, para saber a que horas partia o próximo combóio para Sintra. O telefone chamou, chamou — ignoro

até que horas se prestam ali informações... — mas ninguém atendeu. Estava com pressa, não tinha outro meio de saber o horário — e liguei para o 33. A menina, porém, respondeu-me de lá: — Não sei, ligue para as informações do Rossio.

— Não atendem.

— Então, não sei — e desligou...

Pergunto: aquêles serviços não podiam — antes — não deviam — abranger informações desta natureza? Então, qual é mais útil: informar quantas bolas já meteu o Belenenses ou os horários dos combóios? Dando de barato que os serviços de informação do Rossio funcionam a toda a hora — quem gasta \$50 confiado num serviço informativo dos telefones deve ser obrigado a gastar outra chamada, recambiando-o para outro número?

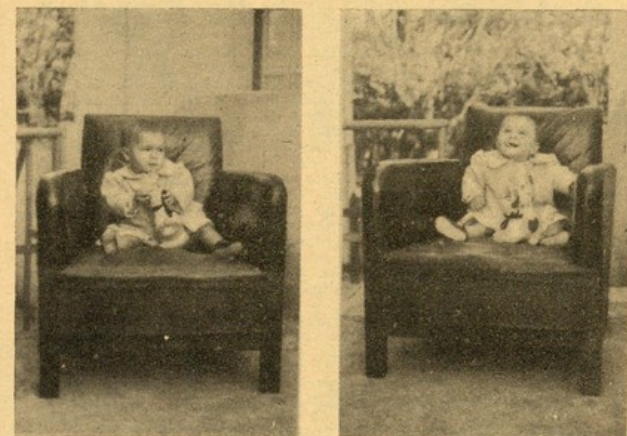
CLARA ASSIS DOS SANTOS — Lisboa.

A propósito de uma carta por nós publicada e assinada por Eitelvina Santos, referente à recusa de um registro pelos C. T. T., pede-nos esta Administração que informemos aquela nossa correspondente de que deve apresentar os seguintes esclarecimentos: data em que se passou o facto apontado; sendo possível, remessa àquela Administração de um papel no qual, sobre lacre, tenha sido impresso o sinete que serviu na carta em questão. As informações acima indicadas devem ser dirigidas ao chefe da secção de informações e reclamações, sr. F. Pedro da Silva, rua Alves Correia, n.º 20, Lisboa.

Entretanto, sem a menor sombra de tomar partido, mas apenas a título de esclarecimento a quantos o assunto possa directamente interessar, tomamos a liberdade de perguntar: não seria útil que os C. T. T. esclarecessem, no sentido de se saber se de facto é ou não autorizado o sinete, para registros ou não, que contenham «ex-libris», emblemas — tudo, enfim, que não sejam iniciais de nome individual ou firma?

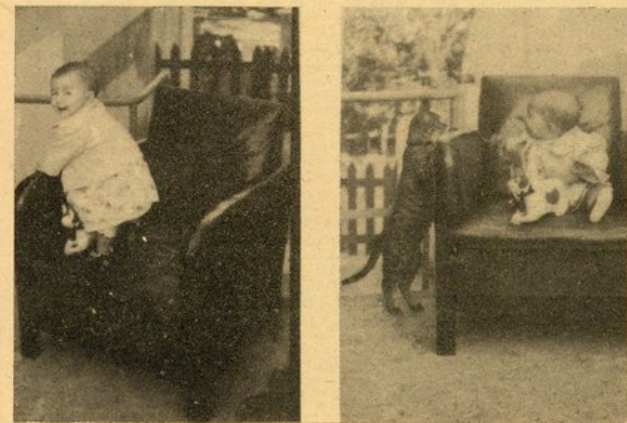
Se bem compreendemos, o que Eitelvina Santos escreveu, é este esclarecimento, principalmente, o que lhe interessa.

O MENINO E O GATO



O menino está no «maple» a brincar com o seu gatinho de pelúcia branca. O menino gosta muito do gatinho, faz-lhe festas, puxa-lhe o rabo e as orelhas. Mas, de repente, olha admirado...

Ah! Ah! Ah! que engraçado! O menino solta uma das suas gargalhadas cristalinas. Então não estava a fazer mistério de uma coisa tão simples? Afinal, o que é que vem lá?



De contente com a descoberta, o menino até se põe de pé. E, sem reparar, pisa o gatinho de pelúcia branca: Zás, zás, zás... O que o fez pismar é, nem mais nem menos que outro gato...

Sim, mas este meze-se, anda, tem nas pontas dos dedos qualquer coisa que o menino não sabe classificar mas que o faz pôr em resfêz pismar é, nem mais nem menos que outro gato...

À ESPERA DA LOTA...



AS ESPLANADAS À TARDE...

Já alguém disse que as esplanadas são montras. Mas de quê?

De muita cousa — mas, sobretudo, de «snobismo». Ninguém vai ali para beber e refrescar as guelhas — isso. A mesa fica alugada a tarde inteira, e só por decreto imperioso do estômago é que dali se sai à procura do jantar. Sentados, comodamente instalados, no espectáculo tem que ser bem gozado. Vê-se o movimento, o «tallim-tallim» dos eléctricos, a gente conhecida que passa apressada, cumprimenta-se, discute-se, lê-se — e mata-se, assim, o tempo. Quando se sobe a Avenida, a primeira esplanada que encontramos está cheia. Nós, se concordamos que «aquilo» é montra, também apreciamos estar ali um bom bocado a descaçar as pernas — e a sorver uma carapinhada. Não há uma mesa vaga. Muitas espanholas, gente que canta e dança, no Miami, no Cristal, no Negroscio, no Arcádia. Dormem durante o dia — e quando chega a tarde, logo pelas cinco, são pontuais na esplanada. O salão de chá, no verão, é pouco de apeteer. Bem sabemos que aquilo também não é para beber chá — mas para beber palavras — assim como o «café» é para vomitar discursos.

Mas é assim mesmo: a esplanada está cheia. De roda anda uma legião de «smirones». Que querem eles? Exactamente o que nós queremos: uma mesa devoluta. As espanholas muito pintadas, muito duvidosas... na côr dos cabelos... falam pelos cotovelos e fazer

tilintar os inúmeros braceletes. Fumam desastrosamente, como tôdas as mulheres desastrosadas que fumam. E, de perna traçada, com a boa meia de «vidro» (a-proposito quando se inventarão as meias de aço Irrompíveis?) são, como nos «dancings», uma atracção... internacional. Ao sol, debaixo dum toldo, vaga uma mesa. Logo, quasi a correr, meia dúzia de pessoas se lança à pressa. O que chega primeiro é servido... claro, pelo criado. Quem a alcançou foi um sujeito gordo e roliço — e mais uma vez verificamos que a imobilidade dos górdos é uma «blague». Sentou-se comodamente, depois de ter empurrado um rôr de gente e de ter espetado, no chão, com uma caneca de cerveja da mesa vizinha.

Andamos mais para cima. Esta esplanada é mais pacata. A de baixo é «Portugal-Espanha» — esta deveria ser sociedade das nações. Muitos refugiados. Franceses, belgas, ingleses, polacos — e alguns que foram polacos e agora são ingleses, numa miscelânea de línguas que não se entende. Juntam-se aqui, também, alguns escritores. Ferreira de Castro, Castro Soromenho, Assis Esperança, Julião Quintinha. E há jornalistas e pintores, poetas e «diletantes». O que não há, porém, é uma mesa vaga. Os criados, com os tabuleiros cheios, servem de casaco branco e barba feita — o que é uma grande cousa, num país como o nosso onde, fazer-se a barba, «trebenta» a pele!...

E não temos outro recurso senão seguir para a esplanada de cima. Outra vez muita gente. Gente em pé. Perguntamos a um criado: — Tem alguma mesa? — Daqui a bocadinho! Mas qual? Aquilo está tudo sentado com ar definitivo, o ar de quem se instalou na testa de ponte... Muitos já têm as canecas, os copos, as garrafas vazias. E, cansados, abrem a boca — mas arredar, isso, é que não é com eles.

Tornamos a caminhar. Havemos de arranjar uma mesa. Esta esplanada é dos artistas de teatro. Ali estão a Amália, a Hermínia, a Laura Alves — o Alvaro Pereira e um grupo ruidoso que discute — ou que aprova uma revista para o vizinho Parque Mayer.

Todo o mundo teatral ali está — só o que não está é uma mesa — uma mesa devoluta onde se possa abancar. E não há outro remédio se não voltar para trás.

Por fim — ah! por fim encontramos a almejada mesa. Olhamos, porém, o relógio. Sete e meia. Oh! diacho! são horas do jantar! E agora reparamos — que afinal tínhamos ido à procura da esplanada para beber uma cerveja, porque a sede era muita — nada bebemos, nada gastámos — e, quanto à sede, era impresso. É exactamente a mesma sede de todos que se sentam para beber... com os olhos!



Porque o gato grande tem orelhas, como o gato pequeno... E o menino faz comparações: também tem um rabo grande, como o seu «miuço» de pelúcia... Oh! como o «bebé» estuda atentamente!

Mas o gato indiferente vai-se embora... E «bebé» sorridente e impando de orgulho como um sábio que falou de cátedra, conclue filosoficamente: nada há de novo neste mundo. Até os gatos são iguais...

Armas secretas

AINDA a guerra não tinha começado já se falava das armas secretas. De resto, em todas as guerras, desde que o mundo é mundo e que o homem é homem, o elemento surpresa sempre deve ter sido contado com a influência fundamental na decisão dos combates, pelo que o engenho dos peritos se aplica, naturalmente, na pesquisa de meios de acção de que o inimigo não disponha, que o inimigo desconheça e a que, por isso, não tenha, pelo menos de momento, com que dar a réplica apropriada. A aparição dos «aviões sem piloto» — designação britânica — a que os alemães chamam, talvez mais propriamente, «bombas voadoras», tem de ser incluída dentro desta categoria. A sua existência já era, de certo modo, conhecida, por já os ingleses lhe haviam assinalado, há tempos, a existência. Mas o carácter episódico do seu emprego revelava, em boa verdade, que se estava na simples fase de ensaio. A própria circunstância de o seu emprego em grande escala se ter começado a fazer apenas depois de os exércitos anglo-americanos terem aberto a sua ofensiva a ocidente, saltando da ilha britânica ao continente europeu, não deixa dúvidas da importância que na Alemanha se atribuiu à nova arma.

Quais as consequências do seu emprego? E fora de dúvida que o elemento surpresa funciona com carácter fundamental. Mas a verdade é que a surpresa dura só nos primeiros dias. Depois, cada um ordena a sua própria vida, adapta-se às novas condições ambientes — e tudo marcha de novo.

A «bomba voadora» não foi a primeira arma secreta desta guerra — nem será, porventura, a última. Na fase crucial da guerra para os ingleses, quando estavam sózinhos em acção, quando a sua navegação sofria perdas consideráveis de grande escala, as minas magnéticas fizeram a sua aparição e causaram muitas baixas. O perigo não tardou a ser conjurado. Na sua erupção na guerra, ao lançar o ataque-relâmpago a Pearl Harbour, o Japão fez entrar em actividade os micro-submarinos. Passado o primeiro instante de estupefacção, o mistério detizou de o ser — e a tal ponto que os ingleses o empregam hoje, por seu turno, em larga medida. Na outra guerra, nos primeiros meses de 1918 — fase inquietante que preludiou para os Aliados o seu ímpeto vitorioso — quando a navegação aliada ia para o fundo, em grande percentagem, pelos ataques da arma submarina, e na frente terrestre, os alemães obtinham ainda os seus maiores êxitos, fizeram a sua aparição sobre Paris os «Göths», que transportavam bombas de diversos calibres, até ao torpedeiro aéreo de 300 quilos. Por essa mesma altura, em certa manhã de Março, Paris acordou ao fragor de uma explosão vellentíssima. Que fora? Toda a gente procurou chegar depressa aos abrigos, mas ninguém viu os aviões. De quarto em quarto de hora, nova explosão. Só a meio da tarde um comunicado do comando informou a população de Paris que a região de Paris foi bombardeada por um canhão de longo alcance. Era a famosa «Bertha» que dava o primeiro sinal de si. Depois, êsses sinais repetiam-se. «Göths» e «Berthas» bombardeavam Paris quando menos se esperava — e já se esperava sempre... A população afêz-se: a guerra faz estragos e vítimas — e toda a gente sabe disso, covarando-se de uma disposição psicológica especial, em que o perigo e a dor se sentem muito menos.

As circunstâncias próprias da guerra, principalmente o segredo que as conveniências impõem, não deixaram, naturalmente, que se tivesse, fora da Inglaterra, conhecimento, na medida exacta, dos efeitos da nova arma, do seu poder destruidor e, principalmente, do grau de desorganização provocado pelas suas explosões. O secretário do Home Office — ministro do Interior — sr. Herbert Morrison, na sua declaração oficial sobre o assunto, não foi pródigo em pormenores. Mas afirmou, naturalmente, que estavam em curso «contra-medidas», palavra que, de resto, é uma das últimas novidades do nosso vocabulário...

Em boa verdade, o «avião sem piloto» tem a vantagem de ser mais barato em vidas para o atacante — porque um «raid» normal de grande envergadura pode custar alto preço em vidas. Mas, para o atacado, a sua capacidade de destruição individual está longe das bombas de quatro mil quilos que os grandes bombardeiros deixam cair abundantemente sobre as cidades. Londres, em 1940, suportou com másculo e decisivo estoicismo o «blitz» aéreo alemão, fez-lhe frente e ergueu-se do seu próprio monte de ruínas. E estava-se longe, então, dos ataques das esquadras de mil aviões que, já hoje, passam, no noticiário dos jornais, quadi com o entusiasmado sabor de um simples «fait divers». Berlim tem sofrido dias desses poderosos ataques e, por muito que tenha sofrido em vidas, derruças e incêndios, mantém-se, como Londres se manteve há quatro anos.

O avião sem motor é, de facto, uma novidade, com todos os efeitos instantâneos do desconhecimento, mas está longe, evidentemente, ao menos pelo que dele se sabe até agora, de efeitos tão desastrosos como os de um bombardeamento concertado do tipo que já se pode considerar «clássico», longe, portanto, de qualquer carácter decisivo. No grau de desenvolvimento que a técnica atingiu hoje em todos os países, à surpresa responde-se com outra surpresa, igual ou parecida. A decisão da guerra operar-se-á, afinal, em campo raso. Se a aviação, hoje, como ontem a artilharia, destrói barreiras, fortificações, abrigos e toda a espécie de defesas, só a infantaria consegue, pela ocupação, a sorte de cada batalha. Mesmo que essa infantaria seja — no caso da táctica do «envolvimento vertical», experimentada e desenvolvida durante a actual conflagração — transportada pelo ar e lançada em paraquedas...

J. R. S.

«GO» — o jogo de guerra...

JAPÃO

FOI no Japão que nasceu este estranho e complicado jogo: «Go». Depois do «you-you» — lembram-se, que até o «Chlado» se divertiu com o inocente brinque-do? — apareceu agora, inventado pelos japoneses, o «Gô», espécie de xadrez e jogo de damas, levado pelos soldados invasores para a China onde os americanos o aprenderam a jogar...

Claro, a América tem espírito inventivo. Entretanto, não desdenha de aproveitar os inventos dos outros — mesmo que se trate de um inocente jogo de guerra...

Oficiais e soldados americanos entusiasmaram-se extraordinariamente com o «Gô». E, então, vá de o levar

para a América, onde está a ter um êxito formidável. Dizem até que, de algum modo, lhes faz compreender a estratégia nipônica. De facto, o jogo do «Gô» consiste em tomar espaços, cercá-los, consolidar posições, em executar movimentos envolventes.

Mixto de xadrez e damas, jogado com peões negros e brancos, é uma «descoberta» das academias militares japonesas e joga-se com nada menos do que 360 figuras. Uma partida de «Gô» dura, em média, duas horas, terminando o jogo com o desaparecimento total dos peões de um dos adversários.

Duas horas para conquistar cinquenta centímetros quadrados de cartão!

QUATRO LUAS DE MEL...

NÃO são de hoje nem de ontem. Mas algumas destas fotos pouco mais têm que meia dúzia de anos. De então para cá — quantas inquietações viveram os homens que estão nelas representados. Não só as inquietações trazidas pela guerra — mas também as inquietações do seu espectro, o não querer precipitar o mundo na terrível hecatombe em que afinal se afundou...

Então, os homens públicos, que também têm os seus problemas sentimentais, viveram os dias grandes da sua felicidade. Irmanemo-los, pois,

nesta galeria — sem nos lembrarmos de que hoje lutam do lado oposto da barreira. A felicidade, como o sofrimento, une os homens no mesmo laço e no mesmo amplexo. Aqui os vemos, odiando-se hoje e esquecendo-se, talvez, da hora distante em que foram felizes, correndo à Igreja para a mulher eleita pelo seu coração.

Ah! que se os homens se pudessem casar ao menos todos os dias uma vez — talvez se desabituassem de desarmar o próximo e não tivessem tempo para fazer guerras!...



Em Janeiro de 1923, casava-se «Miss» Beatrice Beckett com Mr. Anthony Eden que, por sinal, parece que era um bocadinho mais velho do que hoje...



Outro casamento feliz, realizado em Janeiro de 1919: Duff Cooper e Lady Diana Manners uniam-se pelos laços sagrados do matrimónio...



Hitler, que se vê ao fundo, apadrinhou o acto: em Janeiro de 1931, o dr. Joseph Goebbels casava em Berlim com Fr. Magda Quandt, gentilíssima, como se vê na foto...



Finalmente, a quarta lua de mel — êstes não casaram em Janeiro mas em Abril de 1935 — o marechal do Reich Hermann Goering e sua noiva Emmy Sonnemann...

AUSTRÁLIA

Quando os Aliados cantavam o «Tipperary» AINDA SE LEMBRAM DA CANÇÃO QUE FEZ FUROR NA OUTRA GUERRA?

A famosa canção do «Tipperary» teria, realmente, sido esquecida pelos soldados de hoje? Porque, ninguém que «viveu» a outra guerra, de longe ou de perto, se esqueceu dessa deliciosa canção que deu a volta ao mundo.

O seu autor foi Jack Judge, um negociante de peixe que morreu no hospital, em 1938, e que deixou uma avultada fortuna, ganha com o «Tipperary». Judge, desde pequeno, gostava de música e, principalmente, gostava de frequentar os cafés-concertos, tão populares no princípio do século. Ali encontrava muitos amigos a quem conflagava as suas produções, entre risos dos incrédulos e invejosos. Até que um dia foi desafiado: seria ele capaz de escrever, em 24 horas, letra e música para uma cançoneta?

Enfim, Judge ganhou a aposta: em cinquenta minutos compôs a melodia e, em poucas horas, escreveu os versos. Tinha prestado serviço militar na Irlanda, nas casernas dessa pequena cidade de Tipperary. Doces e

amargas recordações haviam ficado no seu coração, para lhe inspirarem a singeleza do texto — e que tão largas repercussões havia de encontrar na alma de muitos milhões de soldados.

Mais tarde, os marinheiros que passaram por Inglaterra, ouviram e gostaram da cançoneta que levaram para França. Um jornalista inglês, que estava em Boulogne-sur-Mer como correspondente de guerra, ouviu a canção e enviou-a, entusiasmado, para o «Daily Mail». No dia seguinte, o grande jornal publica, a toda a largura dapágina, a letra e a música do «Tipperary». Nessa mesma tarde, não era só Londres que cantava a popular música de Judge: toda a Inglaterra a entoava, entusiasmada, a plenos pulmões...

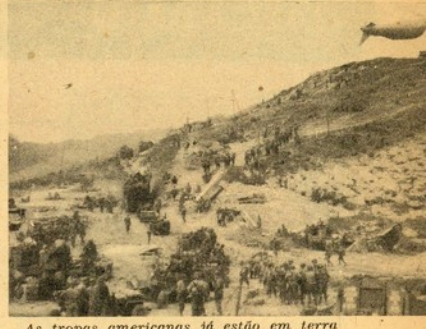
No dia seguinte, reclamava-se o «Tipperary» em todas as orquestras. Jack-Judge era lá célebre, e o pobre diabo que fora transformara-se num rico senhor. Os editores ofereciam-lhe verdadeiras fortunas — «Tipperary» era uma canção histórica, um símbolo de firmeza e confiança.



Pela madrugada, quando mal se distingue a terra, as tropas de invasão descarregam tanques, canhões e outros veículos armados. Através da ressaca, os passos dos homens são difíceis.



Precedidos pelo grosso das tropas e «Dukwas» — as forças invasoras americanas transportam grandes quantidades de material para as praias da Normandia. Ao fundo, um canhão vomita fogo...



As tropas americanas já estão em terra firme da Normandia, pouco depois dos desembarques de 6 de Junho corrente. Quantas surpresas, porém, os não aguardam?



O contra-almirante Alan Kirk, comandante da Armada dos Estados Unidos, o tenente-general Bradley, comandante das forças terrestres americanas, e o contra-almirante Hall, comandante das tropas de assalto, discutem já em França.



Eis um quadro comovedor formado por modestos camponeses franceses, acorrendo a saudar e a cobrir de flores os soldados da invasão que atravessam uma aldeia, recentemente conquistada.



Ao largo, fica o navio-hospital que levará, para Inglaterra, os feridos que os anglo-americanos, auxiliados por prisioneiros alemães, transportam para esta lancha.

A SEGUNDA FRENTE

FRANÇA

COMO FOI MARCADA A DATA DA INVASÃO

A segunda frente, há tanto tempo esperada e anunciada pelos mais diversos meios, tornou-se enfim uma realidade. Os cépticos e os apaixonados, embora por motivos opostos, tinham acabado por descrever da sua realização. Durante três anos, os estrategas tinham-na reclamado, os políticos tinham-na desejado, os jornais tinham proclamado a sua iminência e as multidões, sempre ingénuas, haviam exigido a sua realização sem preguntarem se estavam criadas as condições de a realizar.

O sr. Churchill mostrou-se sempre imperturbável perante a onda crescente destes clamores. Sempre que tinha de se referir publicamente ao assunto, era para dizer que o seu espírito se não deixaria influenciar por considerações políticas na realização duma tarefa que era puramente militar e sobre a qual apenas os militares deviam decidir.

QUANDO CHEGOU A SEGUNDA FRENTE

De tal maneira as coisas se passaram e tantos foram os adiamentos consentidos, que quando chegou a segunda frente tinha já deixado de o ser. Efectivamente a designação de segunda frente, aplicada ao recente desembarque anglo-americano na costa da Normandia, é imprópria. Sob o ponto de vista cronológico não se trata da segunda, mas da terceira frente. Sob o ponto de vista da importância militar do acontecimento e da sua significação estratégica, nada nos autoriza, por enquanto, a dizer que é entre o Havre e Cherburgo que vão travar-se as batalhas que, pela sua amplitude e pela sua influência no curso geral da guerra, hão-de constituir a contra-partida daquelas que, desde Junho de 1941, estão a travar-se na frente oriental entre a Wehrmacht e os exércitos soviéticos.

A batalha da Europa transformou-se, entretanto, numa imensa batalha de desgaste em que as acções fulminantes não são de prever. O que se passou durante as últimas semanas

em Itália, no litoral da França e na Finlândia, que voltou também de novo a ser um teatro activo de operações, diz-nos que estamos em presença duma fase da guerra em que os recursos e a tenacidade dos beligerantes valem mais para arrancar uma decisão, do que as suas armas secretas, que todas vinham a ser anunciadas, ou que os efeitos de surpresa que raramente têm o condão de surpreender o adversário.

OS PREPARATIVOS DO DESEMBARQUE

De qualquer maneira é evidente que os preparativos do desembarque que ingleses e americanos realizaram

na costa normanda, durante a madrugada de 6 de Junho, atingiram um grau de perfeição que raros poderiam prever. Os meios materiais postos em acção foram gigantescos, o que não constituiu surpresa para ninguém. Mas esses meios foram utilizados com um sentido de oportunidade e com um método que ainda não vimos excedidos, nem sequer igualados, no decurso desta guerra.

Esses preparativos estavam de há muito concluídos, mas a questão da oportunidade para abrir a segunda frente oferecia um alto interesse. A sua resolução não dependia apenas da vontade dos dirigentes anglo-americanos. Estava dependente dum conjunto de factores e de circunstâncias, estranhos uns, outros alheios à influência desses dirigentes.

A abertura da segunda frente precisava ser sincronizada com a marcha das operações militares na Rússia. Devia seguir-se, de perto, à entrada dos aliados em Roma e esta dependia sobretudo da vontade e dos recursos do marechal Kesselring. Finalmente devia coincidir com as condições de tempo favoráveis, sem o que a tentativa de desembarque se arriscava a transformar-se num largo irremediável.

A ÚLTIMA RECNIO

Quando o 5.º Exército americano, do comando do general Clark, ocupou a Cidade Eterna no dia 4 de Junho, estabeleceu-se em princípio a data de 5 para realizar o desembarque. Os Aliados desejavam aproveitar o choque psicológico que aquêle acontecimento provocara nos seus próprios países e sobretudo entre os seus inimigos. A decisão foi tomada numa reunião efectuada no Quartel-General do general Eisenhower, à qual assistiram, além do comandante-chefe, o Primeiro ministro da Grã-Bretanha, sr. Churchill, o marechal Smuts, que acompanhou de perto os últimos preparativos e illustrou com o seu conselho algumas das últimas decisões tomadas, o sr. Eden e o general De Gaulle, este último para fornecer esclarecimentos sobre a posição das organizações de resistência em França.

Essa reunião teve foros dum Conselho supremo, funcionando no último minuto, para tomar a decisão suprema. Esta não pôde, porém, ser cumprida com o rigor que se previra. As condições de tempo agravaram-se, de domingo para segunda-feira, e levaram a um adiamento de vinte e quatro horas, já depois de terem sido dadas todas as ordens necessárias, as quais tinham de ser cumpridas sem delongas que poderiam revelar tudo ao inimigo. Por isso o general Eisenhower assumiu, pessoalmente, a responsabilidade de dar ordem para que o desembarque se realizasse na terça-feira, 6 de Junho, que assim ficou na história como o dia «D» há tanto tempo anunciado e esperado.

ALEMANHA

DINHEIRO PARA A INVASÃO

A foto que o leitor vê aqui junto é muito curiosa e dá-nos o verso e o reverso das notas levadas pelos Aliados para a França, a par-

tir das primeiras horas da invasão, dentro de um plano estabelecido e até anunciado por Roosevelt, numa conferência com a Imprensa.



Os alemães, porém, atribuem outras finalidades aos «francos falsos», bem perto de um entendimento com a Rússia para bolchevização da Europa e inflação artificial, por meio de dinheiro falso, trazido aos vagões».

Nesta foto, vemos três notas de cinco francos, apanhadas a um inglês preso na região de Caen.



ARNALDO LEITE... PURO!

Um belo dia, há 58 anos, nasceu no Pôrto um gôrdo e risonho bêbé, de óculos sentimentais e bigode farfalhado, que a primeira coisa que fez ao chegar ao mundo foi sentar-se a uma secretária e principiar a fazer peças. Quando, sobre a pia baptismal, o sacerdote inquiriu que nome caberia ao recém, foi o próprio recém que respondeu, estendendo a já reluzente calva aos borriños da água benta:

— Arnaldo Leite!
E logo acrescentou, perante o natural assombro dos assistentes:
— Autor dramático...
Vão passados 58 anos — e aquêlle bêbé gôrdo e risonho, de bigode farfalhado e óculos sentimentais, continua exactamente, como quando nasceu, a escrever peças, muitas peças, sempre peças. Ontem de casa e pucarrinho com Carvalho Barbosa; hoje de braço-dado com Heltor Campos Montetro — a sua bagagem teatral preenche algumas malas. Tem de tudo: comédias, dramas, revistas, operetas, fantazias — e, no fundo, êxitos!
Nascido no Pôrto e para o teatro, o teatro e o Pôrto vivem, permanentemente, no seu espirito como duas imagens familiares. Bom coração, bom sorriso, bom apetite — eis a divisa dêste rechonchudo varão que vale quanto pesa ou seja noventa e tantos quilos, fora a cabeça. Nesta hora em que tanta coisa está falsificada no mundo, com que orgulho eu lhes assevero que êste Leite... não tem água!

À maneira de Américo Durão

«Era uma vez...» É sempre era uma vez
O cantochão eterno dêste Povo!
E eu que tenho fibra e que sou novo
Fiz da minha alma o espelho dum revés...

Trai-te, Pátria amada, pois não vês
Que a Alcácer-Kibir meus olhos movo:
E nos versos apenas canto e louvo
O que em saúde e névoa se desfez!

O misticismo ardente da derrota
Cinge meu coração, em vez da cota
Do guerreiro nobre, immaculado...

«Era uma vez...» «Era uma vez um rei...»
E pégo na guitarra e canto à grei
... .. Um fado!

MULHERES-ADVOGADAS



Assistimos, há dias, num grupo de senhoras e cavalheiros a uma discussão curiosa: se as mulheres davam ou não davam excelentes advogadas. Havia quem dissesse que sim e — como em geral sucede — havia quem dissesse que não. Apesar de haver algumas advogadas que honram a sua profissão, uma grande parte das pessoas descrê ainda da mulher togada. Porquê? No critério seguido não deixa porventura de influir o elemento tradicional. O homem-advogado existe há muitos séculos; a mulher-advogada existe relativamente há poucos anos. É natural que, com o andar dos tempos, as coisas se modifiquem. Pela parte que nos toca, julgamos que a mulher-advogada justifica duas atitudes. Se é bonita, diz-se:

- Que pena, advogar!
- Se é feia, murmura-se:
- Para que advogará ela?

CÃES



Na tarde em que se inaugurou no Jardim Zoológico a exposição de cães — duplamente notável pela beleza de alguns animais e pela elegância de muitas donas — encontramos em pleno jardim, o nosso amigo Tibúrcio Lopes.

- Tu por aqui?
- Como vês. E não sou apenas visitante: sou também expositor.
- Não sabia que tinhas cães?
- Se tenho... E de bom preço...

E depois dum silêncio:
— Este ano, por acaso, exponho dois cães lindos: um que preguei ao alfaiate e outro que preguei ao sapateiro... São dois belos exemplares!

A HISTÓRIA



Adolfo Simões Müller publicou recentemente, com sugestivas ilustrações de Emmérico Nunes, uma história de Portugal para as crianças. Lê-la é voltar a ter dez anos, — o que é agradabilíssimo, sobretudo quando se dobrou já o cabo dos quarenta. Esta História poderá causar calafrios aos eruditos e aos praxistas? É natural. No fundo, quem tem razão é Adolfo Simões Müller. Para quê, saber datas e lengalengas de reis? Para sentir o perfume da flôr, não importa saber o número de pétalas! O que importa, de facto, na História, é compreendê-la e senti-la. Tratá-la por tu... Eis a vitória de Simões Müller. Ai, daqueles que a tratam por Vossa Excelência!

NOVA MODA



Paris, apesar da guerra, continua a ser a capital da elegância. Segundo as últimas notícias vindas nos jornais, os grandes costureiros parisienses continuam a dar cartas em matéria de «toilette» feminina e, — caso curioso — não obstante as forçadas restrições em que vivemos, nunca os vestidos e os chapéus foram talhados com tanta exuberância como agora. Para fazer um casaco, tipo meia-estação, torna-se quasi necessário um quilómetro de fazenda, tal a largueza das mangas e tal o número de pregas e re-pregas. Por sua vez, os chapéus ampliaram-se por forma que mais parecem cestas floridas que as senhoras trazem à cabeça do que outra coisa. Em resumo: pelo preço que as fazendas e os chapéus estão atingindo, o homem que quiser vestir à moda a sua mulher — fica sem camisa...

ALTO-FALANTE



Uma das coisas para nós mais pitorescas da «Feira do Século» é um alto-falante que, em voz-rã atroador, comunica com os feirantes, avisando-os de qualquer facto ou notícia que os interessa. Damos hoje algumas frases exemplificativas colhidas na última noite em que estivemos no aprazível recinto:

- Atenção! Atenção! Menina de 18 anos perde-se, junto ao lago. Quem a encontrar pode ficar com ela...
- Senhor Epaminondas da Silva! Senhor Epaminondas da Silva! Sua esposa acaba de dar à luz uma robusta criança, ao pé da barraca das faturas. Os nossos parabéns...
- Senhor electricista de serviço! Queira dirigir-se imediatamente ao Negresco onde se deu um curto-circuito entre marido e mulher...
- Senhor Evaristo Euclides! Sua sogra espera-o na cabine do som. Não apareça...

SABE QUEM É ALDOUS HUXLEY?



EM todo o mundo, Aldous Huxley é considerado como um dos maiores romancistas contemporâneos. A sua actividade é extraordinária. Com pouco mais de quarenta anos, já tem no seu activo vinte e tantos volumes, romances, novelas, peças de teatro, poemas, antologias, descrições de viagens, ensaios. A sua obra é, toda ela, escrita num tom entre crítico e moralista.

Magro, alto, altíssimo, quasi dois metros de comprimento, Aldous Huxley quis tirar o curso de medicina mas, aos 17 anos, ficou virtualmente cego.

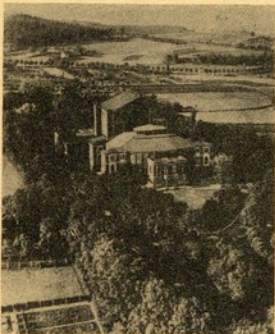
O seu primeiro livro chamou-se «A Roda Incendiada», poema dos 20 anos. Veio, entretanto, a Grande Guerra. Depois, Aldous Huxley transformou-se em crítico de arte,

de seguida em crítico musical e depois em crítico teatral. Por fim, era simultaneamente crítico de arte, de música e de teatro para a revista londrina «Höuse and Garden».

Em 1921 publicou a primeira novela, «Crome Yellows». Depois, mais duas: «Autic Hay» e «Those Baren Leaves». Foram três livros que desconcertaram os puritanos. O autor foi apodado de clínico, porque os seus personagens eram bastante invejosos, mentirosos e dissimulados.

Em 1928 publicava «ContraPontos», o que o levantou à categoria de grande romancista. A personagem principal, Rampioli, era um homem sincero sem ser estúpido, bondoso sem ser fraco, às voltas com outros indivíduos de vidas dramáticas, e com os quais se chocava constantemente.

A seguir a «ContraPontos» Aldous Huxley publicou «Bravo Novo Mundo», uma grande sátira ao espírito científico. O espírito deste grande romancista não pára, e dele esperam-se ainda, se acaso é possível, maiores e mais fortes trabalhos.



Foi descoberta uma nova peça de Wagner

O mundo anda em guerra. Ardem bibliotecas, ruem monumentos, desaparecem, para sempre, valores inestimáveis que são património de todo o mundo. De quando em longe, porém, surge uma notícia encorajante, a que os jornais não dão relevo porque os telegramas das agências ocupam todo o espaço, fora os anúncios, bem entendido.

Mas a verdade é que foi descoberta uma peça musical de Wagner, intitulada «Catecismo infantil», que ele compôs para celebrar o 36.º aniversário de Cosime, a sua mulher. Trata-se de uma composição a quatro fases femininas, conhecida apenas, pelos amigos íntimos de Wagner, os únicos que tinham a honra de frequentar a vivenda «Wahnfried».

Nestas três fotos vemos a célebre biblioteca de Wagner, onde se realizaram os serões que ficaram históricos; o teatro em Bayreuth, construído por Wagner, em 1876, e onde ainda hoje se realizam os tradicionais festivais wagnerianos; Winifred Wagner, a única sobrevivente da linha directa do grande Wagner.

SUPERSTIÇÕES...

As superstições! «isto dá felicidade!» «aquilo dá pouca sorte!»...

Como deve calcular-se, não há povo, por muito civilizado e culto, que tenha conseguido libertar-se desse pesadelo. Mas, na Inglaterra, parece que as superstições pululam... o que não admira, porque a pátria de Cromwell é conservadora como nenhuma outra. Mesmo durante a guerra, quando parece que não deve haver tempo para certas ninharias, o povo ainda tem tempo para pensar em superstições.

Assim, por exemplo, quando se suspende o som de um cristal que se tocou, significa que um marinheiro morre no mar; do mesmo modo, quando se aponta com o dedo o arco-íris, morre um passarinho no ninho mais próximo.

Em certas províncias da França, despejam-se baldes e bacias na casa dos defuntos, para que a sua alma ali se não afogue...

Um «bebé» que espirra traz a bênção de um anjo que passa. E as raparigas solteiras de Brahant, que de manhã escovarem um cavalo branco, têm de recitar três vezes, em voz baixa: «Um cavalo branco, verêi meu amor seguido de uma «charrette». Se o cavalo parar, o cavaleiro vem-me falar...»

Entre nós — oh! céus, o que por cá vai! — também há muitas superstições. Assim, quando um «bebé» abre a boca, logo lhe fazem em cima uma cruz, para que não entre mal com o menino; se alguém vê um cavalo branco, logo anseia o encontro

QUE SONEIRA!

OUTRA do país das maravilhas: um cidadão americano, de nome K. R. Morty, habitante numa vilória próxima de S. Francisco da Califórnia, acaba de despertar de um sono que durou a bagatela de 440 dias, 20 horas, 18 minutos e 31 segundos, isto segundo a folhinha e os cronómetros.

Apesar deste sono de mais de 14 meses, o estado do senhor K. R. Morty é satisfatório. Perdeu 48 quilos e durante esse sono de 440 dias, etc., etc., foi alimentado artificialmente, com soro.

O jornal americano donde reproduzimos esta notícia, conclui com muito espírito: «quem nos dera a nós um sonozinho parecido para fazermos umas economias, agora que os géneros estão tão caros!».

de um caixão e de uma casa amarela, «para ter um gósto». E sem falar no sal e no azeite entornados, no n.º 13 e nos pretos — aqui damos mais esta curiosa superstição: quando os rapazes andam na rua a arrastar latas — é sinal de que vai haver guerra!

Numa vila fronteira a Lisboa, havia uma boa mulher que, quando os garçotes brincavam com latas na rua, corria à janela e dava-lhes dez-réis para que se fôsem embora ou acabassem com a brincadeira...

O que não sabemos é se os garçotes, mais espertos que a boa mulher, voltavam daí a pouco...

TODOS OS DIAS UM BOCADINHO MAIS GORDO



SABEM quem é este simpático garçó? Nada mais nada menos que a criança mais gorda do Brasil. Chama-se Juca, tem nove anos e um peso que não se sabe exactamente qual é, ao certo, porque esta extraordinária criança-prodigio engorda todos os dias 120 gramas,

Os médicos estão pasmados diante de semelhante caso de gordura e preguntam, talvez com razão: «onde irá parar este garçó a engordar 120 gr. por dia?». Sim, podem supôr o que será êle aos 20 anos? E aos 80? Mas talvez rebente antes dessa idade...

DO PORTO

Abertura solene

GOSTO do Pôrto, o que não constitui motivo para admiração, pois é o Pôrto a minha cidade natal. Gostar do Pôrto, porém, não significa votar-lhe um amor cego e surdo às realidades, um amor capaz de obliterar no meu espírito o resultado da constante e atenta observação de aspectos e factos desagradáveis e censuráveis, um amor, em suma, que só pretenda fazer gala das virtudes e esqueça ou oculte os defeitos da entidade amada. Amor-estima e não amor-paizão: eis como o conceito e experimento. Desta atitude serena e imutável em face do Pôrto, do meu Pôrto, resulta, necessariamente, certa legítima autoridade para dizer bem ou mal, consoante, em meu foro íntimo, o julgamento seja favorável ou desfavorável. Pondo de banda aquela ternura instintiva que a terra natal sempre me inspirou e que é, naturalmente, o produto do contacto de sucessivas gerações do meu sangue com o meio ambiente em que se criaram e desenvolveram, em que permaneceram e agridam, desde o berço ao túmulo; pondo de banda essa inegável e inelutável atracção exercida sobre todo o ser humano — e, portanto, sobre mim, também — pelo lugar em que viu, primeiro, a luz do dia e lhe decorreu a infância; pondo de banda, enfim, a ligação do tronco à raíz que o sustenta e desta ao humo de que se nutre, o meu afecto pelo Pôrto, pois que é consciente e raciocinado, não me impede de ser justo, antes me impõe que o seja. E ser justo, ao tratar do Pôrto, é não me privar de exprimir, pela palavra escrita ou oral — neste caso, pela palavra escrita, — o que sinto e penso acerca das virtudes e dos defeitos da cidade que me viu nascer. Sinceridade e honestidade de expressão acima de tudo.

Um dos defeitos mais característicos dos naturais ou habitantes das cidades pequenas — e, ao dizer cidades pequenas, não quero excluir do conceito os naturais ou habitantes das vilas ou aldeias — consiste em não levarem a bem que se censure o que quer que seja, no concernente à terra dêles. Ao vê-lo do bairrismo, quasi sempre exagerado, são especialmente atreitos aqueles que nunca saíram das suas terras ou só conhecem terras menos importantes e interessantes do que as suas.

Eis porque, na opinião de alguns portugueses que nunca visitaram, por exemplo, Lisboa, o Pôrto é uma cidade insuperável — em beleza e grandeza naturais e artificiais. Um conheço eu a quem uma viagem a Lisboa já mais seduziu, pela simples razão — e o assevera — de que, visto o Pôrto, não vale a pena ver mais nada...

Certo, o Pôrto não é, rigorosamente, uma cidade pequena e, assim, há relativa desculpa para o bairrismo, tão apregoado, de considerável número dos seus filhos que pretende inculcá-la como cidade modelar, digna rival, nos valores e nos atavios, na categoria e nos encantos, daquela a que Ulisses, porventura, aportou e que Afonso Henriques conquistou aos mouros, para maior glória dêle e da cristandade. Há, contudo, portugueses em quem o excessivo afecto pela terra própria se caracteriza, sempre que o prestígio do Pôrto, nisto ou naquilo, está em jogo, pela hostilidade para com a terra alheia que, por qualquer motivo, lhes oferece termo de comparação. Nada mais detestável, quanto a mim, do que esse bairrismo incivil, agressivo e irreflectido, que não é, evidentemente,apanágio exclusivo dos meus conterrâneos e tenho podido verificar, afinal, nos naturais ou habitantes de muitas outras terras portuguesas, sem excluir Lisboa. Algumas vezes, no decurso da minha vida de oficial da pena, pude avaliar até que ponto esse bairrismo é odioso — e perigoso para quem não o professa nem o entende... Hei-de ter, por certo, ocasião de referir aos leitores da «Vida Mundial Ilustrada» — meus prezados leitores, desde agora — percalços por que passei, quer como jornalista, quer como escritor (se me consentem que invoque, também, a qualidade de modesto e obscuro cidadão da República das Letras), no trato com determinadas terras e respectivas gentes, que não me levaram a bem que traduzisse em público, no jornal ou no livro, opiniões resultantes de observações mais ou menos demoradas, mas sempre — posso jurá-lo — bem passadas pelo crivo da objectividade e do escrupulo descritivos.

Adversário declarado e irredutível de todos os bairrismos injustos e injustificáveis, só tolerante para com aqueles que são inerentes a certos devaneios poéticos e, por hiperbólicos, não ofendem nem prejudicam ninguém (v. g.: Junqueiro, ao considerar a sua Pátria a mais formosa e linda que ondas do mar e luz do mar viram ainda), antes comovem e fazem sorrir, não pouparei a minha terra, por mais que isso me custe, e reparos que, em consciência, tenha por convenientes ou precisos. Porque a conheço bem e lhe conheço bem, portanto, os defeitos e as virtudes, atrevo-me a esperar que os bairristas mais intransigentes e assanhados, mas tão portugueses como eu, me reconheçam, ao menos, aquêle mínimo de autoridade para me pronunciar sobre o Pôrto — sem pedir licença a ninguém... Sei, de ciência certa, que hei-de ter o condão, muitas vezes — se, muitas vezes, escrever, menos ilsongeiramente e mais desasombroadamente, acerca do Pôrto — de irritar a epiderme sentimental ou conceptual dos meus concidadãos convencidos ou apostados em convencer os outros de que tudo quanto aqui se faz é bem feito e tudo quanto aqui se mostra é digno de se mostrar. É claro que não perderei o ensejo de ser agradável àquêles que gostam — e quem não gostar disso? — de ver ou ouvir louvar e aplaudir. Com a simpatia dêstes me compensarei da antipatia daqueles.

Quem o feio ama — proclama o provérbio — bonito lhe parece. Certo. Mas amar o feio não significa, de modo algum, para mim, tomar a nádega por juízo — e impingir o feio por bonito. Pelo contrário: espero — e para tanto me abalanço a esta abertura solene... — que nunca me desapamará a coragem de chamar às coisas pelo nome delas, embora seja o primeiro a reconhecer que tal coragem não é para encarecer.

As cidades são o fruto, principalmente, do trabalho e do esforço dos homens. Como os filhos não têm culpa dos erros dos pais, elas não são responsáveis das faltas daquelas que as criaram. Quando tiver, pois, de me referir ao Pôrto, para o censurar, é óbvio que não culparei a cidade, mas os cidadãos. Em todo o caso, uma prevenção é oportuna, para não dizer obrigatória: Esta tribuna, que passo a ocupar, humildemente, por convite do Director desta revista, não se criou para atacar ou defender quem quer ou o que quer que seja; existe, sim, para que, da capital do Norte, uma voz se levante, não para ditar sentença ou, sequer dar novidades, mas para dizer da sua justiça. A mais não a obrigam — e mais não promete, na verdade.

HUGO ROCHA



MULHERES DE HOJE

A mulher já não é defeso, como o era outrora, o exercício de certas profissões liberais caracterizadamente masculinas. De todos os cursos superiores que, dantes, eram privilégio do homem, o primeiro que à mulher interessou foi o da medicina.

É claro que desde há muitos anos que há médicos de salas em Portugal — e alguns dêles são, até... venerandas avós. Depois, mas só muito depois, a mulher começou a interessar-se pelo direito. Surgiram, então, algumas advogadas que à tribuna forense portuguesa trouxeram a novidade das suas vozes de soprano e dos seus cabelos com ondulação permanente, para já não falar das suas saias, pois que, sob a toga, essa particularidade do indumento feminino não é facilmente visível. Apesar de tudo, porém, tal profissão liberal não conquistou ainda, ao contrário da medicina, grande número de adeptas, embora esteja provado que uma mulher, na barra do tribunal, não é menos persuasiva nem menos eloquente do que um homem. As farmacêuticas, mais antigas ainda do

que as médicas, profissionalmente falando, só recentemente começaram a ser doutoras — e em número incomparavelmente superior ao dos farmacêuticos.

Dos outros cursos superiores há já, sobretudo no de letras, algumas senhoras formadas, no pleno exercício da sua profissão liberal. A arquitectura, como a engenharia, tentou, também, a mulher — e o Pôrto pode ufanar-se de contar entre os seus habitantes mais duas galantes raparigas que, de régua e compasso na mão, são capazes de obras maravilhosas. Aqui as apresentamos aos leitores da «Vida Mundial Ilustrada». São elas D. Maria Helena e D. Maria Estela Guedes Vaz Santana, que, agora, concluíram, com invejáveis classificações, na Escola das Belas Artes do Pôrto, o curso superior de arquitectura, tendo tido por mestre o arquitecto Carlos Ramos, um dos mais bem cotados valores humanos da arquitectura portuguesa. Ao vê-las assim debruçadas sobre os seus planos, quem não se sentirá tentado a conceber-lhes o projecto dum bonito, moderno e confortável lar?

VAMOS AO VÍRAI



O folclore continua, e ainda bem, a entusiasmar aqueles — e aquelas — que não ignoram o significado das tradições de que o povo português é brioso defensor. As nossas festas particulares, que, muitas vezes, pecam pela sensaboria ou pelo espirismo, são sempre encantadoras quando os seus organizadores e colaboradores se lembram de prestar o merecido culto ao nosso folclore, cuja riqueza e sugestiva variedade desafiam todas as pretensões improvisadas de rótulo estrangeiro. Aqui vemos alegres rapazes e raparigas numa escola portuense a bailarem um típico víra que, na sua cor, no seu movimento, na sua grapa, não é inferior, antes pelo contrário, às valsas mais ou menos vienenses que têm sido moda entre nós. «Raparazes, vamos ao víra...» — eis o que apetece cantar, também, ao vê-los, aqui, exuberantes de juventude. ¡E que domaire o delas! E que garbo o dêles!

GOSTARIA DE SER COMO A MARTHA EGGERTH!

diz Maria do Céu



NADA melhor do que a Emissora Nacional, à hora do ensaio das «Variedades», para se encontrar as celebridades da nossa rádio. Na verdade, «aquilo» parece uma autêntica chuva de estrelas. Enquanto umas ensaiam os seus números com a orquestra, outras entretêm-se, pacatamente, a ouvir ou a trocar impressões, numa «má-lingua» inofensiva, que não tem outro fim que não seja fazer passar o tempo.

Por mais azarento que um repórter possa ser, desde que entre, àquela hora, no estúdio da Emissora, encontra sempre oportunidade de «caçar» uma notícia ou uma entrevista.

Desta vez foi a simpática Maria do Céu, a «estrela» de cabelos negros e olhos bonitos, que se cruzou no nosso caminho. Costuma dizer-se que, quando uma estrela passa no céu, devem formular-se três pedidos. Mas o repórter é mais exigente do que as meninas românticas que se sentam no jardim à espera que as estrelas apareçam para implorar um noivado rápido ou um marido rico. Não se contentou — nem podia contentar-se — em fazer três pedidos a esta estrela que também é do Céu. Preendeu-a por um braço, arrastou-a para um canto onde o silêncio era maior, e desatou a fazer perguntas até a estrela se apagar — que, para o caso, quere dizer: até a Maria do Céu se cansar.

Toda a gente conhece a Maria do Céu, pelo menos de voz. É uma rapariguinha abocadada, sempre a sorrir, e, como as bonecas que se prezam, tem, no alto da cabeça, um laçarote preto ou azul que lhe dá um ar gracioso. Mas a Maria do Céu não é de Lisboa. Está aqui por acaso. Como foi que ela veio para a rádio? Al val, mas é ela quem fala:

— Há uns bons dois anos, ouvindo as emmissões de Variedades, nascu em mim o desejo de cantar. Mas... A Maria do Céu faz uma pausa e os seus olhos brincam, traquinas.

— Mas nunca pensei que o meu sonho se tornasse realidade. Dá um jeito cómico ao nariz e conclue:

— Um dia pedi para ser ouvida. E, sabe?, parece que não me saí mal, tanto assim que me disseram que poderia cantar no Emissor Regional do Norte, mas que me apresentaria pela primeira vez em Lisboa.

— Ficou contente? — pergunta o repórter.

— Puderá! — responde ela. — Que-ria que ficasse triste?

— E quando se estreou?

— No dia 9 de Outubro e em tão boa hora — ou tão má hora... — que gostei tanto de Lisboa que não descansei enquanto não voltei para cá.

As Irmãs Meireles passam pelo repórter e atiram-lhe um «oiá» que até faz eco. A orquestra da Hora de Variedades ataca uma valsa.

— Os seus pais não gostam que cante em Lisboa? — interroga o repórter.

— Não desgostam — murmura ela — Mas têm saudades. É a minha mãe teve de vir, também, para Lisboa. Mas, agora, vou regressar ao Porto.

— Para sempre?

Diz que não, sorrindo. Umas férias apenas. Pelo menos, Maria do Céu garante estar de volta em Outubro. Aproxima os lábios das orelhas grandes do repórter e segreda, misteriosa:

— Mas é possível que apareça em público antes disso...

Onde? Quando? Ela faz um gesto com as mãos. Parece um prestidigitador.

— Segredo...

— Qual é o seu género preferido?

Fica um nadinha indecisa. «O meu género preferido?».

— Bem... Eu... eu gostava de cantar ópera...

— E a sua canção predilecta?

Nova hesitação. Depois, lentamente:

— Tenho cantado tantas de que gosto! E melhor não falarmos nisso...

Pronto, não se fala nisso. Mas fito quem sabendo que ela tem uma simpatia especial pelas valsas de Strauss.

— Com quem se gostaria de pa-recer?

Atira, ao repórter, um olhar entre zangado e gracioso. Dá uma gargalhadinha. «Silêncio!», pede uma voz de homem, lá do fundo. Maria do Céu cala-se, mas fica a rir por dentro.

— Com quem gostaria de me parecer?... — encolhe os ombros. — Talvez com a Martha Eggerth... Sim, com a Martha Eggerth!...

Fala-se de projectos.

— Quem não os tem? — responde Maria do Céu. — O que eu desejo, sobretudo, é ser uma boa artista da Rádio.

— Custa-lhe enfrentar o micro-fone?

— Não tem vergonha de responder: — Sim... Fico sempre nervosa. O microfone é um senhor muito complicado que merece o maior respeito...

Interrompe-se, para exclamar:

— Agora, que estava quasi habituada, é que me vou embora!

— Mas para voltar em breve! — acrescenta o repórter.

Maria do Céu a dizer mais qual-quer coisa, mas chamam-na, da orquestra, para ir ensalar o seu número. Mal tem tempo de murmurar um «até amanhã» ao repórter. Põe-se diante do microfone. E fica, apenas, a sua vozinha bonita, a encher todo o estúdio...

A VOLTA AO MUNDO

Com a publicação do 3.º e qual o público e a critica literária dispensou o melhor acolhimento, completa-se o roteiro duma viagem extraordinária à volta do mundo que durou seis meses. A tradução cuidada e escrupulosamente revista, é do falecido dr. AGOSTINHO FOR-TES.

Obra completa com 3 vols. contendo 1.128 págs. 60\$00.

A venda em todas as livra-rias e na casa editora — Livra-ria Peninsular — Rua da Boa-vista, 57-59 — Lisboa. Tele-fone n.º 6 1369.

A rádio e as crianças prodígios...

NA América — tinha de ser, for-çosamente, na América — existe o pósto de rádio mais curioso do mundo. Não se chama N. B. C., não fica em nenhum «building» daqueles que causam vertigens pela sua gigantesca altura, nem está situado em Nova York, nem em Chicago.

O pósto de rádio em questão tem, depois de traduzido, mais ou menos este nome: «Clube Radiofónico das Crianças Prodígios» e fica, ao que consta, numa pequena cidade da Califórnia.

A curiosidade desta emissora não reside, apenas, no nome, mas sim em que se destina a revelar a toda a América as crianças talentosas que, doutra maneira, nunca seriam reveladas.

O «Clube Radiofónico das Crian-ças Prodígios» foi fundado há pouco mais de quatro anos pelo se-nhor J. S. Brow, um velho toca-dor de flauta e bombeiro voluntá-rio. A ideia nasceu da própria expe-riência do senhor Brow, porque toda a sua vida desejava ser tocador de flauta, dar concertos no teatro e na rádio, mas como tinha o azar de viver numa terreola pequenina, sem outros centros de diversão que não fósse o «Clube de pocker», nunca pôde levar para a frente o seu desejo.

E o senhor Brow, lógica e huma-nitariamente pensou que muitas e muitas crianças com habilidade, com vocação, andariam perdidas pela América inteira sem a menor oportunidade de se fazerem nota-das e conhecidas.

Como a tia do senhor Brow mor-reu com uma pneumonia, ele her-dou, inesperadamente, um pequeno pecúlio. De início este indeciso entre comprar uma bomba para a corporação dos bombeiros a que or-gulhosamente pertencia e pôr em prática a sua ideia de revelar ta-

lentos ignorados. Mas decidiu-se pelos talentos...

E o senhor Brow montou o pósto, baptizou-o com aquêle nome de «Crianças Prodígios» e tratou de es-palhar aos quatro ventos as suas intenções. Como não podia deixar de ser, no outro dia apareceram centenas de mamãs e papás com os seus meninos ao colo ou pela mão. «Crianças prodígios», todos êles, naturalmente... Uns preten-diam imitar o Spencer Tracy, ou-tros cantar tão bem como a Deanne Durbin. Havia ainda os «originais», crianças que pretendiam tocar flauta com um pau de fósforo, ou-tras que arranjavam belas sonori-dades soprando pelo gargalo de uma garrafa, outros ainda que inventa-vam instrumentos nunca vistos, combinação de gaita de beijos com uma caçarola e guisos ou uma pa-nela sem fundo, uma colhér e uma corda de viola ou de violino. Che-gou a aparecer uma mamã diante do senhor Brow com um bebé de dois meses ao colo. «Onde está a criança prodígio?» perguntou o ho-mem, olhando em redor.

A mamã explicou que era a crian-ça que trazia nos braços. «Mas que faz ela? Toca algum instrumento com essa idade?».

— «Não, respondeu a mãe, com um sorriso de orgulho», mas quan-do chora, parece um clarinete»...

Diante de mil histórias que acom-tecem, o senhor Brow não desanima — e com razão, porque já teve o prazer de revelar duas crianças que foram imediatamente contratadas para Nova York.

O pósto funciona das 9 da ma-nhã à meia-noite. Qualquer criança até aos 15 anos pode fazer dez minutos de emissão. Para isso, basta inscrever-se no livro de registos e es-perar a sua vez. Como vêem nada mais simples...

A rádio ao serviço do camponês



A rádio, quando bem usada, consegue coisas maravilhosas no campo do ensino, sobretudo no que se refere à divulgação de conhecimentos técnicos. Na Alemanha, como noutros grandes países, a rádio serve para mais qualquer coisa do que transmitir música e fazer propaganda política. Aqui vemos, por exemplo, um grupo de camponeses ouvindo um programa cultural sobre ensinamentos económicos e agrícolas. Mas não basta transmitir programas deste género. É necessário que os camponeses possuam rádio. E na Alemanha, ao que parece, um aparelho de rádio é bastante acce-sível.



Eduardo Dias, o viajante do Oriente

NAO há entre nós quem tanto tenha passado através das regiões literárias do Oriente, como este escritor do nosso tempo. De facto, Eduardo Dias, que teve a felicidade de percorrer esses países legendários, pôde recolher elementos de leitura que nos vai transmitindo através dos seus livros, verdadeiros documentos de outras épocas e de outros climas literários. «As mil e uma noites» — que Eduardo Dias nos ofereceu aos poucos em seis simpáticos volumes — são, de resto, uma das suas melhores obras de divulgação. Aqui vemos o aplaudido escritor e divulgador, numa curiosíssima caricatura de Santana.

os LIVROS DO MOMENTO



A gracinha da senhora condessa

EM 1844, quando Balzac, que tinha 47 anos, passava encostado à sua bagagem. De repente, começa a cair uma chuva diluviana e o escritor vai abrigar-se no vão de uma porta. Mas Balzac fica muito admirado: uma cortina, no mesmo prédio, mas num ângulo fronteiro, ergue-se de vagar e uma fina mão de mulher bonita sorri-lhe deliciosamente. Daí a pouco, aparece uma «sobrette» que lhe leva um guarda-chuva «da parte da senhora condessa».

Balzac fica muito sensibilizado, agradece, retira-se e, no dia seguinte, sente-se na obrigação de devolver o guarda-chuva que fora objecto de felicidade da senhora condessa. O escritor é conduzido a um salão elegante. Agradece e manda perguntar por escrito se, depois daquela deliciosa circunstância, não terá a honra de ser apresentado à senhora condessa. Mas esta responde-lhe apenas: «Não, senhor. Mandei-lhe o guarda-chuva porque esperava uma pessoa das minhas relações e não queria que a vissem entrar. Enviando-lhe o guarda-chuva, obriguel-o a ir-se embora e, portanto, a deixar livre a passagem da pessoa que eu esperava».

Balzac compôs o seu melhor sorriso, curvou-se diante do emissário que o acompanhou à porta e folseu embora a mastigar a gracinha da senhora condessa...

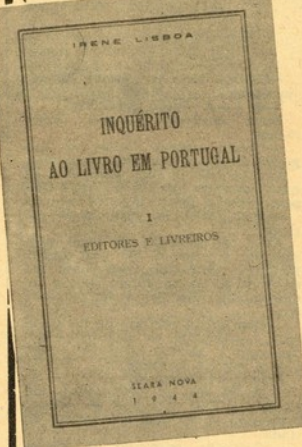
Improvisação Literária

A propósito de improvisação literária, lêmos, há pouco, um pequeno episódio de certo sabor anedótico, atribuído a Alexandre Dumas (pai). Certa vez, o autor de tanta obra consagrada, apresentou-se na Comédie-Française, para ler uma peça que acabara de escrever. No fim da leitura do primeiro acto, houve, entre os presentes, um murmúrio de aprovação: sim, senhor, era bom e estava bem feito!

No fim do 2.º acto — nem se fala: até houve aplausos... enquanto que o 3.º obtinha ainda um êxito mais retumbante. Enfim, os cumprimentos, as palavras entusiásticas pareciam inextinguíveis. Até que um dos presentes, abraçando-o, arranca-lhe o manuscrito... mas oh! pasmo, oh! estupefacção!

Aquêl grão «manuscrito» — era apenas um grande rôlo de papel em branco...

Dumas tinha apenas acabado de improvisar a peça que intitulara «Mademoiselle de Belle-Isle»...



Dois autores e dois livros

MAURICIO DE OLIVEIRA



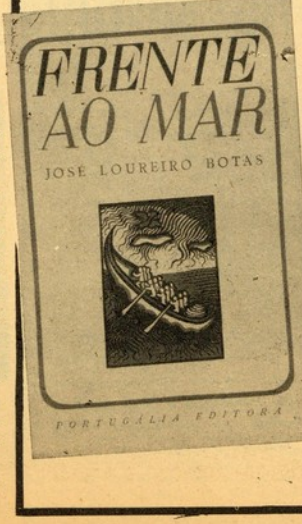
«As memórias de Canto e Castro» são uma página da nossa história contemporânea, arrancada do esquecimento, pela pena de Mauricio de Oliveira, escritor e jornalista dos melhores do nosso tempo. Aqui, porém, não está só a obra do escritor e jornalista: a análise, o espírito do juiz e o fino tacto interpretativo de almas, de épocas e de factos deram-se as mãos para produzir obra de fogo e de fôlego. De facto, nas «Memórias de Canto e Castro», em que o autor é espedidor, comentador e intérprete, ao mesmo tempo, está uma das melhores obras objectivas e subjectivas de Mauricio de Oliveira, bom camarada do jornalismo e excelente escritor que sabe sempre tocar de particular interesse e verdade as obras que apresenta.

LUIZ DE VASCONCELOS ARRUDA



Intitula-se «Salvaram uma alma», o novo trabalho do sr. dr. Luiz Vasconcelos Arruda que, supomos, se estreia agora como romancista.

A aliar a uma certa facilidade na arquitectura do romance, que tem interesse e complexa efabulação, há no livro do sr. dr. Vasconcelos Arruda uma soma de conhecimentos médicos, de cuja divulgação importa tomar contacto. Aqui e ali, mesmo, surgem certos aspectos de problemas sociais que, servidos pelo talento literário do autor, exprimem por vezes um certo ar doutrinário ou de panfleto. Por tudo isso, «Salvaram uma alma» merece o melhor acolhimento do público.



Os livros que deve ler

As extraordinárias irmãs Höpfner

LINDAS, jovens, ricas de talento e de vontade, estas extraordinárias irmãs Höpfner são hoje das estrélas mais favoritas do público alemão.

Hedi e Margot — eis os nomes das duas bailarinas, que meia Europa já conhece através dos seus bailados magníficos de juventude e de alegria. Elas estrearam-se, em Munique, pouco antes de rebentar a guerra actual, quando ali se festejou o dia de arte alemã.

Aquí estão elas, em quatro sugestivas imagens de quatro bailados não menos sugestivos: a «polka», a valsa imperial, um sapateado excêntrico e um bailado artístico.

E já agora, leitor, reparal num pormenor interessante: estes cenários são a valer, as árvores são mesmo árvores e as colunas são mesmo colunas...

Que contraste com os cenários das nossas casas de espectáculo, sempre pintados em papel, dum mau-gosto e duma pobreza desolantes — não é verdade?

Mas lá fora é assim. Oxalá que um dia esses exemplos venham até nós. E que apareçam igualmente bailarinas tão lindas e tão graciosas como estas extraordinárias irmãs Höpfner, cuja última coroa de glória foi o «bailado dos vidreiros» dançado na Ópera de Berlim...



Uma fotografia sensacional . . .

Chega-nos de Paris esta muito curiosa foto: um instantâneo magnífico que nos mostra Jacques Ferrier, o célebre Jean Cocteau, o homem das mil surpresas e o sorriso sempre alegre da talentosa Arietty, à entrada para uma «soirée» de gala, em Paris, «malgré tout»...

As três pancadas

António Lopes Ribeiro quis rodear a actual temporada do Trindade de um cerimonial que nos parece pouco sincero e nada a propósito. Até meu discurso...

Mas, então, nós não sabemos que o Trindade dá teatro porque não pode dar cinema — e que amanhã tudo se desfará com um suspiro de alívio da empresa que regressará à exploração cinematográfica?

O próprio facto de Lopes Ribeiro — bom e simpático rapaz de cuja actividade artística e bons propósitos não duvidamos — se voltar para a exploração de peças ligadas à apresentação de filmes é, só por si, índice do recelo de uma aventura teatral, sem um encosto ao cinema...

* * *

«Não o levarás contigo! é um estribilho agarotado que encerra em si uma larga e profunda filosofia. Entre um avarento sórdido e o «chapa-ganha chapa-gasta» que vive alegre e feliz cada um tira a sua conclusão.

* * *

António Silva faz de «porta-voz» oficial desta filosofia desbaratadora — antítese da que ele mesmo nos deu, vai num ano, sobre o palco do Apolo, quando fez o «Tio Misérias». Eis o actor: hoje escravo, amanhã imperador...

* * *

Quem viu o filme sabe: é a história de uma riquíssima família onde cada um faz o que muito bem lhe dá na real gana. O público dificilmente consegue imunizar-se a um contágio, que o poderia levar, o mais tranqüilamente possível, a estender as pernas sobre o parapetto dos camarotes, para estar mais ao seu gosto. Mas isso era outra ordem de

idéias — como dizia o Erico Braga nos «Vizinhos do rez-do-chão»...

* * *

Luiz de Oliveira Guimarães e António Lopes Ribeiro vêm de braço dado a assinar a tradução deste desconcertante espécime do teatro americano: um verdadeiro consórcio do teatro com o cinema, de cujo primeiro rebento não há senão, o possível, que felicitar os felizes papás...

* * *

A idéia da peça não é, porém, isenta de perigos. Por exemplo: se os espectadores se lembrassem de vir cá para fora fundar clubes «Não o levarás contigo!», cujos sócios, pela letra dos estatutos, tomassem o direito de satisfazer todos os seus appetites. Pela nossa parte, talvez nos apetece-se passar a acender os cigarros — com fósforos de côr...

* * *

Tudo isso seria o menos. Mas que diria o mundo se, levados pelo mesmo perigoso ritmo, os críticos teatrais passassem a escrever sem papas na língua o que realmente pensam de cada peça que vêem? Era o fim do mundo — e era, também, a peça de maior efeito de toda esta protercia teatral a que uns aos outros nassos batitámos... — Espectador.



TOIROS

Outra tarde de toiros animada



Arruza, numa colossal «chicuelina»

cabe dúvida alguma de que os cartaes da temporada de 1944 têm sido de molde a bem servir a Festa Brava, pelo escrúpulo de que se revestem.

No dia 25, mais uma excelente organização foi levada a efeito, de que resultou outra boa tarde de toiros, devida mais aos toureiros do que às vezes, que estavam no Campo Pequeno uma nova «ganadería» que, segundo nos afirmam, tem merecido ao seu proprietário, dr. Silva, de Coruche, o maior cuidado e o melhor critério de selecção. Não se mostraram os toiros à altura desse zêto, mas mesmo assim não deram motivos para desânimos, pois alguns, embora mansos, deixaram-se tourear muito razoavelmente, e um deles, o 6.º, que de princípio parecia manso, foi «crescendo» até se mostrar um verdadeiro touro de lide — o que, só acontecendo quando há boa casta, pode fornecer indicação preciosa. Coube esse touro a João Nuncio, que maior partido teria tirado dele se, num repulável esquecimento dos deveres que tem um toureiro da sua categoria, não tivesse armado a primeira praça do país em picadeiro particular ao pôr à prova um cavalo que está ainda muito longe de satisfazer. Redimiú-se depois, aproveitando bem o «crescimento» do touro para cravar três magníficos «cortos», que lhe valeram muitas palmas e ovação com volta, no final.

Simão da Veiga, que principiou a lide do primeiro com um touro pouco claro, compôs-se depois num excelente ferro e em três «cortos», o último verdadeiramente colossal, pelo que deu volta à praça no meio de grande ovação, com flores e prendas. No outro touro — um manso — pouco pôde fazer.

Domingo Ortega, para nós ainda o toureiro número um de Espanha — o que pode com todos os toiros e a todos domina, não necessitando para triunfar do inimigo pequeno e que «passa» — toureou de capote com uma alegria que surpreendeu, e se é certo que não «pára» como outrora, o seu lancear ganhou em cor e beleza, conservando o mando que sempre o caracterizou. Teve admiráveis «verónicas» e uma «meia» estupenda. Porém, onde se mostrou à sua própria altura foi na «faena» que realizou no 3.º touro, que dominou com impressionante naturalidade, num «monte» tal que chega a convencer que tourear é uma coisa fácil, ao alcance de todos.

No 7.º, voltou a afirmar os seus excepcionais recursos, mas sem tanto brilhantismo. Escutou entusiásticas ovações, com volta à praça.

Carlos Arruza teve, de novo, uma magnífica tarde, que se ia comprometendo pelo injustificado comportamento e uma parte do público que, querendo que êle bandarilhasse o seu primeiro inimigo — a que o mexicano não acedeu — achou-se no direito de pitar todo o resto do labor do excelente toureiro que, enervado, não ligou a «faena» que seguramente teria feito se a injustiça popular lhe não furta disposição para isso. Os motivos que levaram Arruza a não bandarilhar podem ser atendíveis sob o ponto de vista pessoal, mas não devem prevalecer, pois não seria justo privar-se a multidão do que Carlos faz como ninguém, só porque a meta dúzia de pessoas faz muita impressão a sombra natural que um gigante projecta quando se ergue na arena. E o gigante levantou-se no 8.º touro, em três assombrosos pares de bandarilhas e numa «faena» enorme, dominadora, com passes de escultural beleza, entre todos um «natural» em terrenos do 4.º — das coisas mais belas e bem feitas que temos visto executar. Com o capote teve primorosos lances que arrancaram expontêneas ovações.

O grupo de forçados amadores de Montemor — êssas destemidos rapazes que conseguem fazer arte a pegar toiros — teve uma actuação notabilíssima. Primeiro, F. Malta e Correia, numa «cernelha», e depois S. Malta, Reis e Torres Pereira, em extraordinárias pegas «de caras», ganharam jus a grandes ovações com o facto inédito de duas voltas ao redondel por todos os elementos do grupo.

Na brega, «mentaram» se Guisado, Correia e Gomes, que também se mostrou em «luas «verónicas».

Manuel dos Santos dirigiu a lide, o que equivale a dizer que tudo andou como era para desejar.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



Ortega, «crescendo-se» com o touro, já completamente dominado

À sorte de Varas



SURPREENDEU-NOS verdadeiramente ver no diário desportivo madrilenho «Marca» e na página tauromáquica, um inquérito público baseado nas seguintes perguntas:

— Que opinião tem acerca da sorte de varas?

— Para maior expansão, no mundo, da festa de toiros e do cavalo espanhol, cre que seja útil a substituição do picador pelo cavaleiro?

Consideramos tais perguntas pouco aficlonadas e portanto impróprias de uma publicação com responsabilidade. Estávamos até convencidos de que, por muito debatido já, o assunto estivesse, senão esquecido, pelo menos arrumado.

Não há uma só pessoa de senso que possa responder afirmativamente à segunda pergunta e a tornar-se realidade tão disparatada inovação, a corrida de toiros receber um gozo tão profundo que, não duvidamos afirmar, lhe seria fatal. Então seria preferível abolir pura e simplesmente a sorte de varas, sem cuidar de substituí-la — tal como se faz em Portugal — com o que o espectáculo embora ficasse mutilado nem por isso sofreria decisivamente. Em Espanha também há novilhadas sem cavalos e os toiros são, da mesma forma, toureados e mortos. Fazera, porém, a substituição do picador pelo cavaleiro, cada qual com um touro de finalidade tão distinta, é que não cabe na cabeça de ninguém, não só porque o resultado seria totalmente outro como ainda porque, sob o ponto de vista artístico, a festa perderia toda a beleza e cor dos «quites» que só após a sorte de varas ganha verdadeiro relevo. Além disso, as dificuldades que geralmente oferece ao «espada» um touro ini-

cialmente lidado por cavaleiros, tirariam interesse às «faenas» e pouco a pouco regressaríamos ao primitivismo da corrida, em que o toureiro de pé desempenhava um papel secundário, quando não apagado — o que já se não pode admitir hoje, uma vez que o progresso dessa arte atingiu um grau quasi insuperável. O inverso, não é também de aceitar, pois que se os «caballistas» espanhóis, de escasso mérito, não tivessem dúvida de servir os «espadas», como seus subalternos, outro tanto já mais se verificaria entre nós, onde a modalidade tem toureiros perfeitamente à altura das mais destacadas figuras do toureio a pé.

De resto, com a adopção dos petos protectores, só muito raramente morrem cavalos e se os «matadores» não exigissem dos seus picadores certo modo de execução quando picam, a mortalidade seria menor ainda. Pertence pois a êsses toureiros a tarefa de humanizar quanto possível o espectáculo — por mais voltas que se lhe dê, há-de conservar sempre um certo aspecto bárbaro — e deixem ficar o que está, não furando uma coisa que possui, afinal, a sua beleza própria: a sorte de varas. E que se insistem no assunto não será de admirar que apareçam «protectores», como um que há anos lembrava ao excelente crítico D. Bernardo da Costa, como solução, substituir os cavalos por monos fixos na arena, com sangue, tripas e tudo...

CAPOTAZOS

CARA GALANTARIA



António Reverte Jimenez foi um toureiro finíssimo, que o era não só toureando, mas em todos os actos da sua vida, a que imprimia um cavaleirismo que se tornou notado.

Um dia, numa corrida, quando se «perilava para entrar a matar um touro que havia dominado completamente, não feminina lançou à praça uma rosa que veio tomar entre o toureiro e o touro. Reverte suspendeu a sorte e curvando-se tomou a flor. No momento em que a arreacadava no colete, o touro arrancou e, colhendo-o, infringiu-lhe uma cornada grave.

Já na enfermaria, como alguém o criticasse pelo seu gesto, António, sorrindo, respondeu:

— Se o não fizesse, seria um covarde e aos covardes não se atiram flores...

ASSIM, NÃO SERÁ POSSIVEL



«Manolete» e «Moro» de Talavera», certamente, seirão referido na sua terra a qualidade do mexicano Arruza que em Lisboa competiu com ambos, eclipsando Emiliano de la Casa e batena-se de igual para igual com Manuel Rodríguez — geralmente con-

siderado o melhor toureiro de Espanha.

Agora é Rafael Ponce que leva que contar, sacudindo à frente dos seus patricios as gotas que ainda ficaram do «banho» que levou.

E ainda há quem julgue possível uma solução para o conflito tauromáquico hispano-americano...

AFINAL, NÃO HOUE MÚSICA



Na tarde de 18, no Campo Pequeno no, toureou-se como poucas vezes se tem visto naquela praça, dadas as características especiais dos touros de Palha, que pareciam feitos

de encomenda para a mais dura prova de exame. Rivera e Arruza suaram para os lidar, mas ficaram devendo aos touros a oportunidade de uma prova absoluta das suas excepcionais qualidades de toureiros de invulgar categoria. Como também fazia parte do cartel um bom toureiro espanhol, esperávamos que certos «intelectuais» aproveitassem a ocasião para escrever as «faenas» em pauta musical e depois nos dizerem qual o canto que melhor lhes soara ao ouvido.

Por outro lado, parece ter ficado justificado o entusiasmo popular na célebre corrida de Palmela, em que Arruza saiu em ombros por mérito próprio e não pela necessidade de se substituir um ídolo caído...

Bibliotecas gratuitas

ENTRE as diversas coisas inevitáveis que a publicação dum livro traz ao seu autor, sucede sempre esta: receber-se uma circular com timbre vistoso de grupo desportivo, associação, clube ou coisa que o valha a pedir o envio de um exemplar da obra de V. Ex.ª para a biblioteca da nossa colectividade.

Descobrem a morada do autor e a circular vem, fatal como o destino, inspirada nos sentimentos mais altruístas, ladainhando a favor da luz da instrução — e tudo repassado duma ternura que — perdoai-nos, Senhor! — lembra aquelas saídas torradas de outros tempos quando, ainda quentes, vinham repassadas de boa manteiga...

Sucede que há uma dezena de anos recebo destas circulares e cito aqui o facto somente para demonstrar a tenacidade, a espessura do hábito, a rizeja da convicção ideal tom que, para muitos, o Livro ainda é, neste século de clarezas, coisa de dar, como quem dá os bons-dias ou as boas-noites, e não coisa de comprar como artigo que a gente, para regalo do corpo ou da alma, paga de dinheiro bem estendido na mão, sabendo que nos detariam morrer no meio da mais distraída indiferença, caso não esportulássemos com tôdas as véras fiduciaras o svil metals...

O editor é maior vítima. Recebe quisi diariamente as delicadas missivas. E então, pergunta: — «Mas quem se lembraria de pedir ao merceiro, por exemplo, a oferta dumas batatas, por muito graciosas que elas fossem? Ao alfaiate um par de calças, ao sapateiro uns sapatinhos por mais jeitosos que eles nos ficassem ao pé?»

E, todavia, o caso, quer comercial, quer moral, é sensivelmente o mesmo.

Lembrarmo-nos que, já na época recuada dos descobrimentos os navegadores levavam, no porão das suas ndus, campainhas, espelhos e cantivetes que o gentio recebia em troca de côcos e outros mimos, e vemos que ainda há, hoje, quem acredite na gentileza das bibliotecas gratuitas! Dá realmente que pensar...

Visto que em todos os ramos da actividade humana não há quem meza uma palha sem interesse directo ou indirecto, se tudo é assim neste pobre mundo subllunar, como é possível não estar à vista que o produtor do Livro, autor ou editor, como seres respirantes e viventes não podem ficar à parte da engrenagem diabólica?

Como obra de esforço mal conhecido e pior reconhecido que entre nós continua sendo o complexo do Livro, só admitimos a candura dos requerentes, por de tudo lhes terem falado menos do milagre da página impressa... E, assim, havendo ainda quem acredite na Arvore das Patacas, torna-se natural haver também quem suponha que os livros pendem, já prontos, da Arvore da Fantasia, quais figos lâmpas dos braços duma figueira.

Pois não, meus amigos! Infelizmente o sonho dos artistas evolva-se de tudo quando há de mais rasteiro e material. O papel, a tinta, o grude do encadernador, os direitos de autor, custaram dinheiro aos editores, os quais, tal qual o fazendeiro ao expôr as suas melancias, expuseram o livro afim de fazerem seu comércio. Como comércio, o Livro constitue mercadoria tão inerente à escala de valores como os óculos que pagámos ao oculista para o podermos ler ou como a gorjeta dada ao «groom» que nos abriu a porta do ascensor...

Não, meus amigos redactores de circulares solitantes, não acreditem que o autor, o editor, o tipógrafo, o papelheiro, o desenhador, vivam da ambrosia que os deuses anfitriões serviam outrora na mansão do Olimpo aos seus eleitos. Tudo isso morreu há muito, nos últimos fulgores da suave ilusão! E saibam mais quantos lerem esta crónica que um autor tem às vezes de vestir e calçar de tanto melhor qualidade quanto de pior qualidade for a sua arte de escrever. Por seu lado, o editor tem de pagar no vencimento as letras de câmbio que são natural consequência das letras de forma; tem o tipógrafo de apresentar féria à família, o desenhador de pagar lúpis e pincéis ao lojista que lhos vendeu, porque se este não pagar àquêle e aquêle ao outro está quebrada a cadeia, queimado o fustel, rôta a órbita em que todos nós pensativamente nos agitamos como em circo de grande feira... Ou não será assim?

Depois, vendo bem as coisas, parece-nos não haver razão para tanto pedir. Querem saber porquê? O grupo de futebol, a «troupe» de bandolinistas ou o clube de ginástica, quando se formam, contam sem possível esquecimento, com a compra das camisolas, da bola, dos banjos e dos alteres. Para tudo isso pois tem de aparecer e apparece, inofismavelmente, a verba. Só quando, no final, se chega à lowável formação da Biblioteca, para brilhantismo dos consócios, é que não há verba nenhuma. O tesoureiro fechou contas. «Faz-se uma circular» — diz. E, livro daqui, livro dacolá, favor dêste e daquêle, sem escolha, a «trouche-mouche», recebem-se uns volumes e compõe-se a biblioteca. Ora, aqui para nós, se sem a bola não pode haver futebol, se sem bandolim não pode haver bandolinista e se sem alteres não pode haver atletas, sem biblioteca e preparação para a ler, compreender, comprar e amar, não pode haver em tôdas essas sociedades — permitam-nos a franqueza — uma assembléa-geral decente... Quero dizer: um espírito colectivo de esclarecido entendimento a bem de tudo e de todos.

Não é, claro está, que o pedir-se um livro ao seu autor não lisonjeie a humana vaidade; não é que em parte não compreendamos as dificuldades próprias dum meio pequeno, sobretudo pequeno de boa compreensão; mas para satisfazer todos os pedidos e exigências sobre o livro publicado torna-se pouco menos que necessário fazer uma edição especial. E a verdade é que é tempo de reagir contra coisas que já não tem razão de ser, modificar, sacudir poeiras que o mau hábito acamou, soprando-as para bem longe...

Cuido que a biblioteca, sendo a última preocupação, deveria ser a primeira. Ponto de partida em vez de meta. Cabouco em vez de gratuito enfeite. Não se torna agradável escrever estas amenas verdades. Porém, calar os erros equivale a ajimentá-los. Os erros têm mais vida que os cértros. Devemos dar-lhes franca batalha...

JOAO AMARAL JUNIOR



Quando o ano de trabalhos escolares terminou, as alunas da Escola Machado de Castro vieram dar provas da sua actividade, fazendo uma ampla e curiosa exposição. O Chefe do Estado inaugurou essa exposição e distribuiu prémios aos alunos que os mereceram. O sr. ministro da Educação Nacional também assistiu à sessão solene.



Os cavaleiros espanhóis foram homenageados pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol. No Casino do Estoril, a quantos fazem parte da equipa que veio a Portugal disputar a «Taça de Ouro» da Península foi oferecido um banquete. Presidiu o sr. embaixador de Espanha e assistiram cavaleiros portugueses, gente do desporto e do jornalismo.



Promovida pelo Instituto Francês, realizou-se, há dias, uma curiosa exposição de livros e que muito bem corresponde ao sentido que presidiu à sua organização: a França, nas horas de provação, mantém as suas qualidades de criadora intelectual. Para isso se apresentam livros publicados depois de 1939 — portanto, depois da guerra. Assistiram à inauguração os srs. ministro de Portugal em Vichy e da França em Lisboa.



Os empregados da Companhia de Seguros «Tranquilidade» reuniram-se, há pouco, num almoço de confraternização que teve lugar no salão da F. N. A. T. em Coimbra. Damos dêste almoço um aspecto curioso, pois nêle tomaram parte algumas centenas de funcionários da sede, em Lisboa, e das delegações de Coimbra e Porto.

MISTÉRIO E AVENTURA

PROBLEMA N.º 5

O caso do escultor Le Maire

É cada vez maior o êxito destes problemas policiais. As respostas avultam, de número para número. E algumas deduções são muito boas, de facto. Em contra-partida, doutras nada se pode aproveitar.

Mas sinceramente estamos satisfeitos. E, caso curioso, alguns dos melhores solucionistas são femininos. As nossas homenagens à perspicácia e à inteligência das nossas leitoras. E vejamos agora quem conseguiu solucionar este enigmático caso do escultor Le Maire. As respostas podem vir até ao dia 4 de Julho.

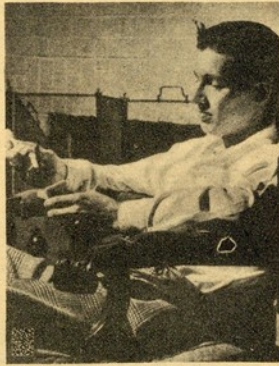


1 De repente, a pianista Gerda Jannings entrou no quarto e descobriu que a sua companheira Evelyn Lord estava lendo a sua correspondência particular. Gerda lançou-se sobre ela: «Traidora... Dá-me já essa carta!». E os seus dedos fortes e grossos arrancaram a carta das mãos de Evelyn. Esta, porém, respondeu-lhe irónicamente: «Já sei... Ele escreveu para te dizer que és parva em o perseguir... Ele não gosta de ti!

E safu, batendo violentamente com a porta do quarto. Ia furiosa. Gerda deixou-se cair numa cadeira, amachucando a carta nas mãos trémulas e de olhos excitadamente brilhantes...



3 Na noite desse mesmo dia, informam a polícia de que o escultor Le Maire foi encontrado morto em casa. De facto, o corpo de Le Maire está estendido no chão. Apresenta profundos arranhões no rosto e no pescoço e tem junto de si uma flor esmagada. Continuando as investigações, a polícia descobre um diário do escultor onde sabe que ele sofria do coração, que queria fazer uma viagem à volta do mundo, depois de casar — e em que se fala da presença de Gerda e de Evelyn, no chá dessa tarde. Seria possível que...



2 Precisamente o motivo da discussão entre as duas companheiras, o escultor Leon Le Maire, estava nesse momento sentado no seu gabinete de trabalho. Enquanto moldava uma pequena estatueta de formas esquisitas, uma idéia lhe dominava o espírito: estava farto de Gerda e de Evelyn. Gostara delas, mas tudo acabara já... E porque não haveria de as convidar para virem tomar chá com ele e terminarem assim êsses «flirts» tão prolongados já? Leon Le Maire sorriu. Devia ter graça, vê-las, uma em frente da outra...



4 Interrogadas, Gerda e Evelyn prontificam-se a fazer as suas declarações. Evelyn confessa que chegara a casa de Le Maire às 3 horas da tarde e saíra às 4. Não tinham discutido. Por sua vez, Gerda disse que chegara às quatro e vira Evelyn sair a correr. Mal entrara, ela descobrira o cadáver de Le Maire... mas não tivera coragem de chamar a polícia. Ambas juraram que a flor amachucada não lhes pertencia. Qual o procedimento da polícia, de pois destas declarações? Quem prendeu? Porque?

(Ver a solução no próximo número).

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 3

- * Alberto M. Saraiva (Monte Estoril).
- A. F. da Costa e Castro (Pórtio).
- Afonso M. Ferreira (Lisboa).
- Agostinho Castanheira (Lisboa).
- Alfredo Leal Franco (Lisboa).
- Anólia (Lisboa).
- Antónia F. Graça (Lisboa).
- + Amador X (Lisboa).
- A. Moura e Silva (Castanheira de Pera).
- Artur F. Varatojo (Lisboa).
- Arturo Silvari — Detective amador (Lisboa).
- + Belarmino Barata (Coimbra).
- Charl-e-Chan (Coimbra).
- Detective de Salas (Braga).
- Dick (Condeixa).
- Fernando A. P. M. (Lisboa).
- * Fernando E. Trigo (Ermezinde).
- + Filipe de Agullar (Foz do Douro).
- Francisco A. Carreira (Golegã).
- Henrique de Oliveira (Espinho).
- + Henrique Fernandes (Estremoz).
- H. M. — Amador (Lisboa).
- * Israel Ferrelra (Lisboa).
- Ivone Costa (Lisboa).
- * João Alberto Gouveia (Lisboa).
- Joaquim de Jesus Parreira (Coimbra).
- Jorge Galamba Marques (Castanheira de Pera).
- José C. Leal Diogo (Vila Franca de Xira).
- José Grade Grangeio (Lisboa).
- José Machado Mascarenhas (Pórtio).
- José Marinho Sequeira (Lisboa).
- José Soares (Pórtio).
- * Leiria Dias (Lisboa).
- Lyxman (Lisboa).
- Manuel Baptista Neves (Coimbra).
- + Manuel Pereira P. Soares (Macedo de Cavaleiros).
- + Manuel R. Moraes (Lisboa).
- Maria Julieta Patricio (Covilhã).
- Mistério do Repórter (Loulé).
- + Natércia Leite (Lisboa).
- Novo de Ouros (Lisboa).
- O Falcão (Pórtio).
- Pedro Silvestre (Lisboa).
- Rodavias (Evora).
- Rogério Costa (Lisboa).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4

O inspector Hannibal Cobb suspeitou imediatamente de Marsh. Quando o viu pela primeira vez, Marsh estava com um colarinho de goma, sem volta, e tinha um laço em forma de asas de borboleta. (Foto 1). Todavia, durante o interrogatório, Marsh apresentou-se com um colarinho diferente, vulgar e um laço de pontas estreitas (Fotos 3 e 4). Na posse destes pormenores, Hannibal Cobb pensou que Marsh mentia quando negava que tivesse saído do Clube, depois da meia-noite. E assim lhe fez a seguinte dedução: Convinco de que uma breve ausência do Clube não seria notada, Marsh combinara um encontro com Nadine, a bailarina, no automóvel de Muriel. Ai, por questões de ordem passional, resolvera estrangular a rapariga. Mas esta lutara e rasgara-lhe possivelmente o laço e o colarinho. Então, como morava perto do Clube, Marsh correria ao seu apartamento e mudara de laço e de colarinho. Depois voltara ao Clube, pensando que ninguém repararia em tão ligeira modificação.

Mas o inspector tinha ôha de linche. E Marsh acusado abertamente de assassino da bailarina, fez uma confissão completa. De facto, matara Nadine porque ela, enciumada, o ameaçara de impedir o seu casamento com a milionária Paula King.

- + R. P. (Lisboa).
- * Rutra Erbon (Lisboa).
- Sapex (Lisboa).
- Simara (Lisboa).
- * Telmo Terroso (Lisboa).
- * Zirteba (Lisboa).

Os marcados com * entram pela terceira vez neste Quadro de Mérito. Os marcados com + entram no Quadro de Mérito pela segunda vez.

CORRESPONDÊNCIA

ANTÓNIO ALBERTO PARADELA — Amadora — A sua sugestão quanto à classificação dos solucionistas está a ser estudado...

RAÚL GOMENA — Lisboa — A respeito dos seus comentários, devo dizer-lhe que dos 137 solucionistas do Problema n.º 1, só o senhor não percebeu a história. Portanto...

NATÉRCIA LEITE (Lisboa) — Sinceramente gostei da sua dedução. Clara, lógica, simples mas enérgica — tem todos os verdadeiros requisitos... dum bom raciocínio policial. Felicitações. Você é das únicas concorrentes que acertaram em todos os problemas.

SHERLOCK HOLMES (Lisboa) — Tomei em nota os seus pedidos. Com respeito à primeira solução, chegou atrasada. Na segunda, foi para o quadro de mérito. E nesta terceira falhou. Isto é descer, senhor Sherlock Holmes!

DETECTIVE AMADOR — Pórtio — De facto, é possível que mais tarde organizemos um grande Concurso com prémios. Tudo virá a seu tempo...

REPORTER MISTÉRIO

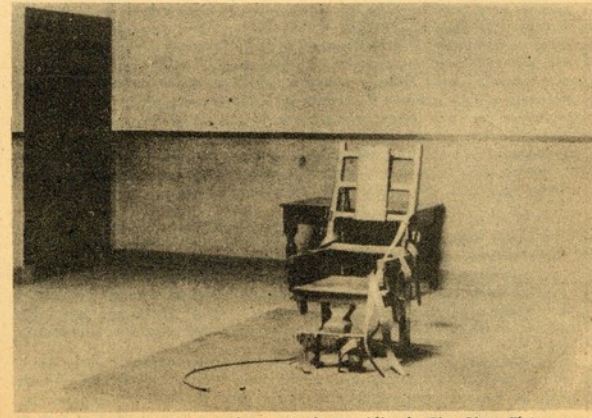
Veja se descobre...

(Solução do número anterior)

1 — O detective sargento John F. Cullinan que desvendou um célebre caso policial ocorrido nos arredores de Boston e conhecido pelo nome de «cocktails da morte».

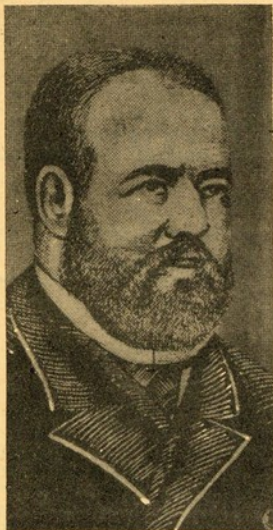
2 — Stephen Mabey, um ex-famoso «jockey» que cometeu um nefando crime em Upland Street, n.º 36, Dorchester, Massachusetts, nos arredores de Boston, e que só foi descoberto pela argúcia do detective Cullinan.

Esta é a cadeira da morte



ESTA é a famosa câmara da morte do presídio de Sing-Sing. Três portas, uma pequena mesa, uma cadeira e o título «Silêncio». Nada mais e tudo isto! Por ali têm passado criminosos célebres, no minuto final da sua vida terrível. A cadeira eléctrica de Sing-Sing, trágica, não perdoa. Castiga implacavelmente!

SAUDADE DO PASSEIO E DA AVENIDA



A doença atingira aquela última ola — a minha árvore umbrosa, saudável, reforescente na matizada fresca dos pássaros cantores e na graça siléfrica das entre-cruzadas e errabundas heras. Elas enobreciam o vultoso tronco, ampliando com a metódica desordem das suas sombras oscilantes a perspectiva do tronco enorme que haviam escalado. E eu, em cada Primavera, gozava-lhe as murmurantes carícias. Considerava-me um mensageiro da saúde, confundindo a frouidão dos meus muitos tempos, o passear trôpego de velho, com o inezperiente tropel da juventude irradiante.

Mal é de muitos permanecer-lhes, no físico cavername, resíduos de vital energia. Repressados, contrariados, anquilosados antes de consumidos, não querem admitir e de preferência confundem a parte com o todo. Esse mudo protesto amplia-se aos seres e cousas circunajacentes. Outros chamam-lhe egoísmo.

Melo século de vivas confidências, de amorosos transportes, de meigas efusões, de imaginosas êxtases — pautados pela branda e geométrica queda das fôlhas que morrem ou dos botões que se engrinaldam. Consórcios privativos das estações intermédias, eles acompanham a senetude precoce das horas e das vidas. Maios e Outubros verdes, prolongados simbolicamente no encanto nocturno da negra e rescendente olaia, a árvore cidadã por excelência em cujos troncos se perfilam, em gótas ovaladas, os rócios madrugadores.

Conceber o óbito vegetal do tronco da saúde, o mesmo seria que, novo Carlos V, mandar rezar e assistir ao entêrro e encomendação próprios. A olaia feneceira e fiquel à espera do seu renascimento. Os seus palmos de terra circulares, como o Infinito, permanecem abertos na eternidade das raízes e da indiferença burocrática.

ROSA ARAÚJO e as árvores da avenida

A cruel picareta dos desentulhos camarários, sem ter o amor das sombras propícias à infância e à mocidade, converteu-se em perseguidora de árvores, de velinos e de ruínas. O Passeio Público, que há meio século já era insignificante, foi depois eliminado cruelmente, e a árvore, o jardim, o descanso perfumado dos parques — arrancados como afrontosas inutilidades.

Na longa e complexa história da «questão Rosa Araújo», ao insurgir-se e protestar o lisboeta contra o plano de devastadora eliminação das suas sombras queridas, do seu amado Passeio Público, êle sabia, adivinhava que as árvores desacompanhadas de arbustos, do seu ambiente vegetal lógico, haviam de morrer. E assim foi. Lisboa, há muitos anos já, é a capital mais desarborizada do mundo — com excepção das arelas do Sahará. Aqui, nesta sádua terra ressumante de água, vive-se na insolação permanente, e quaisquer cinco passos nos derretem em suores e perigos sufocantes.

As poucas árvores escapadas à universal manança, aquelas que tristemente vicejam em escassos logradouros — estão rodeadas de ferro fundido ou de regulamentos proibitivos em absoluto. Por vezes, pensamos na última olaia escapada à extinção do Passeio Público e companheira, durante anos, dos primeiros arranques da grande Avenida que se lhe sucedeu. E relembramo-la, saudosa, e recordamos o seu perfil feminino, amável, romântico. E temos de concordar em que fêz bem em morrer, tão solitária estava. Também se morre por falta de convívio...

AS GRAN-VIAS DE MADRID E AS AVENIDAS DE LISBOA

Enquanto assim sucedia em Portugal, Madrid, pensosamente, custosamente, renovava-se, urbanizava-se, enchia-se de avenidas, de gran-vias, abatia partes de bairros, ampliava outros, conservando ainda os seus parques centenários e criava novas zonas florestais nas faldas da serra do Guadarrama, aproximadas por todos os modernos meios de transporte do centro da grande capital espanhola. As suas ruas, ondeadas de fartas cabeleiras arbóreas, não oferecem, tão pouco, o aspecto escarpado das nossas avenidas — onde, parece, com todos os exagérios de um

«desnudismo» Impróprio e condenado pela tradição, clima e hábitos, ter-se procedido à raspagem lunar do solo cidadão.

Literalmente: não dispomos de uma sombra em dezenas de quilómetros de ruas modernas; naquelas avenidas e ruas cuja construção recente inculcava uma decidida vocação vegetal; nas praças e artérias onde o sol queima todos os anos, nas montas envidraçadas e desarborizadas, o valor de muitas, numerosas e opulentas fortunas.

Por não termos o rigor climático das outras grandes cidades, em lugar de o atenuar com densas e copadas árvores, barbeámos as poucas que tínhamos, criámos o positivo inferno escaldante das fachadas modernas e devolvedoras à rua do excesso de luz e sol que não podem restar. Ora nunca lémos que fôsse habitável a clássica caldeira de Pero Botelho. Pois nela fervemos, embora contrariados, nove meses no ano — enquanto, nos três restantes, mal chego os escassos e rotinários transportes para nos largar, por muito forte, encharcados em água, a um quilómetro da respectiva residência.

O conformismo tem limites. E, ao ver o aspecto de falsa saúde de uma população predominantemente ordeira como é a de Lisboa, e cuja esmagadora maioria, constituída por mulheres, por velhos, por crianças, por depauperados, aceita com sublimada resignação tódas as restricções em todos os usos e frutos do património comum, desejaríamos converter em divisa de Lisboa-1944 a necessidade vital, inadiável, imprescindível de uma urbe do século XX em legítima, moderna, asseada conexão com a do século XIX:

- Árvores em tódas as ruas!
- Arbustos em tódas as árvores!
- Fiôres em tódas as janelas!
- Água, ao público, em todos os cantos e quarteirões!
- Ensino público das regras elementares de jardinagem e arborização!
- Conversão dos passelos em plantos salubres, refrescantes, para que as olaias voltem a nascer e Lisboa seja cidade-jardim, em todos os andares, e não estendal de tuberculose ou anemia ou, pior ainda, de caqueixias precoces.

QUANDO LISBOA IA AO «FERRO DE ENGOMAR»...

A pseudo noção higienista fêz do lisboeta um ser refractário a quantas cousas de amável, de sociável, de alicante, contém o mundo vegetal. E, entretanto, melhor seria a ressur-

reição do Passeio Público, da Avenida e os seus «corsos», de tódá a efusão amável da Lisboa que ainda conhecemos, na tradição escrita ou oral, e da qual todavia subsistem monumentos pessoais, cujo heroísmo em viver através de tão contrárias condições é de todos admiradas e louvada.

Era eu um «pequeno» mas recorde muito bem as saudáveis e gastronómicas expansões no «Ferro de Engomar». Os «comes e bebes», expressão amável e confraternizadora do nível de vida «alfacinha», comuns a tódá a gente, tinham autênticos devotos. Af se fizeram perduráveis matrimónios, se alicerçaram amizades, se consideraram vocações ou se estimularam vontades desordenadas ou apáticas. Assim, sem troncos sádios a que encostar os corpos; sem a eternidade dos parques públicos, o frêmito moderno das avenidas acompanhado da sociabilidade dos largos arreamentos modernos vestidos de árvores e arbustos que sejam de todos e estimulem a andar na via pública — sem êsse enraizamento perpétuo e tenaz na terra nutritiva e fecunda, sem o entrelaçar do baile campestre com a música delicada de salão, é que não vamos a cousa alguma!

O lisboeta ama as suas árvores. Mas elas são bem poucas! Sem embargo, quando êle pode, alarga o seu passelo até o Jardim Zoológico ou, mal se lhe abre uma perspectiva de sombra e economia, à Feira Popular. Conserva a saúde dos oiaias — e delas, a última, aquela que, na praça dos Restauradores, simbolizava num sulco verde e denso tódas as outras, tódas aquelas que a intenção bondosa de Rosa Araújo fêz massacrar no velho Passeio Público, essa, não renasceu.

AS ÁRVORES? ISSO NÃO!

Génio e carácter, símbolos vivos de um povo definem-lhe a psicologia. Ora as árvores, companheiras amoráveis, femininas em português, masculinas em espanhol, recebem e cor-tejam e fazem Madrid propícia ao forasteiro.

Elas encerram e delimitam as virtudes e faltas que haver possa no carácter da grande capital irmã. Serviu, porém, nas horas trágicas e ultra-penosas da guerra civil, percorridora de tudo isto que, estendendo-se ao universo, agora parece amatnar por estacionamento — serviu, pois, para acentuar o génio e o carácter espanhol:

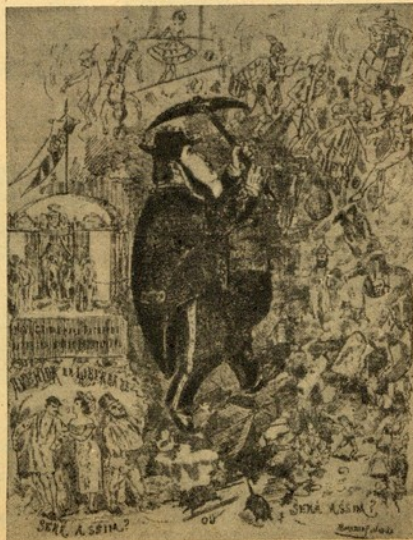
Madrid tudo sofrera, nos prolongados anos de guerra, e a sua população, em tódas as suas classes, agüentara já três invernos crudelíssimos. Não havia de comer. A água repartia-se em medidas reduzidíssimas. Nas grandes galerias do «metropolitano» ou dos enlances ferroviários, estacionava a população civil: mulheres, velhos, crianças. Tudo se queimara ou destruíra no inferno da metralha. Por fim, deliberara o município.

— Precisamos de combustível. Queimemos as árvores, para mais que não temos água para as regar.

A notícia correu. Tomou vento. Ninguém acreditava. Mas, ao confirmar-se, êsse povo imenso, como um fantasma sala dos buracos clamando: — As nossas árvores? Isso, não! Nem uma, são nossas!

Horas decorridas, o armistício estava assinado.

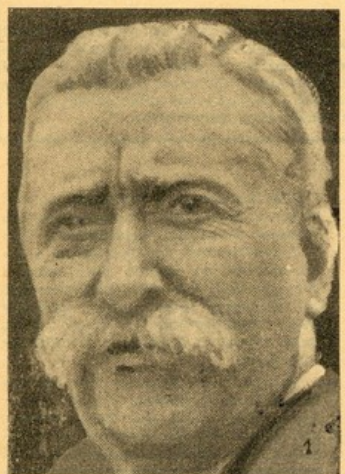
CONSIGLIERI SÁ PEREIRA



Rosa Araújo, ao iniciar a abertura da Avenida da Liberdade, visto por Bortaldo Pinheiro



Churchill (1) tinha ido pela última vez a França em 13 de Junho de 1940, acompanhado por Halifax (2) e Lord Beaverbrook (3).



Louis Marin (1) e Henry Queille (2), duas figuras que podem tomar vulto no xadrez de Argel.



Alexander (1) e Lord Lloyd (2) tinham empreendido a última «démarche» junto do governo francês, instalado em Bordeus, quando já tinha sido pedido o armistício.



Duff Cooper (1) e Lord Gort (2) fizeram a última tentativa de contacto político franco-britânico, durante uma viagem aérea de Londres a Casablanca.

QUATRO ANOS DE INTERVALO

As últimas visitas de personalidades britânicas a território francês

OS COMPLICADOS MEANDROS DA POLÍTICA DE ARGEL

Quatro anos de distância, muitos pormenores da guerra têm feito sugerir uma longa série de traços paralelos, a que não falta, em boa verdade, o mais alto interesse de cotejo. Em primeiro lugar, terá que se ter em conta o próprio quadro geral dos acontecimentos, depois os pormenores: ter sido Junho que viu, em 1940, o termo da primeira campanha da França e, em 1944, abrir-se a segunda. Em Junho de 1940, pela última vez, Churchill pisara o território francês, na sua dramática visita a Tours, com Halifax e Beaverbrook, quando os exércitos alemães, como tinteiro entornado numa mapa, tudo cobriam com a sua mancha; em Junho de 1944, Churchill volta à França, junto dos exércitos anglo-americanos que defrontam de novo os alemães. Em Maio e Junho de 1940, os exércitos ingleses em França cruzam angustiosamente o Canal, batidos, sem armas, na mais angustiada retirada por mar, quando o comando já não pensava em mais que salvar as próprias vidas humanas; em 1944, simbolicamente, a primeira divisão britânica desembarcada em França, para a nova batalha, é uma das divisões evacuadas de Dunquerque.

UM DUELO PROLONGADO

E os mesmos homens, os mesmos nomes... Em 1940, ninguém tinha reparado no nome do general de divisão sir Bernard Montgomery. Dois anos depois é que esse nome se revelava, no comando do 8.º Exército, em África, nas horas tormentosas da defesa do vale do Nilo, com a ameaça alemã debruçada sobre o Egipto, ao mesmo tempo que os russos retiravam sempre, até aos contrafortes do Cáucaso, e os japoneses corriam da Birmânia sobre a Índia — mão estendida dum lado, mão estendida do outro, para o gigantesco abraço do Eixo que tudo parecia disposto a apertar irremediavelmente num anel de ferro... Depois, foi a barragem de fogo de Alamein, todo o novo fluxo na Líbia, a campanha da Tunísia, o salto à Sicília, o desembarque na Itália. E sempre os dois — Montgomery encabeçando os ingleses, Rommel à frente dos alemães — sempre os dois vigiando-se, disputando-se, guerreando-se. Rommel foi o «blitz» alemão em África. Montgomery foi o homem que lhe fez frente e o bateu. A Grã-Bretanha, coisa dos seus prestígios — a guerra faz-se no campo de batalha — de novo coloca «Monty» no mesmo teatro de operações onde os alemães puseram Rommel: batalha de dois países, de dois exércitos — e também de dois homens...

DE PARIS A ARGEL

Em 1940, na hora do colapso francês, o bloco que corporizava a ideia da resistência «à outrance» lançou uma sugestão: Argel. Depois de a sede do governo ter recuado de Paris para Tours e de Tours para Bordeus, porque não recuar de Bordeus para Argel? A ideia não vingou, mas, quatro anos depois, Argel ergue o facho da França combatente. Em 1940, o coronel Charles De Gaulle, que Reynaud — em homenagem às suas concepções de previsão quanto à técnica de guerra moderna — fizera general e sub-secretário de Estado, lançou de Londres, na hora da derrota, o grito da rebelião contra o governo de Pétain que decidira a capitulação. O Marechal replicou irradiando-o dos quadros do exército e da própria qualidade de cidadão francês. De Gaulle, que tinha ido a Londres em missão, lá ficou e lá organizou o que pôde da resistência armada dos franceses. Quatro anos depois, De Gaulle — aliás com a sua posição política um tanto comprometida aos olhos dos aliados da França — volta também a pisar o solo da metrópole francesa, nessa famosa Normandia que foi, pela História fora, campo de cruentas e famosas batalhas. Cherburgo, grande porto comercial e grande arsenal da marinha de guerra, é outra vez um alfinete com bandeira nas cartas onde se acompanham as operações...

UM VOO A BORDEUS

A «testa de ponte» da Normandia tem sido visitada por numerosas altas personalidades das Nações Unidas: os comandantes supremos das forças terrestres, aéreas e navais dos Estados Unidos atravessaram prepositadamente o Atlântico para não demorar a sua aparição. O rei da Inglaterra fez a travessia da Mancha num cruzador com o mesmo objectivo. Em 1940, as últimas personalidades britânicas a visitar território francês, além de Churchill, com Halifax e Beaverbrook, como se disse já, a Tours, em 13 de Junho, foram, a 19, já pedido o armistício, os ministros Alexander, então e ainda hoje 1.º lord do Almirantado, e Lord Lloyd, então ministro das Colónias e falecido alguns meses depois. Foram a Bordeus em missão de informação. Baudoin, antigo colaborador e protegido de Reynaud, que se separara do seu patrono um tanto espectacularmente, escolhido

por Pétain para ministro dos Estrangeiros, afirma ainda que o governo vai partir para a África, via Perpignan e Port-Vendres. A mensagem é transmitida para Londres, com outra garantia, dada ao embaixador Campbell:

— Nem um barco de pesca será entregue ao inimigo!
Os delegados britânicos regressam no seu avião, impressionados mas confiados: nem tudo estará perdido.

O ÚLTIMO CONTACTO

O último contacto de ministros britânicos com terra francesa deu-se pouco depois. Emissários: o ministro das Informações, Duff Cooper — um inglês abertamente francófilo de todas as horas, hoje representante em Argel, com categoria de embaixador — e o general lord Gort, que comandara em França o Corpo Expedicionário Britânico. Seguirá do sul da Inglaterra, por via aérea, para Marrocos. O avião desce em Casablanca, onde os delegados britânicos esperavam encontrar-se com os ministros e parlamentares franceses embarcados em Port Vendres a bordo do paquete «Massilia» e que deveriam constituir a célula nuclear da nova organização política da França, instalada no norte de África. Mas, contra toda a expectativa, ao descerem do seu avião, Duff Cooper e lord Gort percebem que a força armada que os acolhe não é apenas uma guarda de honra — é uma guarda de polícia. Embora tratados com todas as deferências, são objecto de estreita vigilância, é-lhes vedado todo o contacto com dirigentes franceses e, ao mesmo tempo, recebem o pedido de não demorar a sua permanência. Assim se malogrou o que, então, se chamou a «última tentativa para restabelecer em território francês a aliança franco-britânica».

A AMEAÇA SOBRE BORDEUS

A viagem do «Massilia» tinha sido encomendada oficialmente. Embora contra o desejo de Pétain, o presidente Lebrun, os presidentes do Senado e dos Deputados, Jeanneney e Herriot, grande parte dos ministros e dos parlamentares eram de opinião que o governo se devia transferir para a África do Norte, ideia que retomou vulto no primeiro instante em que foram conhecidas as condições alemãs para o armistício. A partida tinha estado marcada para 18 de Junho. O Presidente da República está pronto a embarcar. Mas Pétain — forte no conselho de Laval — mostra-se cada vez mais reticente. Lebrun cede também:

— Esperamos para amanhã...
Laval, o verdadeiro artífice da política posterior ao armistício, de colaboração com o vencedor, fazia já valer o peso da sua influência e da sua longa experiência de manobrador. É dele que parte toda a resistência junto dos que desejam partir. Mas há os partidários decididos da viagem — e o argumento que parece prevalecer entre os mais hesitantes é que o governo nem sequer está livre para negociar as condições do armistício, porque os exércitos alemães avançam sempre, aproximando-se de Bordeus. Mas Pétain pede a Hitler que a ocupação de Bordeus seja poupada até 30 de Junho. Lebrun, por mais esta razão, resolve ficar.

PARTIR OU FICAR?

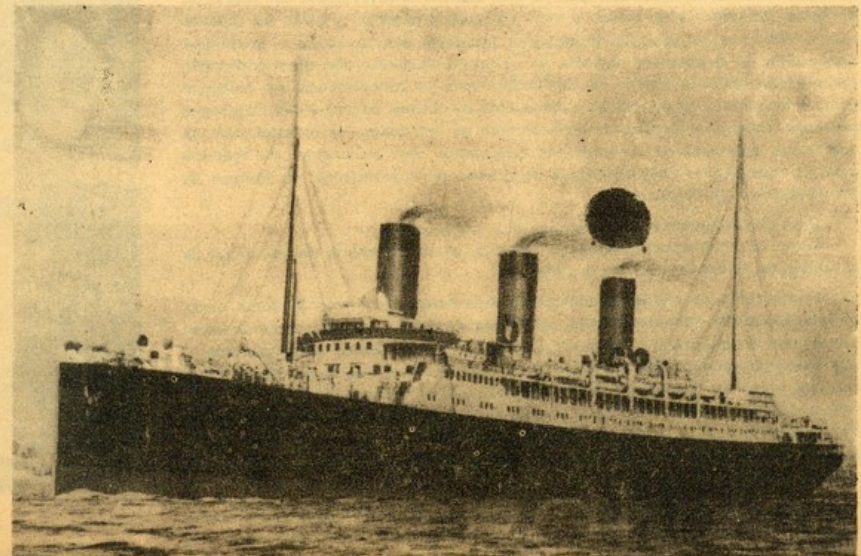
O «Massilia» estava pronto, na foz do Garonne, preparado para a viagem. O questor da Câmara dos Deputados, sr. Barthe — esteve em Portugal, há alguns anos, como delegado francês a um congresso vinícola — comunica aos seus colegas, numa reunião, que os «presidentes vão partir». Os presidentes são os srs. Lebrun, Jeanneney e Herriot. O marechal fica, mas delega num dos vice-presidentes do Conselho, sr. Chaumets, poderes para o que der e vier. Uns embarcam, outros ficam. Em boa verdade, ninguém sabe que fazer, no meio da confusão geral. Mas dos presidentes não vai ninguém. Lebrun capitula perante as cominações de Laval. A bagagem de Herriot vai para bordo, mas o antigo chefe radical fica, preso à decisão de Lebrun. Nesses mesmo dias — 20 de Junho — Pétain dá a ordem aos seus colaboradores: ninguém sai de Bordeus. O conhecido paquete — que tanta vez veio ao Tejo — entra no Atlântico, rumo a Marrocos, com a sua aparatosa carga de resistentes. Daladier, Georges Mandel, Yvon Belbos, Jean Zay e muitos outros seguem a bordo.

VIAGEM DE IDA E VOLTA

Quando o «Massilia» chega a Casablanca tudo se passa ao contrário do que fôra previsto e suposto: os antigos ministros e parlamentares não são autorizados a desembarcar. Pelo contrário, são mantidos sob estreita vigilância — como aconteceu aos delegados britânicos Duff Cooper e Gort, que tinham ido ao seu encontro — e o barco retoma curso para regressar a Bordeus. Só há um viajante que consegue pôr pé em terra marroquina: foi Georges Mandel, antigo ministro dos Correios, das Colónias e do Interior. Tenta expedir um telegrama para Londres — mas o telegrama é interceptado e serve, mais tarde, de base para a instrução de um processo instaurado contra os incriminados no processo de Riom. O governo de Bordeus conseguiu, assim, controlar toda a viagem do «Massilia». Logo que, mediante qualquer pretextado, Mandel regressa a bordo, o barco levanta ferro e volta ao porto de partida, com todo o seu elenco político, de que se pensava formar o nó da resistência, o governo dos que queriam que a França continuasse a lutar com todos os seus recursos. Quando o «Massilia» chegou a Bordeus, tudo se tinha consumado. Estava assinado o armistício. O governo ia transferir-se para a zona central da França. Vichy, a cidade das térmicas, ia tomar foros de capital.

DUAS RESERVAS?

Quatro anos depois, com a França de novo sulcada pelos exércitos combatentes, mais ainda que o problema militar, parece ser o problema político que inquieta os dirigentes das Nações Unidas. Depois dos episódios Giraud-De Gaulle — em que o primeiro parecia apoiado por Washington e o segundo por Londres — este último foi nitidamente o vencedor. Mas a Comissão Nacional de Argel, que já tomou para si o título de Governo Provisório da França, está nitidamente longe de disfarçar a confiança anglo-americana. O reconhecimento não se faz, De Gaulle é criticado, a sua viagem à «testa de ponte» na Normandia faz-se isoladamente — quando poderia ter sido feita na companhia de Churchill —, o general é recebido ao desembarque por um simples delegado de Montgomery. É difícil prever o verdadeiro significado de uma situação de que só se vêem vagos reflexos. Dos antigos quadros políticos franceses, poucas são as figuras de primeira linha que conseguiram chegar a Argélia. Está Louis Marin, que era, no Parlamento, o principal chefe da extrema direita republicana. Chegou, recentemente, evadido de França. E está Henry Queille, um radical moderado, numerosas vezes ministro da Agricultura, que chegou a ser indigitado para Presidente da República na última eleição de Versailes. Um ou outro poderão, em qualquer momento, ser chamados como recurso para se resolver um problema que está longe de se apresentar de fácil solução.



O «Massilia» tinha sido oficialmente requisitado mas da sua viagem a Casablanca não resultou o golpe de resistência sonhado.

Foi a paciência dos sábios que arrumou o universo. A história do mundo é um catálogo imenso de povos, onde as religiões têm uma etiologia e as raças um ficheiro enorme. Essa curiosidade foi tão longe que desenterrou da aluvião fabulosa dos séculos as origens das civilizações. Sempre que se quer medir a distância percorrida nessa noite profunda e remota, depára-se com a exótica ventarola duma China legendária, ninho das primeiras idéias religiosas e filosóficas que agitaram o pensamento humano, logo depois com o fogo sagrado duma Índia não menos velha de tradições quasi mitológicas, e em seguida com esse museu de múmias que é o Egipto — três bérços de civilizações que descrevem o círculo da eterna caminhada dos investigadores.

SE procurarmos no nosso planeta um ponto minúsculo onde possamos fixar a um tempo a antiguidade religiosa e a antiguidade histórica, inseparáveis da fonte do mais espantoso agregado de raças diversas, espalhadas pela terra, desde o arqueológico mundo árabe à sempre imprevisível prestidigitação geográfica do Velho Testamento, desde o nascer do sol nas tendas de Israel ao crepúsculo do Império otomano, se buscarmos essa raiz, seca como um osso, entranhada na areia que sepultou dinastias milenárias, legiões de profetas e reinados poderosos, encontramos a Síria. Dos oásis dos seus desertos teria provindo o formigueiro islâmico, fazendo, ainda hoje, transbordar o Oriente e o Ocidente de populações e de tribos muçulmanas, milhões e milhões de almas deixando pegada em todos os caminhos da África e da Ásia.

A Síria luminosa e ardente é aquele *Aram* remotíssimo de que fala a Bíblia, país de guerreiros heróicos e de lendas, de riquezas fantásticas e de poetas. Todos os profetas e todos os visionários se encontraram ali no decurso da história. Ali, perto de Damasco, cidade de bazares e de mesquitas, que tem o nome ligado à conversão de S. Paulo, fertilizando a doçura do *Abennef-sage* — o vale das violetas — nasce o bíblico Jordão, onde o filho de Zacarias baptizou Jesus. Parece que as águas do *Sheriat-el-Kebir* dos sírios, tinham por missão levantar através dos areais e das planícies, o alento místico que havia de fortalecer a fé dos hebreus e dos cristãos; atravessa o lírico Tiberíades, ou Lago de Genezareth, em cujas margens idílicas Cristo reflectiu, amou e sonhou, e entre ásperas, escavadas e áridas montanhas alcança o Mar-Morto, de margens calcinadas, inundadas de basalto, onde não nasce um arbusto, o único mar sem peixes, sepultura de cinco cidades opulentas fulminadas pela cólera divina. É na Síria que corre o Eufrates desde as montanhas da Arménia meridional ao golfo pérsico, o rio que tornou sagrada Bassora — a *basra* árabe dos roseirais e das tamareiras, — a cidade dos turcos, dos judeus, dos persas e dos índios, e deu esplendor à Bagdad dos kurdas, dos árabes e dos turcomanos, essa Bagdad dos contos das mil e umas noites, dos pachás e dos limões doces, perto da qual floresceram os reinos de Ninive e de Babilónia, impérios da Assíria e da Mesopotâmia. As grandes metrópoles antigas tiveram a sua magnificência na Síria: a Baalbek dos mutualis, que os gregos designaram por *Heliópolis*, que foi a deslumbrante cidade dos *Idólatras* judeus, e hoje é apenas um espectáculo de ruínas preciosas, Palmyra — *tadmor*, a cidade das palmeiras — *Tabarieh* flanqueada de torres, que na crença dos judeus é a cidade destinada a receber o Messias, Tripoli a dois quilómetros do Mediterrâneo, velhíssima capital dum estado barbaresco de kabylas, negros, mouros, bérberes, kuluglis, turcos e judeus, com as suas altíssimas muralhas e seus pescadores de esponjas, em cujas ruas aparecem os árabes do deserto que vão abastecer-se a Hanah, Alexandreta, o mercado da seda, pórtico de escala dos paquetes das linhas mediterrânicas e do Mar-Negro, S. João de Acre — a Ptolemais dos sarracenos — que os portugueses conquistaram no século XIII, e tantas outras, que entre vinhedos e olivais mostram hoje ao viajante a desolação das suas ruínas ou o bizarrismo dos seus costumes. Junte-se ao carácter tradicionalista destas cidades a diversidade de raças, de dialectos, de tribos e de seitas, o contacto com o deserto, a fusão do Oriente com o Ocidente, as grandes inundações humanas das invasões, e poder-se-á fazer idéia da quantidade infinita de religiões seguidas por uma população heterogénea onde os judeus se confundem com os muçulmanos, os bebúfnos com os wahabitas, os druzos do Líbano com os chitas, os melchitas ou gregos católicos, com os arménios, os síriacos com os ortodoxos, os babistes com as confrarias religiosas da Anatólia, os circacianos com os naours, os boémios com os algerinos, — uma infinidade de credos, de superstições, de códigos de fé, de ídolos e de dogmas...

Uma das religiões mais estranhas é a dos *yazidiés*.

Como os primitivos tziganos da Boémia, como os labkos da Índia, ou os sarahdar do Cáucaso, adoram o diabo.

Encontramo-los em Jaba-soumáan, a dois passos de Alepo. O nome desta antiga cidade da Turquia asiática, a Beroéa da Bíblia, donde saíam as caravanas para Constantinopla, e que foi invadida e conquistada pelos mongóis e por Tamerlão, anda unido à existência da grande seita, que já no século XVII contava perto de duzentos e cinquenta mil adeptos. Acreditam num só deus todo-poderoso: *khouda* em língua kurda, e *rabbou-el-aahimín* em árabe, e em *Taos Malak*, o Diabo, a quem adoram: «A cólera de Deus expulsou Taos Makak do céu, mas no fim do mundo, ambos se reconciliarão, e o Diabo voltará ao Paraíso».

Os *yazidiés* consagram todos os esforços em merecer o agrado e a benevolência do Diabo, origem de todos os males, porque assim evitam a sua cólera e alcançam a felicidade neste mundo e no outro. Crêem na metempsicose: depois da morte, a alma pode passar para um vegetal, ou para o corpo dum leão, se aquêle que morreu foi em vida um homem de coragem, ou para

OS ADORADORES DO DIABO

o corpo dum coelho, se ele foi um poitrão. Têm um livro sagrado, o *Mouchaf Rache*, ou Livro Negro, formado com diversos versículos do Alcorão, alterados e desfigurados. A leitura deste livro é proibida aos mortais. Só o grande Fakih o pode ler. Todos os anos, em fins de Maio, se realiza a grande peregrinação a Aadi, no local onde outrora houve um mosteiro cristão. Taus Malak, o diabo, sugeriu, um dia, aos monges desse mosteiro, que abandonassem a vida monástica porque Deus havia-lhes perdoado os pecados e guardava para eles um dos melhores lugares no Paraíso. Os monges obedeceram a esta inspiração diabólica... Na noite da grande romagem ardem no interior do mosteiro abandonado trezentas e sessenta candelas alimentadas com óleo de sésamo. A religião dos Adoradores do Diabo nada tem de tenebroso ou de sibilino na sua liturgia extremamente simples: é completamente estranho a este culto, o ritual terrível das missas negras onde o sobrenatural é invocado no meio de orgias delirantes ou de sacrifícios sangrentos. Nada de demoníaco: nem magia, nem «abats», nem cerimónias fantásticas, nem assembleias misteriosas e macabras, nem conciliábulos nocturnos como entre os secretários da *Chabak*, que em determinada noite do ano se reúnem numa gruta secreta para, no final dum banquete orgiaco, extintas todas as luzes, se entregarem a um deboche comum inenarrável conhecido pela *noite de Kafscha*. Não há satanismo nesta divinização de Satan, que obedece a um imperativo moral dos *yazidiés*. Dotados duma coragem invulgar e dum profundo desprezo pela morte, os Adoradores do Diabo guardam absoluta pureza nos costumes, e nenhum se dedica a negociar com receio de se expor a trair, a enganar, a mentir... Nenhum *yazidié* será capaz de mentir. Seria amaldiçoado pelo Diabo.

Sucedem-se no mapa do mundo os acontecimentos mais imprevisíveis, mas através dos séculos, resistindo às devastações do Tempo, mais forte que as florestas vírgens recebendo o embate do «simoun» que sopra dos desertos sem fim, a religião desta comunidade dissidente professando dogmas contrários ao islamismo ortodoxo, mantém-se firme, irredutível, sólida e inabalável, sem que nenhum califa, nenhum emir, nenhum bey, nenhuma força ou autoridade se atreva a combater a crença ancestral, — parecendo desafiar a eternidade com o poder extraordinário de que o Diabo é capaz...

JORGE RAMOS



Um suk de Allepo

Fóra do Estúdio

Uma entrevista com Maria Tereza Diniz Sampaio, a triunfadora do prémio "Luiza Tódi"

A Emissora Nacional acaba de atribuir, no seu concurso de cantoras da rádio, o prémio «Luiza Tódi», de três mil escudos, à cantora Maria Teresa Diniz Sampaio, uma das melhores revelações dos últimos tempos. Maria Teresa fez provas brilhantes. A sua bellissima e inesquecível voz, aliada a uma clara dicção, fizeram com que o exigente júri lhe atribuisse o prémio, por unanimidade. Muita gente foi aos estúdios da Emissora para ouvir as provas da cantora e, quando terminou, vieram flôres e felicitações dizer-lhe que, à sua volta, já há um público numeroso, que a admira, nos seus predicados artísticos. Foi, porém, na sua casa, às Avenidas Novas, que esta entrevista se fez. D. Maria Teresa Diniz Sampaio está radiante. É uma senhora alta, insinuante, que fala com extraordinária vivacidade. Filha do ilustre professor engenheiro Diniz Sampaio, a vencedora do prémio «Luiza Tódi» começa por nos dizer:

— As provas eram, de facto difíceis. Estudei muito durante dois meses. Além dos números obrigatórios que a Emissora marcava, havia extra-programa, um número escolhido pelos concorrentes. Qual foi a peça de que gostou mais?

— «Colloque Sentimental», de Debussy. É um diálogo entre espectros.

A poesia estranha dos versos — faz-nos pensar num mundo, cheio de suavidade, que é irreal... Cantei, também Schumann, Scarlatti e uma cena da ópera «Werther» de Massenet. A canção das «Teceadeiras» de Armando Fernandes foi interpretada por todos os concorrentes.

— Quem foi o seu professor de canto?

— Aprendi canto com o maestro Pedro de Freitas Branco. A ele devo a minha educação, na escola de canto, e para ele, neste momento, vão os meus agradecimentos.

Maria Teresa Diniz Sampaio fala, agora, com entusiasmo, do tanto em Portugal. Lamenta que ainda não exista uma escola, bem organizada, que estimulasse aquêles que se julgam no «caso» de poder aperfeiçoar a voz. Já Tomaz Alcaide, o nosso tenor que tem corrido o mundo inteiro, se insurge contra o pouco caso que se faz em Portugal do canto. Nações mais pequenas de que o nosso país cuidam dos seus artistas. Dizer que não temos vocações é falso. Dizer que não sabemos aproveitá-las é uma verdade. Não nos falta matéria-prima. Todos os anos aparecem vozes que se fôssem bem educadas, sujeitas a uma disciplina escolar, tornar-se-iam notáveis. Mas não. Ninguém quer saber. E o caso é que, com mais fado e mais samba, as vocações desaparecem...

Maria Teresa Diniz Sampaio foi aluna distintíssima do Conservatório. Terminou o curso de violino com dezêito valores. Foi seu mestre, o consagrado professor Pedro Blanch.

Um dia — e este episódio tem o seu quê de precocidade — a pequena

Maria Teresa, que estudava piano com sua mãe, quis fazer uma surpresa ao pai. Tinha, então, nove anos. Era ainda uma garota. Pois quando o pai chegou a casa ouviu, na sala do piano, os sons melodiosos dum violino. Admirado, foi espreitar. E era a Maria Teresa, muito impertigada, que executava uma «suite».

— Lembrou-me — continua — que o meu pai, que sempre gostou imenso de música, me abraçou de alegria! E isto, para mim foi o primeiro e o mais sincero prémio de toda a minha vida.

Maria Teresa fica um pouco absor-ta nos pensamentos — somos nós que vamos interrompê-la:

— Que tal achou as suas concorrentes?

— Raparigas muito simpáticas! Todas com qualidades que se há-de afirmar!

— E que pensa fazer de futuro?

— Continuar a estudar, sempre a estudar. O canto necessita de muita persistência. Todos os dias faço os meus estudos. Lelo muito, também, porque a cultura é essencial.

— Gostaria de representar? De entrar em elencos de ópera?

A cantora fica um pouco surpresa. Mas logo se recompõe:

— Compreendo, isso requiere muitas qualidades. Eu não sei se poderia representar — e se teria o à-vontade de enfrentar todo o público. Todavia, talvez não desgostasse... Fazer vida profissional — isso não, tanto mais que sou casada e sou mãe...

Fala-se de outras cousas, de cinema, de livros. A vencedora do prémio «Luiza Tódi» lê muito. Gosta também, como boa mãe e esposa, dos arranjos do lar. Sabe fazer doces que são uma delícia — e não despreza — apesar da sua aporimada escola de canto — o fadinho. Admira Maria Teresa de Noronha que canta com sentimento.

— Não canto fados — diz-nos — porque me prejudica. Mas aprecio ouvir.

— Gostaria de se aperfeiçoar, no estrangeiro?

— Imenso. Um médico, amigo de meu pai e que é de Espanha, insistiu diversas vezes para que eu desse all um recital. Infelizmente o estado anormal que atravessamos faz-nos deixar para depois tantos projectos!

— Já cantou em público?

— Sim, a primeira vez numa festa de caridade no S. Carlos, com a orquestra Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco.

— Ficou satisfeita com o prémio? — Muito. É uma compensação do trabalho e do grande amor ao estudo. Continuarei a estudar... e veremos.

Maria Teresa Diniz Sampaio recebe nos braços a sua pequenita, uma filhinha de meses. Muito viva, olha admirada o fotógrafo. Mas não estranha. Sente-se bem ao colo da sua mamã. Simplesmente com os seus olhos inocentes parece querer dizer: que vem a ser isto? Eu quero o meu almôço e uma soneca.

De facto, o bebé, tem razão. São horas de nos retirarmos.

TRÊS MOMENTOS NA VIDA DE UMA ARTISTA



Na casa dos artistas, as flôres são tão necessárias como as notas de música. D. Maria Teresa Diniz Sampaio também gosta de, logo pela manhã, regar as samambaias.



Num recanto do seu gabinete a artista gosta de ler, porque o espírito requiere boas leituras e os livros são bons companheiros.



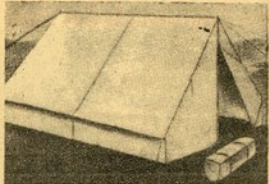
D. Maria Teresa Diniz Sampaio não é só, porém, cantora e pianista; também uma violinista de valor. Um pouco de estudo diário indispensável.



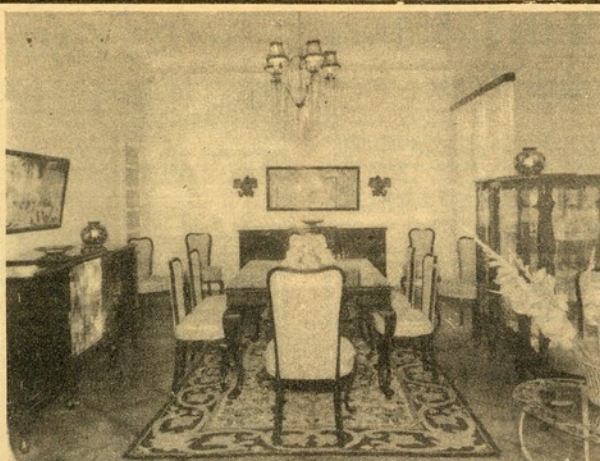
Não basta ter bons mestres e ter excepcionais dotes artísticos. Também é necessário ter espírito disciplinado e estudar. D. Maria Teresa toca piano admiravelmente.

PAGINA DAS UTILIDADES

O CAMPISMO É SAÚDE
E ALEGRIA



TENDAS E TUDO PARA
CAMPISMO
VIEIRA CAMPOS
(ANTIGA CASA FIGUEIREDO)
215—RUA DA PRATA—217
TELEFONE 27606



JOALS

Exposição dos móveis JOAL—Sala de Jantar
QUEEN ANNE

JOAL, MÓVEIS, ESTOFOS, DECORAÇÕES
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 233-B
(Ao Arieiro)

LISBOA

Telefone 44033



Os óculos que preservam
o médico e a elegância

Na Casa Adriano Seixas

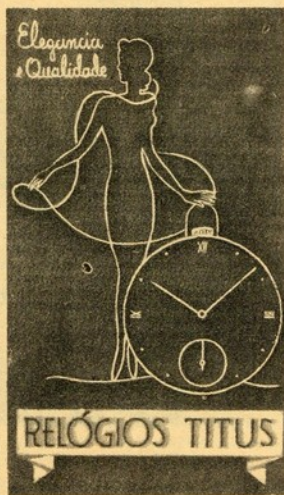
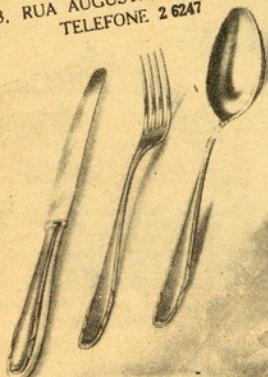
Rua Augusta, 188

LISBOA



Artigos para menaje
**CUTELARIA
e UTILIDADES**

Horácio Alves, L.^{da}
43. RUA AUGUSTA, 51—LISBOA
TELEFONE 2 6247



RELÓGIOS TITUS

ESPECIALIDADE EM:

antiquidades, joias e objectos
de ouro e prata, em 2.^a mão



Antiga Casa Mondino
de FAUSTO MÁIA VILELA

Rua do Bemfornoso, 65—LISBOA
Telefone 27964

Preferiam

SHEAFFER'S

A caneta
de tinta
permanente
n.º 1



Use

Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

Todos os artigos domésticos de electricidade e gás



**Electro
Glória, L.^{da}**

Vendas a pronto e a prestações aos melhores preços
ELECTRO GLÓRIA, LDA.
Lisboa—Rua da Glória, 20-A Tel. 24030



OUVIR UM
LUXOR
é um sonho!

Casa Jesé Costa ~ Radio Luz
Rua de S. Paulo 11-13—Lisboa

Tel. 24888

Antes de fazer as suas compras consulte esta página

O novo treinador do ATLÉTICO SEVERIANO CORREIA conta-nos a sua carreira e diz-nos dos seus projectos

Raparigas do Porto: será possível?

COM trinta e dois anos de idade, Severiano Correia, natural de Lisboa, tem sido sempre treinador de futebol. O seu nome é conhecido, mas outro tanto não sucede a sua história. Resumamo-la num instante: Educado no Asilo D. Maria Pia, abandonou-o aos 16 anos. O futebol não lhe deixava o espírito tranqüilo. Só lhe apeteia viver no ambiente futebolístico. Quando o «Perencvaros» visitou pela primeira vez Lisboa, em 1928, foi assistir a vários treinos da equipa, sob a orientação de Estevam Pöetler, esse famoso jogador que ainda hoje continua em actividade como treinador. Esta palavra illuminou o espírito de Severiano Correia. Viu e reteve os pormenores mais insignificantes da preparação do antigo campeão da Europa. Começou a trabalhar para tal. O Sport Clube Cruz da Pedra, um clube da Estrada de Benfica, que havia uma dúzia de anos se encontrava na inactividade, foi por Severiano Correia reorganizado, para não lançar a semente da carreira que havia de seguir.

Depois de três épocas de trabalho dedicado, começou a ser solicitado por vários clubes da Capital, como sejam o Benfica, Belenenses, Sporting e o extinto União de Lisboa, mas foi o Futebol Benfica que também do seu balnear, que lhe utilizou os serviços, embora só por uma época.

Passamos agora a falar a Severiano Correia: — O futebol, como praticante, não me interessava; desejava ser orientador. Foi pelo Norte que comeci a trabalhar na vida que escolhi. O Boavista chamou-me como profissional para alinhar no célebre grupo, que foi alvo de tanta polémica, mas não me conservei e no final da época abalei para a filial do Benfica em Castelo Branco, na ocasião em que se fundou a Associação de Futebol daquela cidade. Allí estive 3 anos para vir de longada até ao Sul, para a filial n.º 1 do Benfica, em Faro.

— Mas não ficou por aí... — Pois não. O Sporting de Braga, em período de reorganização, exigido pelas forças vivas da cidade, chamou-me para orientar a secção de futebol do clube. O Sporting todavia, não ganhou o campeonato, embora tivesse feito uma das provas mais brilhantes da sua existência e com jogadores da terra, chegando a vencer o Vitória de Guimarães por 5-0.

O público arrefeceu e eu retirei-me para a Figueira-da-Foz, onde iniciei uma campanha de renovação que a Associação Naval 1.ª de Maio se propôs fazer. Allí estive duas épocas, até que a Associação Académica de Coimbra me chamou para o seu serviço, donde saí depois de dois anos de trabalho na escola universitária. Eis-me de regresso à minha terra, após 9 anos de digressão pela província.

— Está satisfeito em vir para o Atlético? — Sim senhor. Procurarei servir em tudo que for possível dentro da minha bagagem. Sei quão difícil é este meu novo lugar. A acção do Atlético na última época, foi verdadeiramente notável; excedeu mesmo tudo que seria de prever. Um conjunto de circunstâncias deu à equipa um moral a que não estava acostumada — e ela a chegar à bola primeiro que todos os adversários. Foi esta a grande arma do Atlético, embora a equipa possua unidades de merecimento. Procurarei corresponder plenamente à honra do convite e à confiança em mim depositada. Espero que os meus actuais jogadores, dirigentes, bem como o seu numeroso público, me deixem trabalhar, dando-me o apoio que o lugar requiere. Desde que assim suceda, estou plenamente convencido de que o Atlético corresponderá à fama adquirida na última temporada. Só para os meados de Julho começarei a trabalhar com mais persistência. Agora limito-me a ir preparando os jogadores de modo que, quando sair à preparação do rectângulo, lai

com a idéia formada sobre o que será a continuação da campanha por mim iniciada. Creio que todos nos havemos de achar bem.

— Fale-nos de Coimbra, Severiano...

— O treinador do Atlético faz uma curta pausa e prossegue: — Coimbra nunca esquece quem passa por lá. Os dois anos em que estive ao serviço da Briosa, era mais que suficiente para jámalas esquecer aquela cidade, mas o facto de lá me ter nascido uma filha, obriga-me a ficar eternamente ligado à Académica. É um clube diferente de todos os outros, sem dúvida. Ao contrário do que muitos julgam, o estudante faz do futebol uma questão secundária. Não deixa uma aula que o possa prejudicar no decorrer do ano, se tiver de fazer um jogo. É aqui que reside a dificuldade para quem tenha que trabalhar a equipa escolar.

Os dirigentes da Académica procuram gente que tenha condições de estudo; quere de facto o jogador, mas não esquece que éle tem de ser estudante.

— Alguns têm regressado a casa porque, depois de all estarem, esquivam-se aos estudos. Esses não interessam, à Académica e então são dispensados. De resto o clube é uma verdadeira família. Dali, embora com a contribuição valiosa do futebol, têm saído rapazes com as formaturas que os conduzem pela vida fora.

— A turma na próxima época deve lutar com algumas dificuldades...

— Devem sair alguns elementos, mas não tantos como já se anuncia. O dr. Gomes irá exercer a sua actividade para Viana-do-Castelo; talvez se entretinha como treinador, porque allá, tem excelentes qualidades para isso. Octaviano, colocado no Fátima por deveres profissionais, será natural que vá a camisola dos campeonos locais; outros poderão sair, mas só por terminarem os estudos. Caso contrário, não abandonariam a Briosa.

— Deve ser difícil preencher o lugar de Alberto Gomes... — Um menelo de cabeça, confirmativo. E logo a seguir, uma opinião: — Dois interiores da classe de Gomes e Conceição, não se encontram com facilidade. Deve estar aí a maior dificuldade no trabalho de rejuvenescimento a que a equipa tem de ser sujeita. No entanto, parece-me que Leite, um jogador novo, mas já muito jogado, poderá ser, desde que adquira confiança, o futuro orientador do ataque escolar; o outro interior a aproveitar, desde que, quem nem tanto da turma, seja judicioso, é o Júnior Rui Paulo, uma verdadeira revelação que surgiu esta época, entre a miudagem dos liceus. Dá gosto vê-lo jogar, embora evidentemente não se assemelhe a um Gomes ou Conceição. Não é, porém, arriscado dizer que estamos perante um futuro grande jogador.

— A sua opinião sobre sistemas de jogo...

— Acho que se tem escrito muito acerca do assunto; uns com razão, porque conhecem os factos; outros sem ela e portanto sem fundamento. Muito teria a dizer sobre o tão discutido jogo de marcação, mas creio que não é oportuno...

— Que pensa do estado actual do nosso futebol? — Atingiu boa craveira, sem dúvida. Poderá ser que não tenha o brilho do das outras épocas, mas mesmo isso tem justificação. Joga-se mais com o coração. O resultado favorece a casa de tudo, até mesmo no éxito financeiro dos clubes. Não se diz muita vez que o clube tal perdeu uns tantos sócios, porque foi derrotado em determinado jogo? Além disso, talvez que o nosso futebol fosse mais brilhante se todos os campos fossem revoados. Isso é de grande influência para a boa concepção do jogo. No dia em que só se jogar em campo de relva, poderemos, sem receio, estabelecer confronto com todos os países...

— Então... — Acho que somos demasiadamente pessimistas, não temos confiança em nós, e somos daqueles que menos

HA cerca de um ano, em conversa com Helena Sousa Martins, soubermos do seu projecto de retirar-se para Africa, por virtude de obrigações profissionais de seu marido, o nosso amigo engenheiro Sousa Martins. Nessa altura, estímo-nos para dar a noticia e só o não fizemos, porque o simpático casal não lo pediu, argumentando que se a sua resolução se tornasse pública, causaria nos meios desportivos femininos portuenses grande decepção e poderia motivar um desmembramento quasi immediato do clube de onde éle era corpo e alma: o Feminino!... Podia até dar-se o caso de a projectada mudança de residência não se consumar.

Isto foi há um ano. Pois, agora, chega-nos de chofre a nota de que o Feminino se dissolveu, exactamente porque Helena e Raúl Sousa Martins partem no próximo mês para Lourenço Marques!

Numa Assembléa Geral, expressamente convocada, os dois desportistas comunicaram a sua ida para Africa, e os desejos que tinham de ver o Feminino prosseguir. Não temos pormenores sobre essa reunião. Ignoramos portanto, qual o número de associadas que a ela compareceu. Seja, porém, qual tenha sido, uma certeza confrangedora resalta immediatamente: não houve uma única que tivesse um assomo de energia e iniciativa, que fosse exemplo para as restantes, no sentido de continuar a proporcionar vida ao Feminino!...

E foi resolvido — se isto, sinceramente, custa a escrever, não custará sentir? — dar por finda a actividade do clube!

Chocados-nos com tal sentença de morte. Recordámos valiosas participações do Feminino em torneios de atletismo e hockey em campo, logo no seu primeiro ano de existência. Vimo-lo em sarás gindísticos e em competições de natação. Estímo-nos em festas esplendorosas na sua sede, na Avenida dos Aliados. Havia actividade. Muita vontade e não menos fé! As raparigas eram coisas da sua obra. A Helena Sousa Martins, a Carrelhas, a Madalena Macambira, a Emilia Leite, a Eva Pereira Leite e tantíssimas outras, simbolizavam bem a tenacidade de um clube que desbrochára plétórico de vivacidade, de projectos e de anseios!...

Ao cabo de oito anos, ainda que rodeada por um núcleo directivo cumpridor, só a Helena Sousa Martins pontificava com a sua generalidade — e a sua bolsa. As companheiras dos primórdios, uma a uma, tinham-se já retirado. Por razões diversíssimas, todas entretanto, não justificando o abandono completo do ideal!...

Ficamos a Helena sempre sorridente, sempre confiante, amparada por seu marido, ao qual certa vez chamámos o «ministro das relações exteriores do Feminino!...

O pedido que nos formulou há um ano tinha, como se vê, a sua razão de ser. Presentia o seu espírito, que as práticas desportivas, com tantas puritanas pretendem estultamente, jámalas masculinizaram, que algo de grave se passaria com a sua possível retirada. Estristecia a essa idea. Que infelizmente acaba de tomar expressão.

Terá realmente desaparecido o Feminino? Ficardo, de facto, insensíveis, as raparigas do Norte, ante essa resolução que consideramos um autêntico crime de lesa-desporto?

Teremos de nos convencer de que o desporto feminino português, que estava a ganhar forma, entrará na lenda?

Perque somos teimistas, talvez menos que as mulheres (!), não nos acomodamos ainda a esse pensamento!

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

acreditamos no nosso valor. Todavia, estou convencido de que já atingimos um bom nível futebolístico.

— Como encara o problema dos treinadores em Portugal?

— Não desejo mal a nenhum treinador estrangeiro, antes pelo contrário, rendo a minha homenagem a alguns que têm decaído o melhor do seu saber, em favor do engrandecimento do nosso futebol. Mas a criação dum curso de treinadores tem o meu inteiro aplauso, porque não concebo que o treinador nacional não tenha os seus interesses defendidos. E não se comprehende também que o treinador profissional portanto aquêle que faz dessa profissão o único meio de vida, sofra a concorrência de treinadores que tendo as suas occupaões, fazem o lugar para os ajudar...

— Isso não está certo, porque o treinador profissional não pode trabalhar com a remuneração que geralmente os clubes dão a esses individuos. Além disso, esses treinadores de boas vagas não podem desentender-se à modalidade com aquêl carinho e dedicação que ela requiere. Têm sido os próprios treinadores profissionais os culpados da situação que deixaram clarar. A fundação duma associação de treinadores, como já há em vários países, solucionava o problema. Eu estou disposto a trabalhar para esse fim, desde que todos os meus compatriotas dêem a sua adesão.

— Por último, Severiano e visto que a conversa já vai longa: tem aspirações?

— Uns segundos de reflexo. Depois: — Já pensei ir até ao estrangeiro, especialmente a Londres, mas a conflagração mundial, veio anular a minha pretensão. No entanto, ainda espero realizar esse sonho para isso basta que a entidade máxima do nosso futebol me auxilie, pelo menos em parte, já que eu estou disposto a fazer esse sacrificio. Mesmo trabalhar em país estrangeiro também é desejo meu sobretudo em qualquer dos países. Sonho a ver aonde me levarão as minhas aspirações!...

DAQUI E DALI

O periodo das transferências dos jogadores de futebol, está sendo aguardado com a máxima curiosidade, pelos aficionados. Muito se tem dito sobre possíveis mudanças. Parece-nos que, todavia, vão haver muitas decepções...

* * * A equipa portuguesa de hipismo voltou a ganhar a Taça de Ouro da Península, desta vez, como explicitamos no último número, definitivamente.

Parabéns aos nossos bravos cavaleiros.

A Pasta dentifrica AJA recomenda-se pela sua esmerada preparação e pelas suas propriedades antisepticas.



A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA» 1944.

FIXINA
O fixador de cabelo das pessoas distintas

Bolão maior, 15\$00
Bolão menor, 10\$00

Vende-se nas boas drogarias, farmácias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi. — Rua S.º de Idefonso, 29, Pórtó — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.º, Dt.º — Telef. 4 3582.

O mais difícil problema



Só o

CASULO Limpa-Fatos

o consegue resolver, sabido que este incomparável produto, sintese feliz de 6 substâncias químicas inofensivas, suprime radicalmente o LUSTRO, as NÓDOAS, o MAU CHEIRO e torna os fatos, como novos e mais duráveis.

Só custa 2\$00

Em todas as drogarias

REVENDA:

SCHROETER
& ALMEIDA
Rua da Madalena,
128, 2.º — LISBOA



A BOLSA DO LIVRO

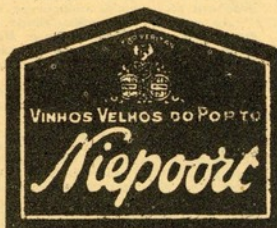
Praça de D. João da Câmara, 4-4.º
LISBOA TEL. 2 8470

compra, vende troca,
empréstimo e leilão
livros em todo o país.

Informações bio-bibliográficas, etc.

Única organização

no seu género



DIZE TU, DIREI EU

Por LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES

67 entrevistas cheias de revelações
e confidências

35 caricaturistas ilustram este livro

ALGUMAS DAS NOSSAS GRANDES
FIGURAS DE HOJE NA INTIMIDADE

DOCUMENTÁRIO DE UMA ÉPOCA

UMA ARTÍSTICA EDIÇÃO DE
«VIDA MUNDIAL»

320 PÁGINAS — ESC. 15\$00

SUISSE

Mondia

relógio

TITAN

SUISSE

DUAS MARCAS
QUE MARCAM CERTO

Uma defesa permanente contra as bactérias e uns dentes sãos e holes terá V.º Ex.º na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida

CAIXAS
DE
MUSICA

EM ESTOJOS MODERNOS

Lindas
MELODIAS

Modelos especiais para crianças
O MAIS INTERESSANTE BRINDE

Est. VALENTIM DE CARVALHO

R. Nova do Almada, 97

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardências na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



ROMANCES DA HISTÓRIA

Se Maria Antonieta tivesse fugido...

PARECE um conto de fadas, qualquer coisa de extravagante como um belo sonho, mas não é. É uma história real, absolutamente verdadeira e simples a da cidadezinha na América do Norte, construída especialmente para Maria Antonieta.

Uma colônia de franceses realistas que fugiram da Revolução Francesa e conseguiram chegar à Pensilvânia, foi estabelecer-se num extenso e fértil vale, propício aos seus intentos. Ali se reuniu para fundar sob a direção do Visconde de Noailles e do Marquês de Omer Talon, a pequenina cidade, onde Maria Antonieta pudesse tentar esquecer a sua encantada Versailles.

Trabalhando, trabalhando, eles não descansaram, construindo casas, jardins, capela, hospedagens, tratando de sementes, fertilizando o vale. E aos poucos, financiados por banqueiros de Filadélfia e à custa do suor e carinho destes amigos de Maria Antonieta, foi nascendo daquele terreno inculto a engraçada e vistosa cidadezinha, à qual chamam «Asylum»!

Eles tinham esperança. Uma esperança que lhes renovava as forças para trabalhar — de poderem subtrair a formosa rainha aos horrores da Revolução Francesa. E assim, noite e dia, sem descanso, foram construindo, cheios de carinho e amor, uma residência de sonho para Maria Antonieta. Foi toda trabalhada à mão. Desde o desenho das colunas ao desenho das chaminés. Porém, a sala de recepções, foi a sua obra máxima. «La grande Maison» — como lhe chamaram — o ninho preparado com tanta confiança naquele vale tão verde e tão calmo da Pensilvânia, esperava a sua rainha. Esperavam-na a toda a hora, a todo o momento. Mas as horas passaram. Os dias passaram. Os meses passaram. Maria Antonieta não chegou! Não viria nunca mais! A Revolução Francesa arrebatara-a...

Se ela tivesse conseguido fugir, os colonos de «Asylum» não teriam de chorar, desesperados, a morte da sua rainha. Mas porque Maria Antonieta não fugiu, os espelhos de «La grande Maison» não viram reflectida a bela imagem da rainha, nem as suas bonitas salas reproduziram o eco das alegres gargalhadas da mulher de Luis XVI.

Hoje, «Asylum» é apenas uma aldeia calma e despretenhosa, espreguiçando-se à beira do rio Susquehanna. Mas, logo à entrada, uma larga placa de metal lembra ainda, através dos séculos, o generoso gesto dum punhado de homens que esperaram em vão a sua rainha. Diz essa placa:

«Estabeleceu-se neste vale uma colônia de franceses realistas, fugidos da Revolução Francesa e animados por um sonho que não viram realizado!»

É tudo. É tudo, pelo menos, quanto resta dessa dedicação e desse trabalho tão insano como inútil!...

MARIALIA

TRÊS CURIOSIDADES

A moda sempre caprichosa e sempre a par dos acontecimentos, lançou agora um novo desenho nos tecidos para vestidos de verão: os diversos aspectos duma tourada, onde não faltam as mais variadas e arriscadas «faenas».

* * *

Germaine Legroux, a célebre criadora de modelos franceses, fez há dias uma palestra onde afirmou:

«Os chapéus deste verão são verdadeiros jardins suspensos. A variedade de tons e qualidade de flores sobre as nossas cabeças, virá fazer-nos esquecer os nossos saudosos e verdadeiros jardins de outrora, tão lindos e tão viçosos!...»

* * *

Numa recente passagem de modelos, foi anunciado o vestido da paz. Estabeleceu-se um movimento de curiosidade. Mas, com grande espanto da assistência, apareceu um vulgar e simples vestido dum azul belo, um verdadeiro azul céu.

E sabem as leitoras qual a explicação do risonho e pomposo nome que o vestido recebera?

Porque... quando o céu está azul... azul sem nuvens e sem aviões... na terra pode haver probabilidades de paz e sossegot!...



Correspondência

HELENA NEVES — Por falta de espaço, torna-se completamente impossível atender ao seu pedido. Caso deseje, reenviaremos a foto.

MARIA HELENA — Temos o máximo empenho em ser úteis às nossas leitoras. Esperamos, portanto, as suas perguntas.

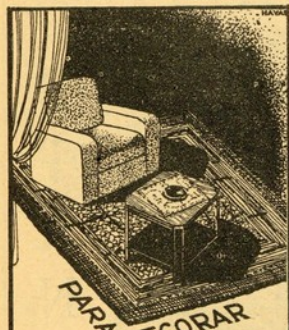
M.



MODELOS PARISIENS

Gaby
COUTURIER

RUA BRAAMCAMP, 6, R/C. D.
TELEF. 4 9735 — LISBOA



PARA DECORAR

Em estofos, cortinados, reposteiros e carpetes, não há em Portugal mais bela e rica colecção que a da

Casa
Africana

RUA AUGUSTA, 161-171



Sêda Líquida Nosel

Fixa
dá brilho
ondula

OS NOSSOS INQUÉRITOS SEMANAIS

7.º Inquérito: Como educar os nossos filhos?

Série B

SEGUE a 2.ª série das respostas ao nosso 7.º inquérito. Vão apenas cinco, que consideramos as melhores. As outras — e muitas são — ficaram preteridas, umas por deficiência de forma, outras por serem muito extensas.

«Educar um filho, ainda que não haja a preocupar os pais o problema da falta de recursos, é uma missão que requiere, para ser bem cumprida, muita soma de inteligência e força de vontade.

A criança de hoje é ainda atíglida, grandemente, pela incompetência que os pais demonstram na sua educação, a qual se reflecte, muitas vezes, nos futuros erros dos filhos. Desde que a escolha de companhias, bem como a do estabelecimento que frequentar, seja escrupulosamente feita, a criança tem mais probabilidades de se desenvolver intelectualmente em convivência com outros crianças, do que privada dela. Em geral, torna-se tímida, acanhada, e não tem a devida preparação para ingressar na vida, tão útil, sobretudo, ao homem».

HELENA NEVES

«Quando chega a idade da criança entrar numa escola, deve nela dar entrada. A escola é o meio mais benéfico para a criança dar os seus primeiros passos na vida social. É facto que a educação fora de casa tem inconvenientes nítidos, porque em muitas escolas se usam ainda, teimosa e irracionalmente, métodos

anti-pedagógicos que criam disformidades psíquicas nas crianças. Mas, mesmo esses inconvenientes, não superam aqueles que resultam da educação feita exclusivamente em casa. Tanto a criança educada na escola, como a educada em casa tem, mais tarde ou mais cedo, que enfrentar o «exteriores». A criança da escola terá, por natureza, menos surpresas e adaptar-se-á com melhor vantagem».

LICA

«Acho que os filhos devem ser educados em casa.

A educação da criança deve começar desde o berço; a maioria das crianças começam já a compreender o bem e o mal, muito antes dos sete anos, e não é depois dessa idade que se deve começar a educar a criança, visto esta só poder ir para a escola com essa idade.

Se os pais estão à espera que seus filhos se eduquem na escola, pensam mal. Onde é que se encontra uma escola onde o professor ou professora se vá incomodar com a moral do aluno?»

MARIA HELENA — Coimbra

«Ora aqui está uma pergunta a que será difícil responder com acerto: A educação na escola ou em casa? E perguntarei eu: «Por que não nos dois lados?» «Que é a escola sem a família ou a família sem a escola?» Nos primeiros anos, a criança deve, sem dúvida, ser criada no ambiente fami-

liar, com carinho e ternura. Porém, quando a sua idade necessitar de um convívio mais amplo e a sua inteligência carecer dum cuidado mais profundo e de conhecimentos mais vastos que aqueles recebidos quasi desde o berço pela voz carinhosa da mãe, a escola é, sem dúvida, o meio onde convém introduzir a criança. Ali, ao contrário do que muitos julgam, não vão apenas colher ensinamentos científicos, mas também a formar a alma para enfrentar os transeis aflitivos da vida — e a moderna pedagogia tem-se empenhado em transformar o mestre num amigo, num pai ou num companheiro de estudos. Portanto, a educação na escola é um complemento bem útil à educação na família».

LEOLINA — Ovar

«Os filhos devem ser educados dentro e fora do lar. A casa dos pais é a melhor escola para os filhos (refiro-me a um lar formado com verdadeiro sentido cristão). A primeira educação deve, pois, ser ministrada pelos pais, e em especial pela mãe, a quem Deus emprestou qualidades de educadora; basta que esta se aperceba delas. Finda a primeira educação, a criança deve estar convenientemente preparada, para iniciar a segunda educação, ou antes, instrução, fora do lar, num meio nem sempre recomendável, mas que ela vencerá, desde que no lar tenha recebido a preparação adequada».

MARINA



O MELHOR *Caton*

RAPIDE
CREME DE BARBEAR

SEM PINCEL
E
SEM SABÃO

Os Prémios do nosso Concurso



A foto mostra o nosso director cumprimentando a sr.ª D. Zaira Alves Henriques no momento em que esta recebeu o relógio «Longines», 2.º prémio do nosso concurso. A mesma senhora recebeu igualmente a música oferecida pela Casa Sasseti, e que lhe coube como 2.ª premiada.

Os restantes prémios ainda não foram levantados pelos premiados e encontram-se à sua disposição na nossa redacção, Rua da Emenda, 69, 2.ª, todos os dias úteis, das 16 às 18 horas.

Esses prémios, como já dissemos e foi noticiado por quasi todos os jornais diários, são os seguintes:

1.º prémio: (Um aparelho de rádio «Paillard»), correspondente ao cupão do voto n.º 488 do sr. Amílcar Mácara, marinho a bordo do navio-escola «Sagres».

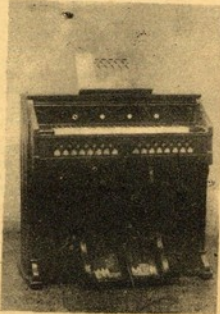
3.º prémio: (Um serviço de «toilette» de cristal da Boémia), correspondente ao cupão do voto n.º 17.039 da sr.ª D. Lúcia Maria, Rua do Ouro, 86, 4.º.

4.º prémio: (Uma colecção de perfumarias «Jour de Noël»), correspondente ao cupão de voto n.º 4.428, do sr. Augusto Xavier dos Santos, Travessa do Noronha, 12 r/c.

5.º prémio: (Uma caixa de vinho do Porto «Ramos Pinto»), correspondente ao cupão de voto n.º 2906, do sr. Brito Rocha, Rua D. Estefânia, 45, 4.º.

6.º prémio: (Uma caixa de vinho do Porto «Ferreirinhas»), correspondente ao cupão de voto n.º 3278, do sr. Amadeu da Silva, Rua Alves Correia, 15, 3.º.

HARMONIUNS ABEL



A mais alta classe
A maior perfeição
Os melhores
materiais

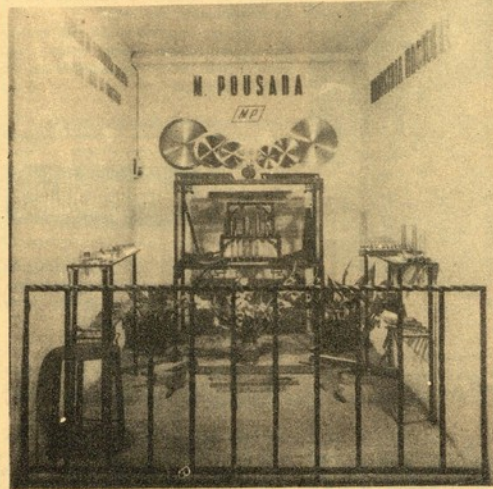
Est. Valentim de Carvalho
RUA NOVA DO ALMADA, 97

V
I
S
I
T
E
M



STAND VAL ENCERADOR — A mais completa e moderna organização cujo serviço e produtos garantem uma limpeza perfeita tanto em casas de habitação como em escritórios, hoteis e outros estabelecimentos.

OS MELHORES



STAND MANUEL POUSADA — Fabrico Nacional de cortantes para todas as indústrias.
Rua Carvalho Araújo, 68 — Lisboa — Tel. 47924

'S
T
A
N
D
S'
DA

FEIRA POPULAR



STAND CHÁ CELESTE — O melhor chá da Colónia de Mocimbo

CRÊDITOS DO REGENTE E DO GOVERNO PROVISÓRIO



O príncipe Umberto e Badoglio conversam com um oficial da marinha italiana.

Na noite de 5 de Junho último, isto é, aproximadamente vinte e quatro horas depois da entrada das primeiras forças anglo-americanas na capital italiana, anunciou-se, em Nápoles, que o rei Vítor Manuel tinha transferido, com todas as formalidades, os seus poderes reais para o príncipe herdeiro, o qual passava, a partir desse momento, a desempenhar o cargo e a usar a designação de tenente-general do Reino italiano.

Porém, contrariamente, ao que muita gente pensa, Vítor Manuel, que conta 74 anos e cujo reinado dura há cerca de 44, não abdicou na verdadeira acepção da palavra, visto que mantém os títulos de rei da Itália e de chefe da Casa de Sabóia.

A cerimónia do afastamento governamental de Vítor Manuel foi sancionada pela publicação dum decreto, assinado em Ravello e confirmado pelo marechal Badoglio, na sua qualidade de primeiro-ministro italiano, função que ainda desempenhava nessa data.

Este documento constitucional anunciava textualmente:

«Vittorio Emanuele III, pela graça de Deus e pela vontade da Nação Rei da Itália, segundo a opinião do Presidente do Conselho e de acordo com o próprio Conselho, promulgamos o seguinte decreto:

«O nosso muito amado filho, Umberto de Sabóia, Príncipe de Piemonte, é nomeado nosso Tenente-General.

«Em colaboração com os Ministros responsáveis, Ele superintenderá, em nosso nome, todos os assuntos de administração e exercerá todas as prerrogativas reais, sem qualquer excepção, assinando os decretos reais que serão contra-assinados e autenticados da maneira usual.

«Ordenamos que todos os interessados observem este decreto e verifiquem que seja considerado como lei do Estado.

«Promulgado em Ravello, aos 5 dias do mês de Junho do ano 1944. (Assinado) Vittorio Emanuele. (Contra-assinado) Pietro Badoglio.

Assim se consumava o acto oficial por meio do qual Vítor Manuel III procurou, como tive ocasião de referir recentemente nestas mesmas páginas, salvar, pela segunda vez, o abalado prestígio da Casa Real. Todavia, como a seguir se poderá verificar, a futura estabilidade da Casa

de Sabóia está muito longe de ter sido alcançada...

Dias depois, os telegramas das agências anunciavam a chegada do condestável do trono a Roma, para entabular negociações que o levassem à formação dum novo governo. O fracasso, porém, foi completo, absoluto. E, imediatamente, comunicou-se que, em face da oposição feita pelos chefes de todos os partidos, Badoglio tinha sido forçado a pedir a sua demissão ao príncipe de Piemonte que entretanto, também chegara à capital, verificando então, a necessidade de lançar os olhos noutra direcção em busca duma nova individualidade política que cumprisse a missão, primeiramente, atribuída ao ministro-marechal. A escolha recaiu sobre Ivanoe Bonomi, advogado e jornalista de profissão, ex-socialista e membro independente do actual quadro político italiano.

Como credenciais suplementares, além dos seus 76 anos de experiência da vida, o Dr. Bonomi apresenta, em fundo da sua carreira de estadista, vários cargos desempenhados nos governos de Orlando e Nitti, pouco depois da outra guerra, e a presidência de diversos gabinetes governamentais, de curta duração, pouco tempo antes do advento do fascismo.

Deste modo, o novo chefe de governo, que já desempenhava as funções de presidente da Comissão Romana de Libertação Nacional, formou gabinete, com o apoio absoluto do dr. Croce, do conde Sforza e do comunista Togliatti, adversários irreconciliáveis do fascismo.

Falta, no entanto, saber — como salientava o *Times* — se estes homens estarão predestinados a ser os criadores da nova concepção de estrutura democrática que, embora baseada na renúncia total ao fascismo, pode dificilmente tomar a forma dum regresso ao sistema que o precedeu.

Os três principais membros do novo governo têm todos mais de setenta anos e há mais de vinte que estão afastados da política — facto que, neste caso, não parece adquirir uma importância extraordinária; por que, nestas condições não é de esperar que eles possam reflectir as correntes de opinião das regiões industriais do norte, onde há um movimento de resistência de características profundamente radicais, que provocarão inevitáveis reformas, à medida que o avanço aliado prosseguir.

Entretanto, o futuro da monarquia continua periclitante. Por mútuo consentimento, resolveu-se que o destino da Casa Real fique dependente de futuras eleições a realizar, quando todo o território continental tiver sido libertado. O gabinete do Dr. Bonomi só concordou em colaborar com o príncipe Umberto, desde que os seus ministros ficassem isentos de qualquer juramento de fidelidade que não lhes permitisse trabalhar para o eventual estabelecimento de instituições republicanas e desde que o príncipe herdeiro estivesse claramente resolvido a submeter o futuro da monarquia às decisões da assembléa constituinte.

Por seu turno, os ministros concordaram, como convinha nas actuais circunstâncias, em não mergulhar o país em tumultuosos debates constitucionais, reservando-se para depois de terminada a expulsão dos alemães, a solução desse magno problema. Porém, no dia em que o Dr. Bonomi anunciou ao povo da capital o seu programa político, registou-se um acontecimento que veio ilustrar duma maneira cabal o estado de espírito de certa parte da população italiana.

Durante uma manifestação política, realizada no dia 8 deste mês, foram disparados tiros de revólver quando o Príncipe Umberto apareceu a uma das janelas do Palácio do Quirinal, para agradecer as aclamações da multidão. Devido à excitação provocada por este inesperado atentado, a polícia prendeu um homem que nada tinha com o caso, enquanto o verdadeiro autor do atentado conseguia fugir. O telegrama da B. U. P., que nos deu a conhecer este acontecimento, acrescenta, porém, que não se sabe ao certo se os tiros eram disparados contra o príncipe ou se eram destinados a qualquer outra pessoa.

Se a pessoa visada era realmente o filho de Vítor Manuel, este pode gabar-se de ter tido a sorte de, por duas vezes já, escapar às balas dos terroristas do seu país.

De facto, quando em Outubro de 1929, foi a Bruxelas ultimar os preparativos para o seu casamento com a princesa Maria José, irmã de Leopoldo III da Bélgica, Umberto esteve igualmente prestes a ser vítima dum atentado, o qual, por pouco, não resultava o aparecimento do seu nome em qualquer cenotáfio belga.

O autor deste atentado, imediatamente preso, declarou chamar-se Ferdinando de Rosa, ter 23 anos, ser estudante e professor doutrinas políticas anti-fascistas.

Mais tarde, em pleno julgamento, De Rosa acrescentou à sua biografia que, aos 12 anos, ingressara nas fileiras dos «camisas negras» enquadrado nas organizações da juventude. A medida que foi crescendo, segundo afirmou, começou a desaprovar-se a maneira de proceder dos chefes hierárquicos do Partido do qual fazia parte.

O tempo foi passando e, a certa altura da sua vida académica, Ferdinando de Rosa resolveu continuar a estudar na Bélgica. Decidiu abandonar todos os pensamentos de violência como sistema de combate contra aqueles que considerava os opressores dos seus compatriotas. Mas, uma noite, quando lia algumas páginas do famoso patriota italiano Mazzini, sentiu que todas as suas ideias tinham desaparecido. Decidiu, por conseguinte, tentar assassinar o príncipe...

Tal foi a história contada pelo réu que os juízes condenaram a cinco anos de prisão. Todavia, pouco tempo depois, De Rosa era perdoado pelo rei dos belgas, por sugestão pessoal de Umberto.

Era a primeira manifestação do príncipe de Piemonte, contra o fascismo. O herdeiro de Vítor Manuel sabia que no tribunal que condenara

Ferdinando de Rosa não se julgara apenas um rapaz embudo de ideias liberais, mas se haviam apreçado também os passos iniciais do sistema fascista...

Desde então, Umberto marcou posição como adversário irredutível de Mussolini, nunca perdendo ocasião de exteriorizar gestos semelhantes àquêle que tivera perante o homem que pretendia matá-lo.

Agia, no entanto, com os cuidados inherentes à sua pessoa e à sua posição, de modo a conseguir continuar a viver na Itália sem que o regime de Mussolini se atrevesse a molestá-lo ou a incomodá-lo. Não obstante, segundo algumas opiniões abalizadas, há quem diga que, nos tempos áureos do fascismo, o Duce tinha sempre dentro duma das gavetas da sua secretária, pronto a ser assinado, um decreto em que Umberto seria privado do título de Príncipe e lhe seria negado o direito de sucessão.

Em 1936, Umberto foi à Alemanha assistir aos Jogos Olímpicos, mas para que a sua visita não fosse interpretada como indicação da existência de boa-vontade entre a Casa Real e o Reich, viajou incógnito.

Sob o ponto de vista profissional, o príncipe interessou-se sempre activamente pelo exército, no qual atingiu a patente de general-comandante de brigada, pouco antes da guerra estalar e, em 1939, foi nomeado comandante do Grupo dos Exércitos do Ocidente da Itália e que haviam de abrir fogo contra a França. Os anos que antecederam a guerra marcaram flagrantemente a época em que com mais insistência se assinalou a oposição de Umberto à política externa do fascismo e, principalmente, à do Duce, tendo-se registado violentos conflitos entre Vítor Manuel e Umberto, dum lado, e Mussolini e Ciano do outro.

A este respeito, foi o próprio príncipe que nos elucidou destas divergências, quando numa entrevista que concedeu em Maio, ao *Times* afirmou que «seu pai fracassara nas tentativas para evitar a declaração de guerra da Itália contra os aliados, porque não tinha, nessa ocasião, qualquer pretexto para se opôr a Mussolini».

O caso político italiano continua, portanto, como tantos outros desta Europa revolucionizada, bastante emburruado. A última palavra ainda não foi proferida e a grande incógnita do futuro está em saber quem será que a proferirá...

JOSE CORREIA RIBEIRO (Sobrinho)



O novo Primeiro Ministro Bonomi.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXV - A campanha africana

RETOMANDO O FIO DA NARRATIVA

RESUMIDAS as razões que justificaram a derrota inglesa no Norte de África, é a altura de retomarmos o fio interrompido da narrativa dos acontecimentos que ali se produziram no verão de 1942 e que colocaram as potências do Eixo à beira duma vitória que, dois anos antes, lhe fôra negada na Europa pela retirada britânica em Dunkerque e pela acção da aviação de caça na batalha de Inglaterra. As forças germano-italianas colocaram-se a menos de cem quilómetros do vale do Nilo, ao mesmo tempo que a Wehrmacht penetrava profundamente no interior do Cáucaso, ameaçando com uma tenaz gigantesca as posições essenciais que a coligação adversa mantinha no Próximo Oriente.

Com a posse de Marsa Matruk, Rommel tinha à sua disposição um pórtico regular que lhe servia para aliviar o peso das suas comunicações terrestres. Nessas condições foi-lhe possível encarar a possibilidade de prosseguir na sua ofensiva e de ameaçar o vale do Nilo e a grande base naval de Alexandria, onde se apoiava o poderio britânico do Mediterrâneo Oriental. Embora esgotadas por uma caminhada longa e por combates incessantes, as suas forças, animadas pela vitória, eram ainda bastante numerosas e mostravam-se animadas dum moral bastante elevado para continuarem a luta e para a decidir. A dúvida estava apenas em saber se lhes seria possível reunir os meios materiais para isso e se o inimigo estaria em condições de reorganizar em qualquer parte do seu percurso em retirada uma resistência suficientemente eficaz.

Como a primeira condição se não verificou e a segunda apareceu amplamente satisfeita, Rommel não pôde atingir Alexandria e as paragens do Suez ficaram, como na primeira conflagração mundial, uma miragem distante e inacessível. Na primeira conflagração mundial os alemães haviam procurado atingir o Canal vindos de leste e tinham-se colocado a poucos quilómetros d'ele. Na segunda conflagração atacaram de oeste com um resultado idêntico. Mas de nenhuma das vezes o destino quis que os seus projectos tivessem uma execução completa.



O general Gott

A LINHA DE ALAMEIN

Por outro lado Auchinleck organizara rapidamente a sua nova posição defensiva beneficiando das condições de terreno e tanto quanto possível procurara reorganizar as forças do seu comando, aproveitando todos os elementos do 8.º Exército que lhe restavam e fazendo chegar ao campo de batalha uma parte das forças do 9.º Exército britânico do Próximo Oriente do comando do general Maitland Wilson.

A posição por ele escolhida onde a ofensiva de Rommel ia deter-se devia depois adquirir uma importância histórica. Era a linha de Alamein, constituída entre o mar e a depressão de Quattara. Esta última revelou-se um obstáculo intransponível para os exércitos vitoriosos do Eixo. Apoiando o seu flanco direito no mar e o seu flanco esquerdo naquela depressão, constituída pelo fundo dum lago cujas águas se evaporavam, Auchinleck pôde criar as condições para resistir ao ímpeto ofensivo do adversário. À volta dessa posição ia travar-se uma batalha renhida que terminaria pela estabilização da frente, permitindo às forças britânicas recompor-se e preparar-se para acções futuras.

O último dia de Junho foi assinalado em Londres por um sentimento de ansiedade geral que se propagava dos meios dirigentes à população. Os ingleses tinham a noção exacta dos perigos que o seu país corria e sabiam que, depois da iminência da invasão que se desenhara ameaçadoramente dois anos antes, nunca a sua situação fôra tão grave. Por isso procuravam concentrar todas as suas energias num esforço supremo para dominar e vencer as dificuldades.

No dia 30 de Junho, o Primeiro ministro, no meio dum silêncio revelador, fêz na Câmara dos Comuns a declaração de que o general Auchinleck decidira assumir pessoalmente a direcção da batalha e que esta decisão fôra aprovada pelo governo. Era a segunda vez que isso acontecia. Da primeira vez, em Novembro de 1941, a intervenção daquele general conseguira restabelecer uma situação que, embora grave, não podia comparar-se àquela que os ingleses tinham de debelar em Junho de 1942. Mas as palavras com que o sr. Churchill terminou a sua declaração significavam que ele continuava a depositar inteira confiança na acção e nos méritos de Auchinleck.

AS FUNÇÕES DOS BELIGERANTES

Em 1 de Julho, as forças de Rommel e de Auchinleck travaram a sua primeira batalha na linha de Alamein. Todas as indicações eram a favor das tropas do Eixo. Em Tobruk e ao longo da extensa linha de retirada que as forças britânicas percorreram, fôra-lhes possível apreender grandes quantidades de material e equipamento de que iam aproveitar-se imediatamente. Esse facto e a posse de Marsa Matruk compensavam em boa parte as dificuldades que resultavam para o marechal Rommel da extensão das linhas de comunicação que tinha de utilizar.

Além disso o moral das forças do Eixo era particularmente elevado. Os alemães tinham uma confiança absoluta na sua preparação, e no chefe que os comandava. Os italianos, que depois da derrota de Graziani tinham conhecido um período largo de desaires ininterruptos, sentiam-se reconfortados pelos seus êxitos recentes em Tobruk e em Gazala. Uns e outros estavam firmemente convencidos de que não tardariam a ter uma recompensa para os seus esforços com a entrada triunfal em Alexandria e no Cairo e com a apreensão dum gigantesco despojo de guerra. Alemães e italianos tinham à vista a perspectiva da desagregação do Império britânico anunciada por tantos dos seus intelectuais e chefes de fila.

O 8.º Exército britânico tinha sofrido, de facto, uma estrondosa derrota. Além de haver perdido a quasi totalidade do seu material e equipamento, deixara no campo de batalha entre 50 e 60 mil homens entre mortos, feridos e prisioneiros. O seu chefe fôra afastado. Dos restantes comandos, um d'elles, o general Gott, que chefiava o 13.º corpo blindado, mostrara-se à altura das circunstâncias. Era sobretudo para ele que se voltavam os olhares inquietos dos seus subordinados.

A experiência que haviam feito com o seu novo material, sobretudo com o seu novo material blindado, transformara-se numa desilusão. A declaração de que, pela primeira vez, os soldados britânicos iam defrontar os soldados alemães com armas iguais fôra pelo menos prematura. O seu efeito fôra grave. Um sentimento geral de amargura enchia o espírito dos soldados que tinham esperado outras armas e tinham merecido outros chefes diferentes daqueles que lhes enviaram.



Os soldados ingleses, na área de Tobruk, eram assim aprisionados em grupos

O MORAL BRITÂNICO

Em Alamein, como em Dunkerque, os alemães avaliaram mal as energias do adversário. O VIII Exército britânico era um exército batido e amargurado, mas não era um exército desmoralizado e partido. A chegada de reforços do Próximo Oriente dera-lhe uma sensação de reconforto e tivera conseqüências mentais. Esses reforços não se encontravam devidamente adestradas para a guerra no deserto. Mas a sua presença permitira ao comando britânico lançar imediatamente na batalha a vitalidade das forças especializadas de que dispunha, pois estas foram libertadas das tarefas de defender o Cairo, Alexandria e as posições do Canal, essenciais ao prosseguimento das operações. Com estas forças frescas os britânicos tinham recebido novo material. Este tinha sido enviado a toda a pressa para o local da luta. O concurso prestado pela indústria de guerra americana nessa fase da luta foi dum valor incalculável.

Além destes factores outros contribuíram para que a posição de Auchinleck melhorasse à medida que os dias decorriam. A superioridade da R. A. F., apesar do desgaste sofrido durante as últimas semanas continuava a afirmar-se em relação à Luftwaffe e à Régia Aeronáutica reunidas. Ao Egipto chegavam, incessantemente, novas esquadilhas inglesas vindas da Grã-Bretanha. E começavam a chegar também, em quantidade crescente, as formações de bombardeiros americanos dos últimos e mais aperfeiçoados modelos.

Por último havia que considerar as vantagens que resultavam da escolha da linha de Alamein para organizar a resistência. Essa linha tinha uma extensão aproximada de sessenta quilómetros que seria necessário defender obstinadamente. Mas as águas do Mediterrâneo e os pântanos de Quattara eram pilares sólidos, obstáculos que iam revelar-se intransponíveis para os atacantes. Estes eram obrigados a vencer num ataque frontal decisivo a resistência britânica naquela garganta natural de sessenta quilómetros onde iam decidir-se os destinos dum Império. Havia um fundo dramático de grandiosidade na paisagem tristonha daquela região distante da Marmárica frequentada pelas caravanas dos beduínos e onde todos os conquistadores, no decurso de séculos, tinham visto desvanecer-se os seus sonhos de conquista.

OS PRIMEIROS RECONTOS

Os combates travados no dia 1 de Julho em volta da linha de Alamein foram ferozes. As divisões blindadas alemãs conseguiram romper, em determinado momento, a linha britânica mas a brecha aberta foi rapidamente reparada e Rommel não pôde explorar esse êxito momentâneo. Em Berlim e em Roma as primeiras notícias do que se passava criaram um ambiente de optimismo prematuro. O comunicado oficial publicado, em 2, na primeira destas cidades anunciava a rotura da defesa inimiga. «No Egipto, dizia esse comunicado, as divisões alemãs e italianas, apoiadas por poderosas formações de «Stukas», romperam a posição de El Alamein após duros combates. Presentemente perseguem as forças britânicas derrotadas que retiram para o vale do Nilo».

A realidade era bastante diversa desta versão optimista. Em Londres a notícia era desmentida vigorosamente. Dos três ataques lançados no dia 1 contra a linha de Alamein, dizia a informação britânica, apenas um produzira inicialmente certo efeito. Mas no conjunto os alemães haviam sido obrigados a desistir dos seus intentos recuando mesmo alguns quilómetros. Esta versão era mais conforme à natureza dos acontecimentos históricos que estavam a desenrolar-se nas paragens distantes do Egipto.

No dia 2 os alemães renovaram os seus ataques que redobram de violência e de intensidade. A resistência britânica endureceu sensivelmente e os atacantes sofreram perdas muito elevadas. As forças ligeiras blindadas dos ingleses, come-

çaram a constituir uma ameaça crescente para a ala direita de Rommel e a aviação inglesa atacava, incessantemente, as concentrações e as colunas do inimigo.

Resumindo os acontecimentos desse dia, o comunicado do Quartel General do Cairo manifestava uma segurança evidente: «No dia 2, forças inimigas, vindas do Oriente, lançaram um ataque geral contra as nossas posições em Alamein. As nossas forças móveis e blindadas contra-atacaram no flanco do inimigo e infligiram-lhe pesadas perdas. Depois duma batalha de forças blindadas que se prolongou até hora adiantada da noite, o inimigo retirou para Ocidente deixando as nossas posições intactas».

A CONTRA OFENSIVA INGLESA

O tom começava a ser diferente e deveria começar a ser também a marcha dos acontecimentos. No dia 3, Auchinleck tomou a iniciativa. A acção da R. A. F. tornava-se cada vez mais impressionante. As linhas de comunicação do Eixo estavam sujeitas a ataques ininterruptos. Os seus aeródromos eram também objecto de bombardeamentos intensivos. No dia 3 foram derrubados vinte e quatro aviões do Eixo além daqueles que foram destruídos no solo, sobretudo no aeródromo de Sidi-Barrani. O VIII Exército capturou também algumas centenas de prisioneiros.

No dia 4 a iniciativa continuou a pertencer a Auchinleck. A aviação britânica cooperou eficazmente com a artilharia desalojando os alemães de algumas posições valiosas que eles haviam ocupado e fortificado. Nesse dia, o porto de Alexandria suportou um pesado bombardeamento. De 5 a 8 a luta resumiu-se quasi que ao duelo de aviação cuja intensidade não diminuiu. No solo registaram-se destruições realizadas pela arma aérea mas as acções perderam a sua violência recente e a intensidade do fogo diminuiu significativamente.

A tendência para a estabilização da linha de batalha, acentuava-se cada vez mais. Os contra ataques sucessivos realizados pelo general Auchinleck, e a actividade incansável das forças aéreas comandadas pelo neo-zelandês Coningham tinham quebrado o ímpeto ofensivo das tropas de Rommel. A luta fora decidida, por uma margem mínima, a favor dos ingleses. Mas era ilusório supor que se tratava duma decisão definitiva. A proximidade do Vale do Nilo e as condições gerais da luta nas outras frentes de batalha constituíam um incentivo permanente para que as nações do Eixo renovassem os seus ataques logo que para isso tivessem recebido os necessários reforços.

Durante os dias que iam seguir-se, até 20 de Julho, ainda seriam feitas, dum e doutro lado violentas tentativas para modificar a situação. Mas esta, no seu conjunto, não sofreu alterações sensíveis. A balança das forças em presença equilibrava-se. Esse equilíbrio favorecia de momento os ingleses e criariam as condições que haviam de permitir três meses depois operar uma verdadeira revolução na condução da guerra em África.

(CONTINUA)



Sócios e parasitas na Natureza

AS relações entre as formas vivas são variadíssimas. Há animais que vivem intimamente com outros animais ou com vegetais; e há, pelo contrário, vegetais que se associam a outros animais ou a animais. Se os sócios tiram vantagem da associação, temos a simbiose; se um explora o outro, temos um modo de vida classificado de parasitismo.

Na cavidade bucal e nos intestinos do homem, existem milhões de bactérias, espiroquetas e protozários parasitas. Tiram vantagens das calorías e alimentos que encontram no tubo digestivo. Mas nos mamíferos herbívoros, pelo contrário, a flora bacteriana é parte integrante do organismo. Sem bactérias, que fazem uma primeira digestão indispensável às células vegetais, o cavalo e o boi não se poderiam alimentar.

Os ovos do anquilostomo abandonam o corpo humano nas fezes. Na fase inicial, vivem na terra úmida e penetram, de novo, no corpo humano através das arranhaduras da pele. Caindo na corrente sanguínea, são levados aos pulmões, onde forçam a passagem para os brônquios e, aproveitando o mecanismo de protecção do homem, pelo meio do qual se expelam os corpos estranhos, saem até à boca. Depois, são engolidas e chegam aos intestinos, onde se agarram por meio de poderosas mandíbulas, sugando o sangue. Um homem muito infectado pode conter milhares de anquilostomos.

A fêmea da mósca «Ineuron» deposita os seus ovos no corpo de certo lagarto por meio de um dispositivo longo e penetrante. As larvas rompem a casca e devoram o animal por dentro, mas de modo a conservar-lhe os órgãos vitais. Assim, o forçado hospedeiro pode continuar a alimentar-se até que, já crescidas as larvas, é todo devorado.

As bactérias, ou sejam vegetais microscópicas, são os mais importantes de todos os parasitas. O bacilo da peste é um bastonete microscópico como qualquer outro bacilo de vida independente; porém, mata os homens do mesmo modo que as moscas. A infecção cutânea chamada «empingem», é devida a um fungo que floresce na pele.

Um caso de simbiose é o das plantas leguminosas com certas espécies de bactérias. Estas bactérias, ao poder, ausente nas plantas superiores, de captar e utilizar-se do azoto livre no ar. As bactérias fornecem o azoto, e as leguminosas (como o feijão, etc.) fornecem hidratos de carbono.

As térmitas — ou «formigas brancas» — vivem em simbiose com flagelados microscópicos que crescem nos seus intestinos. Estes flagelados fazem o que as térmitas não sabem fazer: transformar a madeira em substâncias digeríveis. Matando artificialmente estes protozários, as térmitas morrem de fome, por mais madeira que comam.

O caranguejo eremita (Cupagurno Bernhardi) apresenta-se associado a certa anémone marinha. A concha do molusco onde abastamente o caranguejo habita, fica coberta pela anémone. Se o caranguejo cresce e precisa de mudar de casa, destaca, cuidadosamente, o parceiro e transporta-o para a nova concha. A anémone defende o caranguejo com o veneno dos seus agulhões; o caranguejo, pelo seu lado, dá-lhe transporte grávido e as migalhas que sobram dos seus banquetes.

O verme chamado «Convoluta roscoffensis» convive, intimamente, com certas algas microscópicas. Enquanto cresce, usa da boca para comer. Na fase adulta, limita-se a comer as algas que estão dentro de si. Assim temos o estranho caso de um animal que cultiva vegetais no interior do seu próprio corpo.

Muitas vezes, simbiose e parasitismo interpenetram-se gradativa e imperceptivelmente. Outras vezes é difícil ver bem onde começa o parasitismo e acaba a independência, ou vice-versa. Em matéria de alimentação todos os animais são exploradores, seja de outros animais, seja de plantas.

Repare-se como é impossível ir a Natureza buscar exemplos de moralidade. Os métodos da Natureza não conhecem valores e agem cegamente. A consciência e as qualidades morais são atributos humanos e encontram o seu verdadeiro significado na medida que transcendem as brutalidades e as cegueiras da Natureza — mesmo da natureza humana.

DONDE VEM A SALIVA?



lívares eliminam certas substâncias que foram como fodo, sais mercuriais, etc.

LEVANTANDO a pele a alguns músculos da região da face que vai de baixo do queixo até à orelha, podemos observar três massas esbranquiçadas: uma encostada à parte de dentro do maxilar inferior, na região do queixo, é a glândula sub-maxilar, que fabrica uma saliva relacionada com a sensação do gosto; outra, debaixo da língua, é a sublingual, cuja saliva, viscosa, favorece o engolir; finalmente, a glândula situada logo abaixo da orelha, é a parótida, fabricando saliva abundante para a mastigação. Comunicam com a boca por meio de canais, e fabricam as salivas à custa dos materiais fornecidos pelo sangue. Todas estas salivas parciais contêm um fermento, a ptialina, que transforma os feculentos (batata, pão, etc.) em açúcar. Mas não há só ptialina na saliva: há água, cloretos alcalinos, fosfato de cálcio, vestígios de sulfocianeto de potássio; há gases, como o oxigénio, azoto, anidrido carbónico, há matérias orgânicas, a mucina, a albumina, etc. As glândulas sa-introduzidas no organismo,



A foto mostra a secção de envazilhamento de leite da Central Leiteira de Roma. Repare-se no assoalto que tudo respira! Em tempos, levantou-se a questão de organizar uma Central Leiteira em Lisboa... Era o único caminho para tornar «aceitáveis» o leite que se vende às portas. De facto, além dos muitos ingredientes que se costuma adicionar ao leite (água, urina, etc.), cada centímetro cúbico traz 10 a 50 milhões, ou mais, de bactérias, quando o limite admissível não deve ter além de 500 mil ou 1 milhão! Resultado: febres tifóides, tuberculoses, enterites e outras doenças. Demonstra-se mesmo que a mortalidade infantil por gastro-enterites é proporcional ao número de bactérias do leite — e este número de bactérias é proporcional à higiene na produção e distribuição do leite.

As misteriosas correntes marítimas

CADA oceano tem o seu misterioso sistema de correntes. No norte do Pacífico existe, por exemplo, a corrente japonesa, que contribui para suavisar o clima do Alasca e da costa do Pacífico; no Atlântico existe a célebre corrente do Golfo, ou Gulf Stream.

A corrente do Golfo é como um imenso rio de águas azues que atravessa o Oceano Atlântico. O curso completo desta corrente assemelha-se a um redemoinho de 18.000 quilómetros. As águas centrais do Gulf Stream acham-se relativamente calmas, constituindo o chamado Mar de Sargaços, coberto de algas.

As águas da corrente têm um calor tropical sem este calor, os portos de Inglaterra ficariam bloqueados de gelos no inverno. Se as águas esfriassem 15 graus, a Inglaterra, a Escandinávia, o norte da França e a Alemanha, tornar-se-iam semelhantes às terras dos esquimós. Dois milhões de toneladas de carvão queimadas em cada minuto não dariam tanto calor como o que a corrente do Golfo transporta.

A força da corrente do Golfo é extraordinária: em certos pontos, embora com ventos favoráveis, um navio pode ser atrasado na sua marcha 70 milhas por dia. Mas nem toda a massa da grande corrente atlântica se move com igual velocidade: na parte média há uma zona cujas águas deslizam a 45 quilómetros à hora.

Qual a origem desta corrente? Franklin foi o primeiro a dar uma explicação racional: os ventos que sopram de África, acumulam-se por cima das águas do Golfo do México, cujo nível se eleva várias polegadas acima das camadas mais vizinhas do Oceano. Para os ventos, que exercem uma grande pressão sobre as águas, há apenas uma estreita saída de 135 quilómetros entre a Flórida e Cuba. E as águas são arrastadas. Mas outras causas devem acrescentar-se, para explicar a formação das correntes marítimas: diferenças de nível entre oceanos, temperatura e densidade das águas, a rotação da terra, etc., etc.

À PROCURA DA LUZ SEM CALOR

NOS últimos tempos os laboratórios de física têm procurado realizar o sonho dourado de muitos sábios: a luz fria. O problema está em estimular os átomos e as moléculas da matéria para emitir luz, por um certo número de processos, além daquele que consiste em aumentar a sua agitação com o emprego do calor.

Todos observaram já que as lâmpadas aquecem, e com esse aquecimento perdem energias. Se as lâmpadas fossem frias, a luz seria 90 vezes mais barata do que é e os centrais gastariam incalculavelmente menos combustível.

As lâmpadas aproveitam, apenas, a quinta parte da energia que o combustível nas centrais produz.

Quando se misturam soluções de certos produtos químicos, as molé-

Talvez não saiba...

1 — Que a descoberta da ferradura teve uma colossal importância no progresso humano, visto permitir a utilização intensiva da força animal e contribuir para a decadência da escravatura.

2 — Que antigamente os animais eram atrelados de tal modo que ficavam estrangulados ao puxar os carros. A invenção da atrelagem, que fazia recair o peso da tracção sobre as espáduas, deixando livre a respiração, representou outro grande progresso para a humanidade. Deste modo se permitia o transporte a grandes distâncias de pesos avantajados e a atrelagem em fila, pelo que se multiplicava o rendimento.

3 — Que a invenção do leme fixo representou um grande avanço na navegação, tornando possíveis viagens em melhores condições no alto-mar.

4 — Que o primeiro produto sintético fabricado pelo homem foi o vidro. Ficou demonstrado que os homens também criam uma outra natureza por conta deles: a dos produtos fabricados.

5 — Que a origem da Arte é profundamente utilitária. A arte dos homens primitivos estava subordinada e tinha a sua origem nas necessidades naturais da subsistência. Desenhavam os animais que iam caçar, crendo assim estar já na posse mágica desses animais.

Filmes de paz e filmes de guerra



A radiotelegrafista Fern Blodgett, com o seu marido, o comandante Sunde

Greta Garbo vai reviver a história de uma canadiana, ao serviço da marinha norueguesa

GRETA Garbo vai interpretar um filme à glória da Marinha Mercante norueguesa. Afastada do cinema, por motivos que se filiam na sua situação de subdita de um país neutral em face do mundo em guerra, Garbo não foi posta à margem como muitos insinuam, mas votou-se, sim, a um isolamento, que está dentro do seu feitio e da sua maneira de ser. Durante este interregno, recusou-se a interpretar nada menos do que vinte e seis papéis e repudiou outras tantas ofertas contratuais, que teriam feito a sua fortuna. Graças às sugestões do Embaixador da Noruega em Washington, Garbo aceitou a regressar ao cinema num filme que, na sua opinião, é «uma mensagem, destinada a causar a mais viva impressão».

O que é a história? A aventura vivida pela radiotelegrafista canadiana Mrs. Fern Blodgett, papel que Garbo vai agora desempenhar.

Quando a guerra rebentou, Miss Blodgett tinha apenas vinte anos. Trabalhava, então, como secretária numa firma em Toronto. Verificando que havia muita falta de pessoal radiotelegráfico, resolveu dedicar-se a tão árdua aprendizagem. Era a única mulher, numa classe de setenta alunos. As aulas obrigavam, porém, a um estudo aturado e constante. Os «voluntários» começaram a desertar. Ao fim de dezasseis meses, a classe estava reduzida a quinze candidatos, dispostos a afrontar os exames.

Muito embora as autoridades não se mostrassem entusiasmadas com as perspectivas de uma mulher entre a tripulação de um navio, Fern obteve imediatamente um contrato. E certo dia de Junho de 1941, apresentou-se a bordo do «Mosdale», vapor norueguês de 3.000 toneladas. Quando Fern se encontrou na presença do comandante, Gerner Sunde, ficou admirada! Esperava ver um velho lobo do mar, de cabelo avermelhado, barba cerrada e cachimbo na boca, e deparou um rapaz norueguês, elegante e distinto, loiro como todos os nórdicos. E mais admirada ficou, quando este lhe passou uma descompostura em forma, por ter chegado tarde. Fern mal tivera tempo de fazer as malas e despedir-se dos seus...

A vida a bordo nem sempre era de rosas... O pior de tudo — o enjôo. Muito embora, no decurso das suas viagens, houvesse cruzado mais de trinta vezes o Atlântico, sempre que o «Mosdale» se fazia ao mar, passava maus bocados. Mas conseguia triunfar

de todas as dificuldades, desde o enjôo à ameaça dos submarinos e das minas. No entanto, ela notava que os marinheiros não gostavam muito de a ver entre a tripulação. E quando o barco chegava a terra, recusava delicadamente todos os convites dos companheiros. Pouco a pouco, nos pequenos cuidados que prodigalizava, no carinho com que tratava dos feridos, na própria morigerança da linguagem que a sua presença impunha — foi demonstrando ao comandante as vantagens de haver uma mulher a bordo.

O Natal surpreendeu-os no alto mar. Era o seu primeiro Natal de guerra. O comandante ofereceu-lhe um anel. E na vigília seguinte, no meio do maior segredo, casaram-se, numa capelinha canadiana.

Durante os primeiros catorze meses, Fern foi a única radiotelegrafista a bordo. Agora são três, e rendem-se entre si, no seu posto. O «Mosdale» desafiou todos os perigos, saiu incólume de trágicas batalhas, e atravessou centenas de vezes as zonas perigosas. Fern Blodgett, hoje Mrs. Sunde, continua como dantes, agarrada aos auscultadores, a trabalhar, serena e silenciosamente, pela tarefa comum.

E é esta figura, quasi lendária, que Greta Garbo vai interpretar no seu próximo filme.

A voz do Rato Mickey é a do próprio Walt Disney

SABEM de quem é a voz do Rato Mickey? Do próprio Walt Disney!

Mas vale a pena contar a história, relatada em Lisboa pelo sr. Edmundo Lassalle, delegado do famoso produtor, e que recentemente nos visitou. Mickey, com efeito, foi o primeiro herói dos desenhos animados. Nesse tempo, Disney era um produtor modesto e de poucos recursos. Forçado pelas circunstâncias, desempenhava, nos seus estúdios, desenhos, Donald, Goofy e todos os outros heróis dos filmes foram aparecendo, um a um... Mas Mickey foi o primeiro... Disney não se esquece de que lhe deve tudo... E, por isso, resolveu ser-lhe fiel. E, hoje, célebre, continua a «falar» pelo seu actor doutros tempos, pelo Mickey que apresentou timidamente, há muitos anos, e que iria dar-lhe, dum golpe, fortuna, glória e popularidade.

PARA comemorar o 20.º aniversário da Metro-Goldwyn-Mayer, o São Luiz repôs, na sua tela, alguns dos filmes mais célebres produzidos por aquela firma nos últimos doze anos. O público acorreu em massa — e voltou a emocionar-se com «Trader Horn», da mesma forma como vibrou com «A Rainha Cristina». E a parada festiva incluiu «A viúva Alegre», «San Francisco», «Margarida Gautiers», «Maria Antonieta» e «Terra Bendita» — que a plateia seguiu com agrado inconsciente.

A apresentação de tais filmes tornou mais flagrante o contraste entre a produção americana da hora actual e aquela que Hollywood nos deu antes da guerra. Que opereta recente pode comparar-se, em grandeza e magnificência, a essa portentosa «Viúva Alegre»? Onde está o filme que suporte o confronto com «Terra Bendita», epopeia e gesta do amor à terra? E, no capítulo de reconstituições históricas, que película é capaz de ombrear, em magnificência e grandeza, com «Maria Antonieta»?

Alguma coisa, de facto, mudou, no signo da produção de Hollywood. E não é difícil encontrar as razões que explicam e justificam essa mudança. Uma palavra só diz tudo — a guerra!

Cinco anos de guerra, com efeito, fizeram sentir-se tragicamente na orientação da indústria cinematográfica americana. A invasão da Polónia foi o primeiro golpe vibrado no mercado europeu. Pouco tempo depois, a França, a Bélgica, a Holanda, a Grécia e os estados balcânicos desapareceram, praticamente, do número dos países que exibiam filmes yankees.

E, em escassos meses, a América, sob o ponto de vista cinematográfico, viu a Europa circunscrita a Portugal, a Suíça e a Suécia... Este facto, só por si, explica muitas coisas. Houve tempos em que a indústria americana se contentava em amortizar nos Estados Unidos o custo dos grandes filmes, porque vinha buscar o lucro ao Velho Continente. Por outro lado, a Europa funcionava, por vezes, como elemento de compensação em relação ao êxito. As filhas do Greta Garbo, por exemplo, tinham do lado de cá do Atlântico um sucesso muito maior do que em terras americanas. Por aqui se vê a extraordinária importância de que o mercado europeu se revestia para os produtores da Cinelândia. Mas depois de Pearl Harbour, com o mundo em chamas, a situação piorou! E hoje Hollywood conta, praticamente, com os mercados das três Américas para a exploração dos seus filmes. Daí a necessidade de caminhar com prudência e de não se meter em inglorias aventuras...

Este é o aspecto económico, digamos assim. Porque há ainda o aspecto artístico. O cinema tem hoje os seus mais célebres actores e os seus melhores técnicos entregues, em diversas tarefas, ao esforço comum. Só a Metro, por exemplo, conta nas fileiras do exército, da marinha e da aviação, os seus quatro galãs mais célebres, que figuram, aliás, entre os primeiros de todo o mundo: Clark Gable, Robert Montgomery, Robert Taylor e James Stewart. Os realizadores de nomeada que, pela sua idade ou nacionalidade, não estão sujeitos ao serviço militar, dedicam-se com igual afinidade aos serviços cinematográficos de Propaganda e do Exército. E em actores e realizadores de renome, Hollywood tem medo de se abalançar às super-produções. Daí, remeter-se a uma prudente defensiva, procurando valorizar os filmes correntes com o prestígio de grandes atrizes ou temas da actualidade. Não queremos dizer com isto que a era dos filmes «espectaculosos» haja passado, mas simplesmente que as circunstâncias do momento não favorecem a sua produção.

Mas há ainda que ter em conta que Hollywood consagra hoje os seus melhores esforços à produção de filmes para uso interno, onde a propaganda é orientada segundo as conveniências nacionais. E esses filmes, pelas suas características, perdem por vezes as possibilidades de exploração internacional, sobretudo se se atender à situação dos outros países, em face do mundo em guerra.

Há, portanto, e apesar de tudo, uma crise de «super-filmes». Esperemos que a Paz traga novamente à indústria o prestígio dos grandes espectáculos. Se eles agora escasseiam, a culpa não é do cinema — mas das circunstâncias anormais que o mundo vive. E não tem sido pequeno o milagre da indústria, fazendo face, galhardamente, a todas as dificuldades com que luta. Porque, mesmo assim, nos tem dado espectáculos que se impõem sob todos os aspectos, embora sem a grandeza dos de outros tempos.

FERNANDO FRAGOSO

Sabem quem é?

Linda Darnell nesta foto parece copiar Kay Francis. O penteado — que é o «dernier-cri» dos cabelereiros de Hollywood — apresenta sob tão inesperado aspecto!



EM TERRA, NO MAR OU NO AR

USE

RALCO
LA CHAUX DE FONDS • SUISSE

IMPERMEAVEL AUTOMATICO
MAGNETICO AMORTECEDOR DE CHOQUE

MODÉLO Nº338.294 - ESC.450,00
MOSTRADOR LUMINOSO

RELOJOARIA
MAURY
RUA AUREA 202-LISBOA

Outros modelos desde 300\$00

composição / Mentholum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. - Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS

Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1ª classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever
PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelarias e Tipografias
Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)
Rua dos Correios, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75	
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,96	
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS 19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9			
20,45							
a				(Meia hora de programa especial)			
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	25,3	WGEX 25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX 25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ 30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77	

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

**FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET
LITOGRAFIA**

BERTRAND (IRMÃOS) L. DA
FOTOGRAVURA
E OFFSET

Fornecedores do Estado Português

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
P. B. X. 21368 - 21227

★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

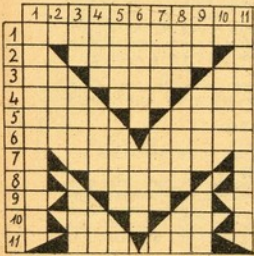
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º - LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 34

Por Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1—Arte de escrever em letras de ouro. 2—Achatada. 3—Nada; reabilita; a esse respeito. 4—Três letras de sfóros; mas; suplique. 5—Malévolos; flutue (inv.). 6—Que sustenta; coral azul. 7—Que abaixa (músculo). 8—Clência da moral. 9—Prendo. 10—Letra grega; preposição. 11—Princípio; carta numa só folha.

VERTICAIS: 1—Duro. 2—Compreendera (inv.). 3—Avançar; joelra; constelação austral. 4—Realga; aumenta; notei (inv.). 5—Cidade da Noruega; mordisca. 6—Terreno que uma junta de bois lavra num dia; bolor. 7—Ribanceira; tédio. 8—Altar; repete; artigo (arc.). 9—Nota musical; cheiro; ave pernalta. 10—Navegar. 11—Forasteiro.

Nota—O dicionário adoptado para este problema foi o de Augusto Moreno, complementar.

PROBLEMA N.º 33

Solução

HORIZONTAIS: 1—Em. 2—Cí-cero. 3—Ocara; sólo. 4—Lelria; ás; radico. 5—Alre; Nazaré; aral. 6—Uro; all. 7—Ra; ar; um; av. 8—Ir; lo; ré; se. 9—Nem, fui. 10—Duas; santos; alar. 11—Ascese; na; gibóia. 12—Euros; ar-mar. 13—Soarão. 14—Lá

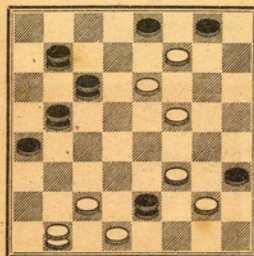
VERTICAIS: 1—Laurinda. II—Elra; réus. III—Oiro; ai; mace. IV—Cré; eros; seu. V—Caf; sr. VI—Ira; eó. VII—Ega; az; nu; sal. VIII—Mé; Sá; tá; ara. IX—Ror; grá. X—Ola; imo. XI—Ida; aura; aba. XII—Oira; me; flor. XIII—Cala; sual. XIV—Oliveira.

DAMAS

PROBLEMA N.º 39 (Concurso)

Por José António Reis Martins (Caminha—Minho)

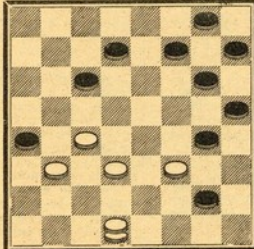
(Dedicado ao distinto «damista» Alberto Pinto de Almeida Rocha, de Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 40 (Concurso)

Por Raúl Duarte Girão (Pernes)

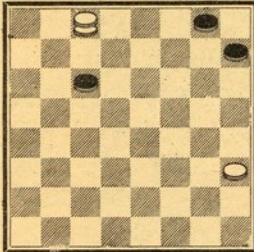


Jogam as brancas e ganham.

FINAL DO JOGO N.º 10 (Concurso)

Por Lutz António David (Lisboa)

O autor tem a honra de dedicar este final de jogo ao excelente técnico «damista», Ex.º Sr. Capitão Evaristo António Borges, do Porto.



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 37 (Concurso)

(Solução)

21-26 3-6 19-23 23-32
30-21 10-3 3-12-22-13 24-15
32-10-17-30-20-11 ganham.

P.

PROBLEMA N.º 38

(Solução)

15-19 2-5 4-11-24 23-28
22-15 11-2 29-22 32-23
21-26 17-30-16-7-18-31 ganham.
30-21 P.

FINAL DE JOGO N.º 12

Por F. Henriques (Almeirim)

(Solução)

1.ª hipótese

14-19 19-23 23-30 29-19
17-13 31-27 13-10 10-6
19-28
32-23 30-2 g.

2.ª hipótese

14-19 19-23 29-8 (*)
17-13 31-28 28-19

3.ª hipótese

14-19 19-22
31-27 27-18

4.ª hipótese

14-19 19-23 29-15

31 (ou 32)-28 28-19 31 (ou 32)-28

15-8 6-10 10-6
27-23 23-20 20-16

(*) Há aqui uma dual que se presta à seguinte variação artística:

29-19, 28-24; 23-27, { -13-10; 19-5, 20-15;
5-28, g
24-20; 27-30 { -20-15; 19-12, 13-10;
12-19, 10-8; 19-28, g

Notas do autor—O fundamento estratégico deste final é o sustento indirecto da «pedra» preta mais avançada, pela ameaça do «disparo» 23-27. Desfeita pelas pretas esta ameaça com o sacrifício da «pedra» de 31, segue-se o ataque directo da «pedra» avançada, preparação para novo «disparo», desta vez inevitável.

A falsa chave 29-22 está demolida por: 31-28; 22-31 (se 14-19, 28-23, E.), 28-24; 31-27, 24-20; 27-16, 17-13, etc., empata.

CAMPEONATO DE JOGO DAS «DAMAS», DAS CALDAS DA RAINHA

Este campeonato, que se realizou em duas voltas, terminou com o resultado seguinte:

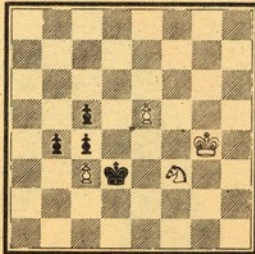
- 1.º—José Simões (Campeão).
- 2.º—José Rodrigues Girão.
- 3.º—António A. dos Santos
- 4.º—César Gomes.
- 5.º—António Garcia Botelho.
- 6.º—Armando Ferreira Louro.
- 7.º—Abel Ribeiro de Campos.
- 8.º—António da Silva Padrea.
- 9.º—António Botas.

A José Simões, que tão brilhantemente ganhou o título de campeão de jogo das «damas» das Caldas da Rainha, as nossas sinceras felicitações. Pelo seu valor, lealdade e verdadeira amizade que a ele nos liga, publicar-lhe-emos a fotografia num dos próximos números, prestando assim homenagem a que tem jus. José Simões é um devoto amigo da secção de Passatempo da «Vida Mundial Ilustrada».

XADREZ

ESTUDO N.º 9

Por Lissner



Jogam as brancas e ganham.

ESTUDO N.º 8

(Solução)

1. Be7, c5; 2. Bf8, Bb6; 3. Bd6, Ba7; 4. Bc7, h5; 5. Bd6, h4; 6. Be7, h3; 7. Bxg5, h2; 8. Bc1, seguido de b3 mate.

CORRESPONDÊNCIA

Jogo Manuel Marques Carolino (Nelas)—Esqueceu-se de pôr a numeração no desenho a tinta da China preta. Como o referido desenho veio sem margens, tem que me remeter um outro nas devidas condições. Logo que o reciba publicarei com muito prazer o seu problema. Excepcionalmente agradeço que a solução viesse também em bom desenho a tinta da China preta fazendo sobressair as palavras: Leia a «Vida Mundial Ilustrada».

A tranquilidade do Ventura



—Então ainda sofres muito, Ventura, com o falecimento de tua mulher?!



—Muito! E só uma coisa me consola: ao menos, agora, sei sempre onde é que ela está...

Um crime por engano

Novela de **LOPES NETO**

Ilustração de **FERNANDO BENTO**

A PENAS a porta se fechou sobre o «groom», o jornalista avançou mais alguns passos e estacou em frente da artista.

Alta, fina, muito elegante e de gestos felinos, como a maioria das artistas da tela, Olga Collin, recostada num «maple», folheava uma revista cinematográfica.

— É ela!...
Esta frase safu-lhe dos lábios, maquinalmente, numa alegria louca.

— Vocês, os jornalistas — suspirou a refugiada — são uns importunos...

— Deversos do ofício...

— É, então, uma entrevistista para o «Film»?!

O jornalista, que a olhava fixamente, deu por principiada a entrevistista.

— Pensa ficar em Portugal?...

— Não! Partirei para a América, onde espero continuar a minha carreira...

— Gloriosa carreira!...

E a entrevistista continuou com as suas inúmeras perguntas e respostas. Mas, de repente, Olga Collin mudou a posição dos «contendores».

— O senhor também é francês? Conhece-se pela pronúncia...

— Sou. Trabalhava no «Paris-Soir» quando estalou a guerra.

— No «Paris-Soir»? Então conheceu meu marido?

— Sim. Conheci perfeitamente... E pena é que tu própria não tivesses reconhecido ainda teu marido. Porque sou eu mesmo, Roland Raskin...

O falso jornalista calou-se bruscamente. A artista estremeceu, mas logo se dominou, enquanto ele continuava:

— Esta é a tua última entrevista. Vim até aqui para saber o que pensavas de mim... Tenho espiado todos os teus passos desde a noite em que te encontrei nos braços daquele homem.

Olga Collin soita uma gargalhada.

— Endoideceste? jornalista? A que homem te referes? Não sou tua mulher...

Roland Raskin cerrou os dentes e cresceu para ela de punhos ameaçadores:

— Ainda tens o atrevimento de...

Ela tremeu e refugiou-se, de um salto, por detrás do «maple». Mas ele, parando súbitamente, pareceu tomar uma resolução satânica:

— Vais pagar a tua ousadia. Uma bala deste... Mas antes, quero para recordação... uma foto.

Num salto, a artista correu, tentando segurar o «Kodak» que estava sobre a pequena secretária. Mas ele antecipou-se-lhe.

— Agora, sorri. Sorri pela última vez, como se estivesse no cinema...

Num salto ágil, ela recuou. Os olhos cheios de pavor, mãos ora estendidas, ora cruzadas sobre o peito. Lívida, a boca entreaberta prestes a soltar um grito. O jornalista carrega no botão do «Kodak». Um pequeno ralo ilumina o quarto. Ela contorce-se, as pernas vergam-se-lhe e cai desamparada...

— Matei-a! — exclama ele alucinado, deixando cair a máquina.

As últimas palavras da artista assaltam-lhe o cérebro: «Eu não sou tua mulher!».

A revista, caída junto do cadáver, atrafu-o. Na capa, uma grande fotografia. Baixa-se. Os seus olhos dilataram-se mais. Febrilmente lê: «A mais recente fotografia de Olga Collin, a grande «estréla» francesa, actualmente em Hollywood». Raskin cambaleia. As mãos crispam-se no revólver. Para não cair, encosta-se à secretária. Não acreditava no que lera. Ajoelha-se então e procura qualquer coisa. Mas na anca esquerda daquela mulher não encontra o sinal de Olga Collin.

Decididamente, não assassinara sua mulher. Quem seria então? Porque usaria um nome falso? Tudo isto se entrecrocava no cérebro do jornalista, sem encontrar solução possível.

«Eu não sou tua mulher!». E novamente esta frase maldita lhe torturava a Idéia.

Mas não há tempo a perder. Rasga uma folha do bloco e escreve:

«Assassinada involuntariamente e por engano».

Colocou o papel sobre o cadáver, pegou na máquina assassina e safu.

* * *

A noite aproximava-se, fria, gelada, luanenta. Embeçado num impermeável, gola levantada, chapéu sobre a frente, um vulto caminha pelas ruas escuras e duvidosas do bairro.

Silêncio profundo, completo, apenas interrompido pelas passadas incertas daquele homem. Numa torre próxima, ouviu-se a meia noite. Estremeceu. Olhou em redor. Ninguém. Enterrou mais a cabeça na gola. Deu alguns passos. As forças fraquejavam-lhe. Atriu-se para um banco. Silêncio de novo. Toda a noite andara desorientado. Apetecia-lhe dormir, fechar os olhos. Sentiu que alguém lhe batia no ombro. Deu um salto no banco. Voltou-se. Um mulher envolta num longo véu inclinava-se para ele:

— Foge, sou um criminoso...

Ela soltou uma gargalhada, tentando estreltá-lo nos braços.

— Não digas tolices. Vem comigo...

Mas ele furta-se ao convite. Está alucinado e fala sem «contrôle»:

— Não, não vou. A polícia procura-me. Assassinei uma mulher que julgava ser a minha.

— Anda daí. Mais uma razão para aceitares a minha companhia...

E a custo folo-o arrastando até uma casa próxima. Subiram ao quarto andar. Um quarto pobre — uma cama e duas cadeiras. A mulher recostou-se no leito e começou a afastar o véu que a envolvia. Mas ele nem a olhava. Nervoso, caminhava de um lado para o outro. A mulher disse baixinho:

— Aqui, ninguém te procurará...

— A polícia anda na minha peugada. Ninguém me salvará.

— Hei-de conseguír...
Raskin tirou então da algibeira o jornal da tarde e ela lê:

PROCURA-SE UM CRIMINOSO

«No City-Hotel, foi assassinada a grande artista cinematográfica Olga Collin. Desconhece-se o mobil do crime. Pouco antes, concedera uma entrevista para o «Film». Sobre o cadáver estava escrito: Assassinada involuntariamente e por engano. A polícia procura o criminoso».

Quando acabou de ler, a mulher ficou mais pálida. O seu rosto comprido tinha uma expressão sombria. Os seus olhos luzidios deixaram cair duas lágrimas.

Roland Raskin olhou-a então pela primeira vez. Era ele, agora, o que parecia fulminado. Aquela... sim, aquela era Olga Collin! Mas não, não podia ser... Haveria, então, duas mulheres tão iguais que ele, o senhor de uma delas, a não conhecesse? Rolin levou as mãos para a frente, a procurar afastar a imagem da verdade. Mas Olga correu para ele e apertava-o nos braços a chorar:

— Querido, três anos de exílio, de sofrimento, chegaram para assim me transformar aos teus olhos?

Ele nem podia acreditar:

— Mas então, a outra, a que eu matei, a que eu vi nos braços de outro homem e em quem me quis vingar?...

— Há um terrível engano em tudo isto, querido... Vivo nesta mansarda, encontrei-te, arrastei-te para aqui... queria experimentar-te. Mas não sabia do teu drama. Há três anos que não sabia de ti. Há três anos que a guerra nos separou...
Lá fora, do outro lado da porta, soaram pancadas fortes e ouviu-se uma voz imperativa a anunciar a polícia. Roland Raskin olhou a mulher chorosa nos seus braços e num instante mediu toda a grandeza do drama e da fatalidade irremediável que os atingira. Desembarçou-se rapidamente da mulher, correu para a janela e precipitou-se no espaço. Ouvia-se um grito lancinante mas quando os agentes entraram havia no compartimento, apenas, uma mulher desmaiada.

* * *

No dia seguinte, os jornais publicavam a notícia sem mais comentário:

«Para manobrar, a espiã usurpou o nome de Olga Collin, que vive entre nós na maior miséria. Fugia a entrevistas e não queria conviver senão com quem lhe interessava. No «Kodak» receptor de raios mortíferos foram encontrados os planos de invasão de um arquipelago do Atlântico por uma potência europeia».



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844
Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27